

UNIVERSIDADE DO ESTADO AMAZONAS -UEA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA
AMAZÔNIA

Fabiane Andrade Batista

INVENÇÕES DE UMA MULHER PÁSSARO: MODOS DE TRANSVER AS
AMAZÔNIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS



Fabiane Andrade Batista

**INVENÇÕES DE UMA MULHER PÁSSARO: MODOS DE TRANSVER AS
AMAZÔNIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia como requisito para a obtenção do título de do Mestre em Educação em Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas.

Orientadora: Dr^a. Mônica de Oliveira Costa

MANAUS-AM
2025

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

B333i

Batista, Fabiane Andrade
Invenções de uma mulher pássaro : Modos de transver as
amazônias no ensino de Ciências / Fabiane Andrade Batista .
Manaus : [s.n], 2025.

145 f.: color.; 21,0 cm.

Dissertação - Mestrado em Educação em Ciências na
Amazônia- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.

Inclui Bibliografia.

Orientador: Mônica de Oliveira Costa.

1. Amazônias. 2. Escrita de si. 3. Arte. 4. Ensino de Ciências. I.
Mônica de Oliveira Costa (Orient.) II. Universidade do Estado do
Amazonas. III. Título

CDU(1997)372.85(043.3)

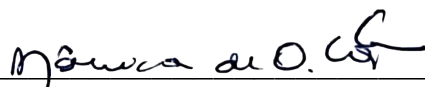
Fabiane Andrade Batista

**INVENÇÕES DE UMA MULHER PÁSSARO: MODOS DE TRANSVER AS
AMAZÔNIAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia como requisito para a obtenção do título de do Mestre em Educação em Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas.

Orientadora: Dr^a. Mônica de Oliveira Costa

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Mônica de Oliveira Costa - UEA (Orientadora)
Componente da Banca Examinadora – Universidade do Estado do Amazonas



Prof. Dr. Leandro Barreto Dutra- UEA (Membro Interno)
Componente da Banca Examinadora – Universidade do Estado do Amazonas

Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães– UFSC
Componente da Banca Examinadora – Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

À minha família, especialmente minha avó-mãe, Deuza, minha mãe Adriana, meu avô, Calipe, que tornaram possível esse sonho de buscar uma formação acadêmica, e por ser suporte (duradouro e incondicional) da minha vida.

Ao Heitor, por ser apoio transbordante, disponível e confortante.

À minha orientadora, Mônica, por sonhar, acreditar, voar, oferecer suporte a esta pesquisa e por ser uma acolhida cuidadosa da minha escrita.

À Anny, Hívina e Stivisson, que me fizeram acreditar na potência da escrita e dos encontros, contribuindo para meu trabalho de diversas formas, para além dos pensamentos e desabafos compartilhados.

Ao grupo Vidar em-Intensões, por ser um convite constante à diferença e mostrar as possibilidades de voo.

Aos professores do PPGEEC (UEA), do curso de Pedagogia (UFAM-ICSEZ), e todos aqueles que passaram pela minha vida, com quem pude aprender, estudar e vivenciar.

À banca de professores, pela escuta sensível, leitura e sugestões.

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, pelo financiamento e suporte a pesquisa.

A todos aqueles, humanos e não-humanos, que com suas presenças, gestos, palavras, pinturas, olhares, percorreram esse caminho comigo e que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação enquanto pesquisadora-professora-pássaro- gente.

RESUMO

A presente pesquisa de mestrado tem como objetivo compor uma mulher-pássaro em voos e em plumagens, por amazônias inventadas no ensino de Ciências. Nesta dissertação, pintamos e inventamos amazônias menores, acompanhadas por alguns intercessores que nos afetaram durante a vida e os (des)caminhos do mestrado. Atravessada pelas tentativas de transver, inspirada na poesia manoelina, presente em “As Lições de R.Q.” e pela visão fontana, contida no poema “As canções do ver, a pesquisa escorre em processualidade numa tentativa de trilhar rastros dos caminhos percorridos. Entre eles, os encontros da mulher-pássaro consigo mesmo e com o outro, junto de outros artefatos de subjetivação, como a literatura, músicas, pinturas, imagens, experimentações no Programa de Pós-graduação, na docência e na vida. Primeiro, a pesquisa discute o processo formativo desenvolvido por meios de narrativas e dos aportes metodológicos, no encontro com Michel Foucault, Gilles Deleuze, Manoel de Barros tantos outros/outras que vivem, sonham, habitam ou são habitados por múltiplas Amazônias, sendo eleitas as ideias da Escrita de si e Cartografia para materializar uma autobiografia inventiva. Articulados a invenção de outros modos de ver e dizer as amazônias, esta investigação se alinha à Filosofia da Diferença, especialmente pelas ideias de Arte e Diferença em Deleuze e Guattari, além de experimentações atravessadas pelo corpo da mulher-pássaro. Na invenção de si, este corpo se movimenta e compõe uma professora inquieta, aspirante a artista-pintora, que encontra nas brechas dos saberes formais o espaço para incorporar uma visão fontana, em um olhar que ultrapassa, que reinventa o cotidiano e o torna mais vivo. Desse modo, como as amazônias podem fazer nossos mundos se movimentarem? Como criamos sensações com elas? Os resultados se dispersam nos tópicos dispostos nos voos e plumagens, possibilitando um olhar mais sensível para as relações entre ciência, arte e filosofia. Os rastros da pesquisa nos levam a amazônia-vida, amazônia-repetição-diferença, amazônias-alegres-coloridas, amazônias-sensações, que fazem vibrar caminhos inventivos, na qual é possível reinventar também à docência. Por fim, buscou-se os arremates finais do texto desta dissertação, retomando as ideias de amazônias por meio de encontros com a arte e os efeitos para o ensino de Ciências, expondo por fim, as amazônias como obra de arte.

Palavras-chave: Amazônias; Escrita de si; Arte; Ensino de Ciências

ABSTRACT

This master's research aims to compose a bird-woman in flight and in feathers, through the Amazons invented in the teaching of Science. In this dissertation, we paint and invent smaller Amazons, accompanied by some intercessors who have affected us during our lives and the (mis)paths of our master's degree. Crossed by attempts to transverse, inspired by the poetry of Manoel de Barros, present in "The lessons of R.Q." and through Fontana's vision, contained in the poem "The Songs of Seeing", the research flows in processuality in an attempt to follow the trails of the paths taken. Among them, the encounters of the bird-woman with herself and with the others, along with other artifacts of subjectivation, such as literature, music, paintings, images, experiments in the Postgraduate Program, in teaching and in life. First, the research discusses the formative process developed through narratives and methodological contributions, in the encounter with Michel Foucault, Gilles Deleuze, Manoel de Barros and many others who live, dream, inhabit or are inhabited by multiple Amazons, with the ideas of Self-Writing and Cartography being chosen to materialize an inventive autobiography. Articulated with the invention of other ways of seeing and speaking about the Amazons, this investigation is aligned with the Philosophy of Difference, especially through the ideas of Art and Difference in Deleuze and Guattari, in addition to experiments traversed by the body of the bird-woman. In the invention of herself, this body moves and composes a restless teacher, aspiring artist-painter, who finds in the gaps of formal knowledge the space to incorporate a Fontana vision, in a look that goes beyond, that reinvents the everyday and makes it more alive. In this way, how can the Amazons make our worlds move? How do we create sensations with them? The results are dispersed in the topics arranged in flights and plumages, enabling a more sensitive look at the relations between science, art and philosophy. The traces of the research lead us to the Amazon-life, the Amazon-repetition-difference, the happy-colorful Amazons, the Amazon-sensations, which make inventive paths vibrate, in which it is also possible to reinvent teaching. Finally, the final touches to the text of this dissertation were sought, resuming the ideas of the Amazon through encounters with art and the effects on the teaching of Science, finally exposing the Amazon as a work of art.

Keywords: Amazonia; Self-writing; Art; Science Teaching.

Sumário

Mulher-amazônida-artista-professora-pássaro-etc.....	8
Exercícios de esboços antes de pintar: um autorretrato transvisto	11
Enquanto isso no ateliê... escritas de si e cartografias	19
As plumagens da mulher-pássaro em composições amazônidas	39
Primeiras penas.....	40
Sou livre para o silêncio das formas e das cores.	42
As linhas formam letras, traços, sonhos	43
Linhas azuis	45
Penas e poemas	48
Laranja-sussurro	50
O verde espalhado	51
Mulher-pássaro por Mulher-pássaro	56
Verde-infinito.....	57
Era tudo amarelo.....	60
Amarelo-fascínio	63
Iridescências que cantam entre penas	66
As asas estão prontas?.....	71
.....	71
Voos da mulher-pássaro e a invenção de amazônias	76
Planos de voo.....	77
Ensaio de voos	83
Voo em revoada.....	85
Docências que sobrevoam rios-experimentações	91
Voos sem destino.....	99
Pouso na Amazônia-repetição-diferença... ..	101
Voos em amazônias-alegres-coloridas	103
Voos pairados em amazônias-sensações.....	108
Voo ao entardecer da mulher-pássaro	115
Saltando em amazônia-vida	117
Experimentações em amazônia-vida	120
Composições amazônidas da mulher-pássaro	131
Amazônias como obra de Arte	132

Mulher-amazônida-artista-professora- pássaro-etc

O ano era 1998

O mês era março

O dia era seis

Foi ali que começou um pouco da minha história

Nasci no município de Parintins

Também conhecido como: Ilha da Magia, Ilha tupinambarana

É um lugar onde as coisas passam devagar

É cheio de vida, afeto e de muita arte.

Contagiada por essa arte que respira nas ruas,

também me vi artista:

Faço pinturas, escrevo, invento mundos.

Diante da possibilidade de colorir amazônias,

pesquisar se mostrou uma opção para produzir e criar outros modos

Modos de pensar, habitar e sentir com a vida

E para que isso acontecesse, foi preciso sair do lugar. De

Parintins a Manaus, um pouco mais de 20 horas de barco Com o

balanço da rede de companhia,

E uma mala cheia de sonhos e saudades Inaugurei viagens de si

Desloquei ideias

Disparei outros modos de olhar as coisas ao meu redor Para isso

alguns portos foram abandonados

Que chegadas me esperam? Que chegadas estou a inaugurar?

Percorri por trajetos semelhantes aos rios, tortos, retos,

calmos, agitados

Enfrentei até mesmo pororocas e rajadas de vento.

Mas nesse vai e vem, os encontros alegres prevaleceram Os

movimentos me levaram a criar uma mulher-pássaro Que brinca e

inventa com a docência e a vida

Que sobrevoa em diferentes espaços

Pousa no banco da praça, na escrivaninha do ateliê, na árvore

Logo, foi preciso percorrer não apenas rios, mas céus e terra.

Nos voos, devires ganham força

Carregados de arte, ciências, filosofia, experimentações e Vidar
Nesse momento, a visão fontana já estava no corpo.
Enfim, de criança parintinense que sonha em seu quintal Fui em
busca de outros modos de ver e dizer
De ver e dizer amazônias
De ver e dizer Ciências
De ver e dizer Docências
De transver.

Canções do ver

Por viver muitos anos dentro do mato
moda ave
O menino pegou um olhar de pássaro –
Contraiu visão fontana.
Por forma que ele enxergava as coisas
por igual
como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra.
E tal.
As palavras eram livres de gramáticas e
podiam ficar em qualquer posição.
Por forma que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao canto formato de sol.
E, se quisesse caber em uma abelha, era
só abrir a palavra abelha e entrar dentro
dela.
Como se fosse infância da língua.

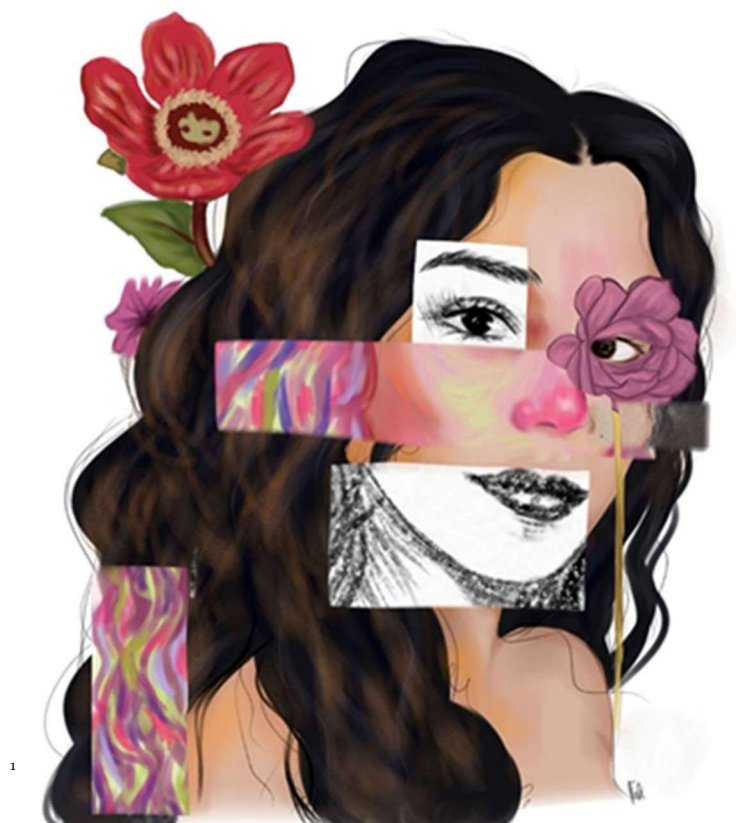
Manoel de Barros

Lições de R.Q

Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):
A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem de suas derrotas.
Só uma alma atormentada pode trazer para a voz
um
formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê e a imaginação
transvê.
É preciso transver o mundo.

Manoel de Barros

**Exercícios de esboços antes de pintar:
um autorretrato transvisto**



Na tentativa de esboçar os movimentos de pintura e escrita, encontro gestos que me aproximam da necessidade de renovação de perspectivas. Na obra “Múltiplas”, pintura-colagem de minha autoria, trago o autorretrato imbricado aos movimentos da vida e suas formas indefinidas, com diferentes tonalidades, com linhas que são onduladas, às vezes curvas, outras retas.

A imagem é composta por diversas outras pinturas feitas em momentos distintos da vida: algumas mais coloridas, outras mais realistas, outras menos, e aquelas feitas em preto e branco, e que por fim, evidenciam e desformam um pouco de mim.

A ideia de criar um autorretrato surgiu a partir de uma sugestão da minha orientadora. No início, eu não sabia por onde começar, pois estava há algum tempo afastada das pinturas. Ao longo da vida, fiz muitos autorretratos, embora sempre

¹ Colagem intitulada “Múltiplas” produzida pela autora no dia 17 de maio de 2024.

sentisse que não conseguia me capturar por completo. Experimentei diversos formatos: alguns ficaram abandonados pela metade, outros foram feitos digitalmente, outros à mão. Decidi, então, retomar as obras já criadas e montar uma colagem que, de certo modo, reunisse diferentes versões minhas e meus diversos estilos ao longo dos anos. Essa colagem acabou se tornando um recorte do que trago nesta dissertação: muitas em uma.

Um autorretrato, registro no qual o próprio artista é o objeto, constitui um movimento de reconhecimento de si, que geralmente tende à fixidez e a estaticidade. Segundo Canton (2001), o autorretrato oferece uma experiência, onde o artista deseja deixar uma marca, de carimbar o mundo com sua presença, em um mergulho para dentro de si para então projetar-se. Requer um constante reinventar-se.

Ao valer-se da arte como um espaço de resistência, a obra de arte permite um lugar capaz de fazer o artista tornar-se outro, deixando ser afetado por pluralidades, pela reinvenção de si, e conseqüentemente por novos olhares. Para desfazer do que está dado, “às vezes me pinto nuvem, às vezes me pinto árvore... às vezes me pinto coisas de que nem há mais lembrança... ou coisas que não existem mas que um dia existirão...” (Quintana, 2005, p.110).

A pintura revela uma personagem com rosto mutável, que se lança em um desdobrar entre ser mulher, filha, professora, pesquisadora, amazônida, pássaro, gente e várias outras.

Ao me retratar, sou atravessada pelas tentativas de transver, inspirada na poesia manoelina, presente em “As Lições de R.Q.” no Livro sobre Nada, e pela visão fontana, contida no poema “As canções do ver” em Poemas Rupestres. Desse modo, buscou-se extrair outros/novos acontecimentos possíveis.

Tocada pelas palavras de Manoel de Barros, senti o desejo de trazê-lo para dentro da dissertação, ainda que sem entender muito bem o que fazer com essa ideia. Manoel é um poeta que me faz sentir que posso mais, que me leva a criar, sonhar, que me encoraja a escrever e viver com mais intensidade. Ele me ensina a olhar o miúdo, a contemplar o que parece inútil, e foi por meio dele que também retomei a prática de ler mais poemas e, com isso, a explorar minhas próprias criações.

Entre tantas de suas invenções, foi o transver que fez meu coração palpitar mais forte. Já a visão fontana surgiu mais tarde, depois da qualificação, mas não por isso menos potente.

Em suas poesias, somos convidados a (re)pensar a visão e o olho para além de um órgão perceptivo. Para o poeta “quem manda em poesia é a visão, nem o ver é fundamental o ver também é acessório. Quem manda é a visão, a visão vem completada de loucuras, fantasias e bobagens profundas” (Barros, 2006, entrevista).

Penso que o transver é essencialmente essa atividade de invenção, que potencializa aquilo que força o pensamento para a criação. O prefixo trans tem origem no latim, que significa além de, para além de, em troca de, ao través, através, remetendo a um movimento de atravessar, de ultrapassar limites.

Nas lições aprendidas com Rômulo Quiroga, pintor boliviano e personagem inventado do poema em questão, percebe-se os hábitos cristalizados como aqueles que podem impedir de des-formar, re-ver e trans-ver o mundo. Portanto, transver remete a uma ação que vai além do olhar empírico que associa o nome e a coisa, pois busca criar novas formas e desmontar a realidade. Pensar diferente do que comumente se pensa, que nem Michel Foucault nos sugere “[...] explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento, através de um exercício de um saber que lhe é estranho” (Foucault, 1994, p. 15).

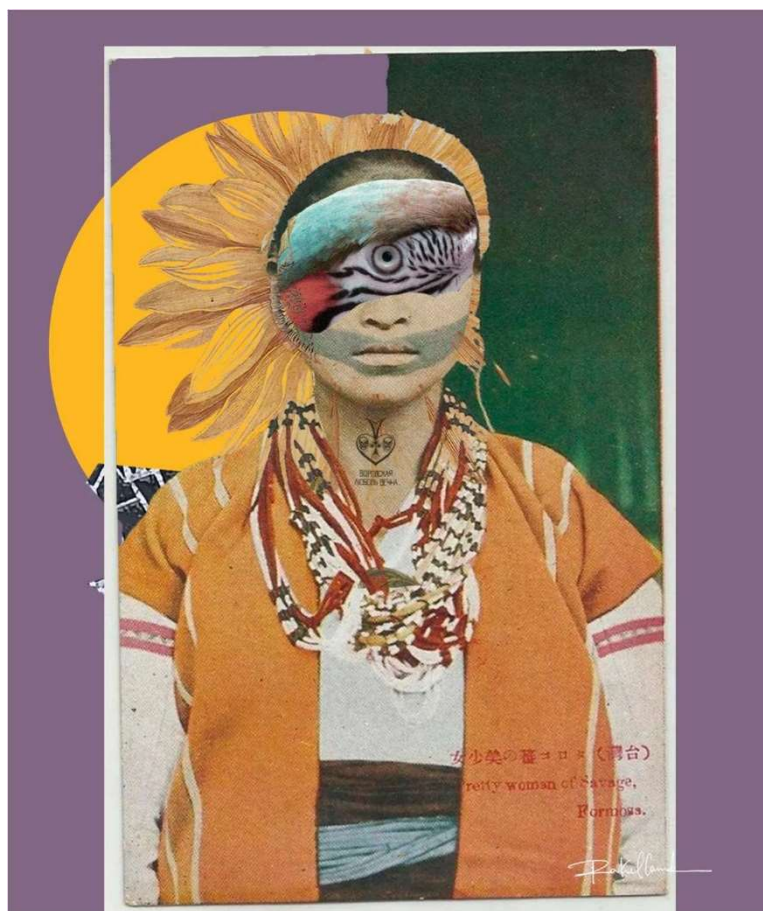
O transver convoca outros sentidos que atravessam aquilo que é visto, como um olhar tateável, presente em trechos de seu poema: “[...] eu queria pegar com as mãos/ no corpo da manhã. /Porque eu achava que a visão fosse um ato poético do ver [...]” (Barros, 2010, p. 453), uma audição através do toque como em “pegar no estame do som” (Barros, 2010, p. 399), ou um respirar pelas mãos como em “Alcanço com as mãos o cheiro dos telhados” (Barros, 2010, p. 264).

Em tentativas de transvisão, criou-se um corpo, onde os olhos são contaminados pela visão fontana. Este outro poema, descreve um menino que enxerga além das aparências e das convenções, e que de tanto viver dentro do mato, moda ave, contraiu um olhar de pássaro. Quem sabe, panorâmico, mais colorido, atento, poético. Já que o olhar das aves é múltiplo, especializado para atender às suas necessidades em voo, na busca de alimento e comunicação. Por exemplo, algumas por terem os olhos separados, um de cada lado da cabeça (nas têmporas, ou seja, nas fontes), atingem uma visão diferente da dos mamíferos, chegando muitas vezes, a 360° (Silva, 2017). Outras possuem excelente percepção de cores e podem ver uma gama mais ampla do que os humanos, enxergando cores ultravioleta, o que lhes permite detectar padrões e sinais invisíveis. Além disso, algumas são altamente sensíveis ao movimento, e outras tem adaptação para enxergar com pouca luz, como as corujas. Acredito que a visão fontana

permite ver o mundo por igual, atribuindo valores semelhantes a coisas grandes e pequenas, e a partir dela aprendemos a reinventar nomes, inaugurar palavras, surgindo possibilidades de percebermos as coisas ainda “inonimadas”.

Manoel nos convida a ver o mundo com olhos de arte.

Ao encontrar o poeta, a escrita desta dissertação passou a percorrer outros caminhos. Em uma escrita de si, dentro da perspectiva pós-estruturalista, estas palavras pousam e percorrem pelo desejo de invenção, como uma possibilidade de pensar modos de transver a amazônia.



2

Composta por diferentes memórias, pinturas, e criações que movimentaram o processo de pesquisa da mulher-pássaro, o voo se deu a partir das vivências no mestrado e da vida em diversos encontros. Na busca constante de significar minha relação com a pesquisa, a Amazônia, que faz parte da minha vida, (não apenas por ter nascido neste espaço), passou a atravessar diversas sensações no corpo.

² Colagem produzida por Rakel Caminha (2023), disponível em: <https://www.manartgaleria.com/pages/artista-visual-rakel-caminha>.

Amazônias que convocam afetos, docências, ciências, arte, experimentações... E por que a Amazônia?

A Amazônia sempre me chamou atenção, não apenas por sua floresta, mas também pelo modo como ela constantemente ocupa espaços nas mídias, carregada de discursos que ora a exaltam, ora a reduzem a clichês. Assim, também fui moldada por essas imagens cristalizadas, repetitivas, que restringem suas possibilidades.

Nas últimas décadas, a Amazônia entrou em evidência em diversos aspectos: degradação em seu território, mudanças climáticas, proteção dos direitos indígenas, promoção do desenvolvimento sustentável etc.

De acordo com Salvo e Rodrigues (2021), existe uma acirrada disputa pelo poder de significar a Amazônia. Com isso, vários atores, campos e organizações confrontam, reafirmam, sobrepõem e redefinem concepções sobre esse espaço.

Gonçalves (2017) enfatiza algumas ideias atribuídas sobre a região.

A Amazônia como natureza: imagem está praticamente consagrada nos mais diversos espaços, como na literatura seja ela didática, científica, artística, pelos meios de comunicação, na escola, nos currículos.

A Amazônia como vazio demográfico ou vazia: ao mesmo tempo que essa imensa região abriga grandes recursos naturais, ela é vista como um verdadeiro vazio demográfico e, portanto, vulnerável a eventuais pretensões de disputas.

A Amazônia como reserva e fonte inesgotável de recursos: a partir dessa ideia a Amazônia se transformou em um cenário de enormes tensões e conflitos onde as primeiras imagens da região cederam lugar a uma imagem de devastação, de exploração, de violência e resistência.

Uma nova “cara”: uma Amazônia frágil, que precisa ser cuidada, passando a ser palco de discussão para a ação de organizações não governamentais, de lideranças de movimentos sociais e, também, de trabalhos científicos.

Para Gonçalves, essas visões têm se aproximado de uma ótica colonizadora, e de certa forma acabam invisibilizando e silenciando os povos que habitam a região, justificados pelo papel natural da Amazônia.

Essa Amazônia que só é tida como produtora de vida, ao oferecer serviços e utilidades, e que demonstra uma suposta necessidade de disponibilidade para a humanidade, é exemplificada por Chaves (2013, p. 92):

Quantas vezes vimos e ouvimos a Amazônia apresentada nas palavras, imagens, pela exuberância natural em contraste com sua pobreza econômica, social e cultural? Quantas vezes identificamos Amazônia como indígena e este com subdesenvolvimento, primitivismo, exotismo, algo a ser apreciado como espectador civilizado de uma “realidade” que precisa ser mantida para deleite visual das novas gerações, mas que ninguém quer para si?

Foi nesse contexto de discursos cristalizados e representações fixas que, no curso de Pedagogia, meus pés começaram a dar os primeiros saltos em direção a uma investigação mais crítica. A vontade de abordar temáticas relacionadas à natureza e à valorização da cultura amazônica passou a me acompanhar. Impulsionada pelas vivências iniciais na sala de aula, em oficinas e pesquisas de campo, percebi a potência criadora vinda da amazônia. Diante da rigidez dos currículos, especificamente como documento, me interessei pela possibilidade de um currículo multi/intercultural, que naquele momento, parecia uma opção para articular as múltiplas culturas, com a incorporação de questões emergentes da realidade.

Mas foi durante o mestrado, na disciplina “Concepções e Diretrizes Curriculares nas Ciências” ministrada pelas professoras Mônica e Caroline, que me deparei com um corpo-curículo de Ciências — um corpo que vai além daquele feito de órgãos organizados, mas que está sempre em movimento, sentindo, vivendo.

Mesmo hierarquizado e reprodutor de modelos de ensino, o currículo ainda permite brechas por onde vazam movimentos inventivos que bagunçam as normas. Para Marlucy Paraíso (2015, p.55), o currículo pode ser mobilizador da diferença, “ser feito da mesma matéria dos sonhos, dos filmes e da vida”. Já Corazza, aponta que o currículo “[...] precede hábitos, rotinas, regularidades, posições de sujeito, objetos reconhecíveis, valores instituídos, ordens estabelecidas, verdades transmitidas” (Corazza, 2012, s/p).

Na escrita desta dissertação, se rabiscou, apagou, rasurou, desde os títulos, os objetivos, e também as escolhas teórico-metodológicas em diferentes momentos. O que me aproxima do processo criativo de uma pintora, que ao iniciar sua obra, caminha e tropeça diante de telas aparentemente brancas, mas que estão “[...] cobertas de clichês preexistentes, preestabelecidos, que é preciso de início apagar, limpar, laminar, mesmo estraçalhar para fazer passar uma corrente de ar” (Deleuze e Guattari, 2010, p.262). Assim, me apoio à arte e, conseqüentemente, na sua luta contra os clichês. Apesar de não desejar o seu fim, afinal, há diferença na repetição. E, se há força naquilo que se repete, acredito que nelas e com elas seja possível encontrar frestas para novas

invenções. Foi juntando minhas paixões e meus interesses, como a pintura, os poemas, a literatura, a música, que encontrei uma forma de fazer esta pesquisa ganhar mais vida e alinhá-los ao ensino de Ciências.

Nesse alinhavar, surge o desejo de percorrer além das definições, em um processo de criação que se envolve com a subjetivação de uma mulher-pássaro atravessada por encontros e que deixa rastros inventivos de amazônias.

Mulher-pássaro, que ao se contaminar por poemas, revela ao longo da pesquisa um corpo enquanto um movimento de fluxo, em que tudo que se passa e produz é corpo. De que forma pensar as amazônias na constituição deste corpo a partir da diferença? O que acontece ao se permitir uma relação singular e diferente a cada encontro?

Me interessa, portanto, ressaltar as amazônias que estão em constante processo de criação, em existências que não se dão em realidades fixas, mas no entre, em devir. Se falar da Amazônia nos leva ao universal, ao senso-comum, a um determinado modelo de representação da sua realidade, buscou-se deslocamentos para diferentes possibilidades de vida.

Neste voo, em que não se segue o caminho acostumado, os primeiros esboços da composição desta escrita estão postos da seguinte forma: na primeira parte – Enquanto isso no ateliê... escritas de si e cartografias, discute-se o processo formativo desenvolvido durante a elaboração deste trabalho, as discussões metodológicas, por meio da Cartografia, e a ferramenta da escrita de si em Michel Foucault. Entre narrativas e pinturas, este tópico constitui os primeiros rastros de amazônias deixados pela mulher-pássaro.

O segundo capítulo – As plumagens da mulher-pássaro em composições amazônidas – versa sobre a composição das cores que cobrem o corpo e impulsionam os voos em amazônias inventivas, descobertas a partir dos encontros comigo mesma e com o outro, em caminhos percorridos na vida e no mestrado em movimento. Por meio de escritas menores, o corpo da mulher-pássaro vai sendo tecido. Em seguida, trilhou-se outros modos de ver e se movimentar, o capítulo – Os voos da mulher-pássaro e a invenção de amazônias, desvela um olhar contaminado pela arte e pela visão fontana, em sobrevoos nas amazônias que atravessam o cotidiano, como aquela vivida na praça, na casa, na universidade, na docência, nas pinturas, em todos os lugares. Assim, os arremates finais do texto dessa pesquisa, retomam as ideias de amazônias e os efeitos para o

ensino de Ciências, expondo – As amazônias como obra de arte.

Por fim, defino como objetivo geral: Compor uma mulher-pássaro em plumagens e voos, por amazônias inventadas no ensino de Ciências. A pesquisa escorre em processualidade numa tentativa de trilhar rastros que revelam os caminhos seguidos. E para entrelaçar e pintar novas linhas nesta pesquisa, definiu-se como objetivos específicos: Estudar sobre Escrita de si em Michel Foucault e Arte e Diferença em Gilles Deleuze e Guattari; Narrar a composição de uma mulher-pássaro através dos voos e plumagens pelas amazônias; e Inventar amazônias a partir de experimentações e vivências de uma mulher-pássaro e seus efeitos para o Ensino de Ciências.

Enquanto isso no ateliê... escritas de si
e cartografias

Onde eu nasci há mais terra que céu.
Tanto leito é uma bênção para mortos e sonhadores.
E de tão pouco ser o céu nasce o Sol
em gretas nos nossos pés e os corações se apertam
quando remoinhos de poeira se elevam nos telhados.
As mães espanam o teto
e poeiras de astros cobrem o soalho.
De tão raso o firmamento, a chuva tropeça nas copas enquanto nuvens
se engravidam de rios. Com tanta escassez de céu não há encosto
nem para a mais minguante lua e os meninos,
na ponta dos dedos, acendem estrelas.
Pois, nessa terra
que é tanta para tão pouco céu, calhou-me a mim ser ave.
Pequenas que são, as minhas asas parecem-me enormes.
Envergonhado,
escondendo-as dos olhares vizinhos.
Nas minhas costas pesam
versos e plumas. Voarei,
um dia, sem saber
se é de terra ou de céu
a pegada do voo que sonhei.

Mia Couto – Autobiografia



3

³ Pintura produzida pela autora em 13 de janeiro de 2025. Quis pintar um corpo em processo, mas ele me escapou entre as cores. O que surgiu foi um emaranhado de traços incertos, talvez confusos, talvez livres, feitos em aquarela e arte digital.

Início falando do ateliê, pois a partir dele os primeiros voos foram esboçados. O ateliê, aqui, já foi quarto, já foi pesquisa, já foi praça. Desorganizado em invenções, é usado de abrigo para mulher-pássaro criar.

Ao pesquisar a palavra 'ateliê', é possível encontrar diferentes definições que a caracterizam como um termo de origem francesa. Segundo Dionísio da Silva (2001), a palavra deriva de *tailler*, que significa 'talhar' em francês, e tem suas raízes no século XIV, quando designava um lugar bagunçado. Por isso, o espaço onde os artistas trabalhavam também era chamado de *chantier*, que significa 'canteiro de obras' ou 'depósito'.

Na História da arte, o ateliê sempre aparece nos relatos como um dos principais protagonistas dos acontecimentos artísticos, desde quando a casa era o lugar de produção e criação, passando pelo renascimento, pela arte moderna até chegar à arte contemporânea. O ateliê como ainda conhecemos hoje, é um lugar próprio do trabalho artístico, que pouco se modificou com o tempo em relação às suas funções. Contudo, é na arte contemporânea que o ateliê ganha diferentes formatos, sejam aqueles virtuais, nas ruas, praças, ou transformados pelo espectador.

As minhas primeiras invenções artísticas começaram em um ateliê, por isso não o elegi por acaso. Quando criança, o espaço escolhido foi o quarto, em uma escrivaninha de madeira próximo a janela vermelha. Neste cômodo-ninho, ainda existem pinturas espalhadas em cada canto, das caídas no chão, outras penduradas por fios, que balançam soltas com o vento, e algumas em papéis menores, coladas na parede com fita e cola. O ateliê também é habitado por objetos que parecem ter vida própria, desde pincéis com cerdas endurecidas que repousam em um pote de plástico, a um cavalete, que sustenta uma tela inacabada.

De um cômodo inventivo e particular, passei a levá-lo comigo para outros lugares, com o objetivo de compartilhá-lo com a pesquisa e com mais gente. Outros espaços se transformaram em ateliê: a casa, praça, rua, rio, árvore, corpo.

Assim, sempre me mantive cercada pelo fazer artístico.

Pintar, fazer colagens e escrever são algumas das formas que encontrei para me inventar. Já experimentei um pouco de tudo, mas acredito que a pintura foi o encontro que mais me atravessou, seja pelas inúmeras possibilidades ou pelas sensações que o ato de pintar provoca. De certo modo, esse encontro acabou impulsionando-me a buscar referências nas artes não apenas como ferramenta, mas como um modo de (me) perceber (n)o mundo.

A arte é minha maior referência na construção do olhar, que, de vez em quando, já se revelava curioso e colorido. No cotidiano, percebi-a como um respiro, um encontro entre vida e afeto. No pensamento da Diferença, a arte não está apenas em domínios físicos ou psíquicos, espirituais ou materiais, mas num plano de imanência em que os elementos inconstantes carregam as potências caóticas de todos os elementos (Zordan, 2005, p.262). Para Deleuze e Guattari:

A arte é a linguagem das sensações, que faz entrar nas palavras, nas cores, nos sons ou nas pedras. A arte desfaz a tríplice organização das percepções, afecções e opiniões, que substitui por um monumento composto de perceptos, de afectos e de blocos de sensações que fazem as vezes de linguagem (Deleuze e Guattari, 2010, p. 208).

Perceptos e afectos, portanto, seriam produtos do fazer artístico que transcendem o próprio criador, fazendo algo passar, atravessar, e que só pode estar presente como sensação. Desse modo, produz uma zona de indeterminação, como se as coisas e pessoas tivessem atingido um ponto infinito que precede sua indiferenciação (Soares, 2013). É isso que me interessa, a arte como construtora de sensações, com blocos que transbordam a força, marcados por uma intensidade acumulativa.

É na experiência, no contágio e na sensação que a composição se intensifica. Logo, o corpo, que não se conforma ao desenho de um discurso, desfruta o mundo, seja para os invisíveis ou para os desconhecidos. Num sentido spinozista, Alcantara (2019), enfatiza a capacidade do corpo no encontro com outros corpos, e de sua intensidade de produção. São corpos não mais marcados por afecções, ou apenas conscientes de seus mecanismos de funcionamento, mas capazes de realizarem seus próprios movimentos.

Sobre o corpo, Deleuze e Guattari, em diálogo com Espinosa, perguntam: o que pode um corpo? “Evitamos definir um corpo por seus órgãos e suas funções: procuramos enumerar seus afetos” (2012, p. 42-43). Os afetos são considerados devires.

Por muito tempo, compreendi o corpo apenas como biológico, limitado à sua materialidade. Demorei a perceber que há outras possibilidades, e que o corpo não é apenas passivo, não é apenas um suporte para algo maior e não apenas interpreta, mas que pode cada vez mais e é tudo o que temos.

Um corpo que escapa. Mas, até então, se mantinha fechado ao mundo. Em movimentos lentos, se permitiu ser afetado por uma constelação de sensações que passaram a habitá-lo. Me perguntava, um corpo pode funcionar como esse espaço de

produção de resistência (e re-existência?) Metamorfoseei, para me despir e para sentir como era ter um corpo sem os seus contornos tão delimitados.

Diante disso, me narro em pequenas composições dispersas e fragmentadas, ora com escritas menores ora com pinturas autorais, que de certo modo, refletem meu processo de pesquisa. Tais composições foram produzidas alinhadas ao corpo da mulher-pássaro, feita aos pedaços, por várias mãos, corpos e cabeças. E além dos poemas de Manoel de Barros, foi tecido por outras leituras, entre eles: Mulher-pássaro de Carolina Becker. De um pássaro híbrido que apresenta características humanas em um livro de ficção, me vi envolvida no encontro da criação de outras vidas, de encontros que nascem mundos, onde há uma mistura, uma metamorfose, do ponto onde não se é mais o mesmo, e não se é o outro.

Para além de uma narrativa sequencial, em meio às minhas pinturas, artistas amazônidas e outros que me atravessam se revelam, desde os mais conhecidos até aqueles que deixam suas marcas nos muros ou trilham caminhos independentes. Artistas de Parintins, Manaus, São Gabriel da Cachoeira, Belém, Rondônia. São convidados a aproximar a arte da Amazônia à escrita e ao desejo de dar visibilidade a amazônias menores. Outras pinturas também brotam entre as palavras, produzidas a partir de uma experimentação de minha autoria, realizada de forma coletiva. O 'Ateliê da Mulher-Pássaro', ocorrido no Centro Cultural Casarão de Ideias, em Manaus, foi um encontro alegre com participantes do grupo de pesquisa Vidar em In-Tensões e outros convidados, no qual foram partilhadas amazônias feitas por muitas mãos e tintas, que se fundem à escrita ou agregam a ela novas camadas. A partir delas e com elas, também pude criar e inventar.

Para isso, em uma escrita de si que incita a produção da diferença, fui em busca de amazônias que habitam o corpo da mulher-pássaro. Em meio a essa composição, voos e plumagens revelam os caminhos percorridos na vida: o ateliê e a pintura como formas de expressão desde a infância; o fascínio pelas palavras, pelos poemas e pelos livros; a docência em Ciências, atravessada por experimentações na graduação e no mestrado; as vivências no Impacto Social e no coletivo Arte & Escola. E, ainda, no olhar desconfiado de quem se percebe amazônida.

Para compor esse texto, criou-se outros modos de escrita que se mostraram necessários no processo de pesquisa. Ao permitir a invenção, uma narrativa menos engessada foi sendo produzida, realizada em primeira pessoa, carregada de acontecimentos, com outras fontes, que retratam diferentes momentos e que refletem

pensamentos e transformações. Além disso, o uso do espaçamento se modificou, formando frases mais curtas, costuradas em colagens, pinturas, letras de música e poemas.

Passei a misturar as pinturas às palavras, como faz a personagem narradora-pintora de Clarice Lispector em *Água Viva*.

Retomo a escrita intensa e viva dessa obra, que me manteve submersa no constante registro de sensações imprevistas. O texto é conduzido por uma pintora que decide se expressar e experimentar com palavras, de modo que as duas formas se entrelacem, criando com a linguagem algo semelhante ao que se cria com as cores. Ao mesmo tempo que pinta, a personagem foge, mas retorna à palavra, permitindo-se encontrá-la de outro modo.

Clarice escreve: “[...] quando estranho uma pintura é aí que é pintura. E quando estranho a palavra aí é que ela alcança o sentido. E quando estranho a vida aí é que começa a vida” (1998, p.83). Tal estranhamento, seja da pintura, da escrita ou da vida, é muito mais complexo que aparenta, pois se entrelaça com as sensações que percorrem as veias de um corpo que cria e sente, em tentativas de capturar o impossível. Guimarães (2018) lembra da necessidade do exercício de ocupar um lugar de estranhamento, e de manter uma “certa desconfiança com relação aos posicionamentos repletos de certezas”. Esse lugar, permite abandonar posições fixadas e verdades estabelecidas para talvez descobrir e nos colocarmos de um outro modo.

Entre palavras, pinturas e estranhamentos, nasce essa dissertação. Este trabalho vai além de um requisito necessário para a obtenção do título de mestre em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia, pois nestas páginas trago minha vida e o que acredito.

E diante disso, compreendi que a pesquisa, assim como a escrita não estão seguras, pois os riscos estão sempre à espreita. A criação é evocada diante de um movimento disperso, composto por desvios que são fragmentos da leitura e do pensamento, como o gesto de olhar pela janela, de levantar a cabeça do texto por cansaço, espiar a vida do vizinho, escutar os sons da rua acompanhados dos jingles políticos e do canto dos pássaros, no deslizar a tela entre vídeos e memes no Instagram, além de intercalar por períodos de produção e períodos de pausa. E foi assim que experimentei uma escrita viva, que vai além das palavras e percorre o corpo, se multiplica e se movimenta. De modo que o pensamento se (des)organiza e encaixa as ideias (nem tanto), para assim poder escrever.

Palavras para compor esse pensamento:

liquidez

fluxo

correr

parar

inventar

voar

Palavras soltas que também associo ao ato de pesquisar.

Penso que escrever é assim, lançar-se nos turbilhões do fluxo de redemoinhos constantes. A escrita, aqui, não aparece como fim, mas como um caminho, como possibilidades de produzir diferenças, singularidades.

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. (Deleuze, 1997, p. 11).

A cada palavra escrita, uma tentativa que se dobra sobre o exercício do olhar, da cor à letra, do traço à palavra, numa tensão nunca resolvida e sempre retomada. Ao repetir em busca do novo, outros caminhos se aproximaram, como aqueles percorridos pela personagem de Clarice, marcados pela sua urgência de viver. Logo, na vitalidade escrita e no exercício dos desprendimentos, as palavras brotam, se formam e surgem em si, vindas de um sentimento inesperado ou de um pensamento que vem. A escrita e a pintura agitam o corpo, que de repente é inundado, desassossega, alegre, sufoca, estranha.

É preciso apurar a visão, olhar para além do que se vê, e não fechar os olhos diante do acontecimento.

E assim, no intervalo dessas ideias, percebi a necessidade de estar aberta aos encontros, mas também de partir em busca deles, foi preciso alçar voos. Até então, Manoel de Barros, Deleuze, Foucault, Corazza, Zordan, Chaves e tantos outros, aos quais dediquei horas de leitura para além da pesquisa, foram a base para novas misturas de arte, filosofia e ciências.

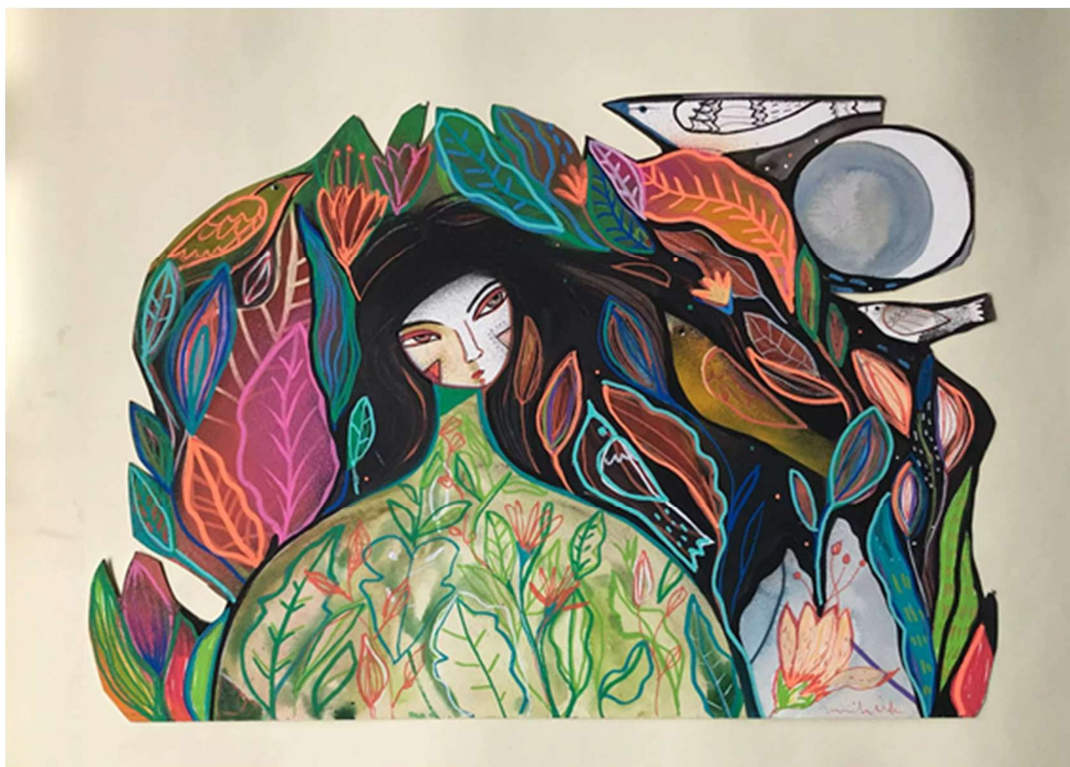
Permitamos que os afetos, os atravessamentos, as lacunas, o caminho da praça, o voo dos pássaros, as aulas, as brincadeiras, o pensamento, os incidentes, as

incertezas, e o porvir sejam experimentados ao se desdobrarem ao longo das próximas páginas.

Diante da proposta de abrir fissuras no tempo em movimentos que fazem da Arte um meio para inventar, aceita o convite para voar?

Eu ando pelo mundo prestando atenção
Em cores que eu não sei o nome
Cores de Almodóvar
Cores de Frida Kahlo, cores
Passeio pelo escuro
Eu presto muita atenção no que meu irmão ouve
Como uma segunda pele, um calo, uma casca
Uma cápsula protetora
Eu quero chegar antes
Pra sinalizar o estar de cada coisa
Filtrar seus graus
Eu ando pelo mundo divertindo gente
Chorando ao telefone
E vendo doer a fome dos meninos que tem fome

Pela janela do quarto
Pela janela do carro
Pela tela, pela janela
Quem é ela, quem é ela?
Eu vejo tudo enquadrado
Remoto controle
Eu ando pelo mundo
E os automóveis correm para quê?
As crianças correm para onde?
Transito entre dois lados de um lado
Eu gosto de opostos
Exponho o meu modo, me mostro
Eu canto para quem?⁴



5

⁴ Música “Esquadros”, de Adriana Calcanhoto.

⁵ Pintura produzida por Michelle Cunha (2023) retirada de sua página do Instagram: https://www.instagram.com/michellecunha_mic/ em 16 de dezembro de 2024.

De que forma olhamos para aquilo que nos afeta? Na busca pelos pedaços, me perguntava.



Naquela manhã, o sol se escondia entre as nuvens, e, diante dos olhos, uma página em branco brilhava na tela do monitor quadrado. Com os dedos sobre as teclas quadrangulares, meu corpo respira solitariamente. Um sentimento começava a brotar. Entre tentativas de escrita, surgiam a insegurança, o medo e o desconforto. A ideia de misturar a vida com uma pesquisa de mestrado trazia incertezas. No silêncio do quarto, pensamentos acelerados ocupavam cada espaço.

Cabe em uma dissertação afetos, medos, alegrias, tristezas, infâncias, encontros, voos?

Inicialmente me habitava a ideia de narrativas como autobiografias memorialísticas. Uma perspectiva (auto)biográfica por meio da reconstrução de um passado supostamente vivido que constitui o sujeito, em um alinhavo de memórias fragmentadas. Via na autobiografia um modo de reconstituição de histórias compartilhadas em uma pesquisa, seja daqueles que narram suas experiências e por aquele que as interpreta, de modo a exteriorizar as construções históricas, as memórias vividas e significadas (Connelly e Clandinin, 1995).

Por fim, apesar da sua importância, não me propus a escrever sobre toda uma história de vida, ordenada, excluída e refletida em lembranças. Procurei me aproximar dos territórios de uma pesquisa (auto)biográfica pós-crítica, que segundo Martins e Chaves (2014) se desenha no processo de experimentação em uma formação onde não se constitui uma rota pensada do passado para guiar o futuro, mas se navega desenhando mapas, criando mundos, e que não se ocupa em afirmar um pretense eu, mas em produzir subjetividades móveis e moventes que diferem permanentemente de si.

Seguir com uma escrita de si... excesso de subjetividade, talvez? Tenho algo para contar?

Já havia reunido ideias suficientes para acreditar que era possível. Apesar do risco, enxerguei uma outra maneira de fazer pesquisa na educação. Nesse movimento, abrem-se brechas para criar outros modos de existência na formação e na vida.

Foi preciso retomar tais ideias para continuar, e, ao longo de toda a produção da escrita, refiz esse processo inúmeras vezes. Pois me mantinha impregnada por representações e certezas que ainda me constituíam.

Com o apoio do bloco de notas, (re)leio as anotações rabiscadas. Entre as citações, Margareth Rago aponta que não se deve buscar um “eu” objetivado. Cito a autora e o que havia reescrito:

Trata-se antes, de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita, em que abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é, escapando às formas biopolíticas de produção do indivíduo. Assim, o eu de que se trata não é uma entidade isolada, mas um campo aberto de forças; entre o eu e o seu contexto não há propriamente diferença, mas continuidade [...] (Rago, 2013, p. 51-52).

Suspiro. A escrita de si ganha força quando encarnada e atada à subjetividade. Também permite o confronto com os discursos autobiográficos que possuem um caráter confessional e a necessidade de cristalização de um eu. A escrita de si implica o cuidado de si e, também, uma abertura para o outro. Sigo a leitura...

A escrita que se completa com a leitura do outro e com a sua reescrita. A escrita que afeta outras escritas e produz efeitos sobre as práticas de quem escreve e de quem lê. E aí há uma dimensão política importante. É uma forma de resistência, uma forma de encontrar um espaço respirável entre as relações de saber e de poder [...] (Loponte, p.104).

Uma escrita que se faz política pois se faz no coletivo, que se revela como uma prática de liberdade, uma forma de mostrar-se, de transformar-se...

“Quando escrevo, o faço, acima de tudo, para transformar a mim mesmo e não pensar a mesma coisa que antes” (Foucault, 1996, p.9).

Uma escrita de si que impulsiona inventar-se, cuidar-se, ser outra e também ser si mesma. Um cuidado inspirado nos antigos gregos que, por meio de práticas ascéticas físicas, verbais e escritas, cultivavam uma relação consigo mesmos, tendo o 'si' como principal referência (Foucault, 2004). Assim, recordo, que a escrita de si apresentada por Foucault, é praticada de pelo menos duas formas, no trabalho de apropriação do conhecimento, como nos hypomnemata⁷, e através do movimento de expor-se, como nas correspondências⁸, onde ocorre um processo de subjetivação. E tudo isso sem a intenção de buscar uma verdade sobre a vida que é relatada, mas provocar rachaduras no sentido prévio e colocando-a em suspensão.

Outro suspiro, dessa vez mais calmo. Afinal, não se trata de se desprender de tudo ou abandonar a identidade; além disso, seria uma tarefa quase impossível. Na próxima citação, Sampaio (2005, p. 154) oferece uma pista: a possibilidade de colocar a identidade em rasura.

“sem atribuir-lhe nenhuma essência, nenhum estatuto de verdade”.

⁷ Cadernetas pessoais, os quais podiam conter anotações contábeis, registros, lembretes, mas que, ao longo do tempo, acabaram por se tornar um tipo de livro, de guia de conduta para os cidadãos (Foucault, 2004).

⁸ Escrita de cartas, prática filosófica que remonta à Antiguidade, particularmente aos gregos e romanos. Trata-se de um modo de relação com o outro que também é, ao mesmo tempo, um cuidado de si (Foucault, 2004).

Ao rasurá-la, é possível alinhar a escrita à construção e sustentação de uma vida em movimento. A questão é, o que fazer com aquilo que nos atravessa? Como lidar com os fluxos e as linhas moventes que nos lançam do alto? Como cultivar espaços de invenção e lidar com os acontecimentos? Martins e Chaves (2024) apontam uma (auto)biografia que decompõe verdades e joga com as relações de poder por meio de uma atenção para consigo mesmo, criando variações.

“Escrituras de vidas que são (auto)ficções para transfigurar o suposto eu através da experimentação com corpos humanos e inumanos. Escrituras que instauram vidas em movimento de gente-peixe, gente-flor, gente-pássaro, gente-vírus” (2024, p. 6).

Por fim, reafirmo meus caminhos pela Pesquisa (Auto) biográfica, por uma via chamada Invenção de Si. Para seguir essa escrita viva, me inspiro em Costa, Oliveira e Aikawa (2023).

“[...] experimente um pouco de tudo que multiplica e potencializa a escrita viva” (p.7)

“vivo e (re)vivo este corpo
autobiográfico, sigo tentante” (p.16)

Lembrando que tais convicções são provisórias, não se tem a pretensão de inaugurar tendências ou substituir algumas recomendações por outras, como dizem as autoras. Apesar de não haver um manual de uso para o trabalho, é indicado: discussões, cortes, desvios, os não ditos, as diversas caracterizações, as dissoluções, as instabilidades. As anotações me apontam os (des)caminhos...

“Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir” (Foucault, 1985 p. 13).

Embora reconheça a multiplicidade de possibilidades, parecia não me conhecer o suficiente para compor tal escrita, foi preciso se manter tentante (e desacelerar novamente). O que me faz retomar as primeiras experiências como pesquisadora na graduação, marcada por determinadas posturas, caminhos prescritos e verdades absolutas, onde acabava por não problematizar e nem me envolver totalmente com a escrita.

Pesquisar é criar e criar é problematizar (Corazza, 2013, p.38).

Como construir o objeto de que se fala? Como sacudir evidências?

No mestrado, vivenciei a sensação de estar trabalhando dentro de labirintos da pesquisa, que nem aqueles descritos por Corazza (2002). De modo que a prática de pesquisa se implica em nossa própria vida, na qual o método não é apenas escolhido, é a prática de pesquisa que nos “toma”, e se torna significativa. Foi preciso começar a desconfiar de qualquer concepção partilhada.

[...] indagar se aquele elemento do mundo – da realidade, das coisas, das práticas, do real – é assim tão “natural” nas significações que lhe são próprias; duvidar dos sentidos cristalizados, dos significados que são transcendentais e que possuem estatuto de verdade (seja esta verdade científica, mágica, artística, filosófica, psicanalítica, religiosa, biológica, política, etc.); rezear a eternidade, o determinismo, a ordem, a estabilidade, a segurança, a solidez, o rigor, o universal, o apaziguado (Corazza, 2002).

Para me compor como pesquisadora, precisei me desprender dos moldes de pesquisa e da docência. Desse modo, minha escrita passou a ser feita de diferentes formas, uma escrita rápida, partindo do bloco de anotações, e outra mais longa, mais lenta, não menos intensa. Os espaços e os modos também foram se modificando. Perambulei para além do quarto-ateliê, passei a escrever na varanda, próximo das flores (as do jardim da minha avó), em coletivo (com amigos do mestrado, músicas, podcasts) e na rede (nos dias quentes, o embalo também carrega ideias).

Embebida em filosofias da diferença, me coloquei a experimentar: nas práticas, nas escritas, nas leituras, nos gestos de existir e viver.

Ao reivindicar a diferença, rompemos com algumas ideias, como a noção de identidade, geralmente reduzida como entidade estável. Para Chaves (2018), a identidade não é uma “essência colada em nós, mas posições que ocupamos na contingência tempo/espço sempre relativa a outrem”. Assim, somos o que não somos, a identidade nos é dada por uma cadeia de diferenciações que não remete a um eu definitivo, mas de um eu que dependerá da existência de outros que não somos nós.

Diante disso, minha escrita vem permeada dos acontecimentos do meu cotidiano. Das conversas e partilhas (não necessariamente narradas) com amigos, com a orientadora, com o grupo de pesquisa, com a família, o namorado, com as pinturas, com os não humanos. Embora recorra à memória, ao criar e ao entrar em relação com narrativas verbais e imagéticas, não visio uma restituição, resgate ou reconstrução do passado, mas uma “fabulação de um passado nas contingências de um presente” (Soares, 2013, p.742.).

Foi preciso explorar as fendas e as forças menores que escapam às classificações. Como diria Deleuze (1997, p. 13), a escrita não é uma história privada, mas, agenciamento coletivo, é a potência de um impessoal, "uma singularidade no mais alto grau: um homem, uma mulher, um animal, um ventre, uma criança." Um processo de fazer-se, desfazer-se e refazer-se.

Escrever, então, me fez suspirar, cansar, sorrir e sair lágrimas nos olhos também. Mergulhei, vibrei, e nas diversas sensações pelo corpo, caminhei em direção à criação da mulher-pássaro que inventa amazônias. Foi preciso cartografar.

Com pedaços de mim eu monto um ser atônito.

Manoel de Barros

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...
(E nem que fosse o meu corpo)
Mário Quintana

Na coleta dos pedaços dispersos, acreditava existir um mapa com direções, orientações e trajetos para sair do lugar. Mas nunca o encontrei. E foi assim, perdida, que me deparei com a cartografia como possibilidade. Lembro que a leitura de algumas dissertações e teses me despertavam algo, e em comum, a cartografia. Entre os textos, como em “Cartografias Afetivas: proposições do professor-artista-cartógrafo-etc” de Juliana Crispe, me deparei com a pesquisa como movimento constante de produção.

As cartografias têm como ponto de partida, para sua construção, territórios afetivos que nos são importantes e nos afetam, e que desejamos, naquele momento de construção, cartografar (Pereira, 2015, p.107).

O conceito de cartografia, aqui, é elaborado por Gilles Deleuze e Félix Guattari na introdução do livro *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (2012). Partindo do rizoma⁹, é proposto um mapeamento dos modos de vida, dos processos, movimentos, afetos, valorizando aquilo que se passa nos intervalos, dando vazão às diferenças e aquilo que está por vir.

O mapa então, se revela como processo único e singular. Está escrita, aos poucos, foi traçando novos rumos da pesquisa, como já dito, acompanhados pelas pinturas e escritas menores, essas que nascem em meio às palavras. Ao me aproximar das cores e do desejo de colorir, a cartografia surge como uma opção para pintar uma dissertação, até então esboçada em preto e branco. Oliveira e Paraíso inspirados em Deleuze e Guattari, me (des)orientam ao abordarem a cartografia como dança de linhas, um mapa quase sempre inacabado.

As coisas ganham tons, intensidades, luzes, cores, temperatura, volume. A cartografia torna-se a própria expressão do percurso: mapas, danças, desenhos. Percurso que nunca é dado, seja por sucessões estáticas, por fases pré-fixadas ou por palavras de ordem. Um exercício de dispor o trabalho de pesquisa como uma operação de invenção da vida, de virtualização da existência, de potenciação do estar no mundo da educação, transfiguração das coisas, das palavras, dos territórios educacionais (Oliveira e Paraíso, 2014).

Não há, portanto, um único modo de cartografar. O mapa é “conectável,

⁹ Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’ (Deleuze e Guattari, 2012, p. 37).

desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (Deleuze e Guattari, 2012, p. 21). Assim, o corpo ganha novas linhas e direções que fazem aparecer acontecimentos, sendo possível cartografar outros olhares e outros desdobramentos.

Portanto, a Amazônia deixa de ser apenas um objeto da pesquisa, se tornando um lugar de experimentações e também de encontros. A experimentação aqui pensada se difere daquela que se está acostumado a conduzir ou ouvir falar. Como afirma Chaves (2022, p.159) nela “não há protocolos, procedimentos, roteiros a serem seguidos num esquema passo a passo ou equipamentos previamente separados e preparados para realizar o experimento”. Vinci (2019, p.24) lembra que a experimentação “significaria uma entrega ativa aos fluxos vitais, uma entrega aos processos capazes de permitir a emergência do impensável bem como produzir uma sensibilidade outra”. Não sendo possível uma única definição. Assim, algumas experimentações ocorrem de modo involuntário, sem sequer nos darmos conta, não residem apenas nos próprios objetos experimentados, mas nos oferecem elementos singulares e obrigam-nos a sair da mera condição de observador.

Larrosa (2002), ao discutir a noção de experiência em Educação, critica a visão da experiência como algo subordinado a pares como "ciência-técnica" (que prioriza fórmulas e regras aplicáveis) e "teoria-prática" (que reflete, mas não se transforma). Para o autor, isso esgota as possibilidades da educação, onde “quase nada nos acontece” (Bondia, 2002, p. 21). Porque a experiência se torna previsível, mediada por modelos prontos, e perde sua força.

Desse modo, tanto Deleuze quanto Larrosa defendem uma experiência mais vital e imanente, que abre espaço para novas formas de pensar e viver, sem se limitar a regras ou condicionamentos passados.

A criação, nesse contexto, não descarta o que já existe (como a história, as condições empíricas ou os conhecimentos prévios), mas os reorganiza, os faz variar. Esse processo pode gerar rupturas e subversões.

Para experimentar a Amazônia, é preciso ouvir o território, suas vozes e silêncios, suas cidades, seus rios, florestas e culturas, e criar a partir disso. Cada experimentação deve ser um diálogo com sua potência. Nesse sentido, cartografar no campo da educação não é apenas um ato de mapeamento, mas também uma forma de exposição, experimentação e expressão, como afirmam Coelho e Farina (2019, p. 169). Tais escritas cartográficas se fazem a partir das conexões produzidas, que ao pintar

mundos, afeta o pesquisador cartógrafo pelos encontros. Inventar, colorir, transver, dançar com as linhas... um corpo múltiplo se mostra possível. O próprio corpo é o mapa.

Corpo que não é unidade, mas superfície de multiplicidades. Corpo que não é divisa, não é limite, é abertura, superfície de contato. Com ele "apalpamos as intimidades" das coisas, saboreamos a vida, cheiramos e recriamos o mundo. O corpo é morada de muitos reinos, nele cabe o universo inteiro, todas as estações, qualquer paisagem, diferentes geografias, ciência e música, alfabeto e álgebra. O corpo é uma heterotopia, um espaço no espaço, que abriga outros, muitos outros territórios (Chaves, 2020, p.99).

Corpo que está à espreita e atento aos movimentos.

Contudo, é preciso inventá-lo, visto que não há caminhos pré-definidos. Por isso, o mapa desta pesquisa é feito de um emaranho de linhas, sem começo e sem fim, como se estivessem sempre prestes a levantar voo. Em camadas, se desdobram como caminhos invisíveis e rizomáticos. As rotas não são retas, vão desaparecendo e ressurgindo entre manchas. Em linhas pintadas de azul, amarelo, vermelho, laranja, verde, e outras que nem consigo nomear.

Mapa que leva novamente aos caminhos sobrevoados. Em um corpo que almeja transver, e que para alcança-lo, em um mundo onde os olhares já estão tão moldados e endurecidos, exige um trabalho de desfazer e desaprender, uma visão fontana. É como retirar as lentes que nos foram impostas e experimentar sem as camadas de sentido que já estavam lá, prontas.

Foi preciso pincelar outras linhas. Sair das representações de apenas uma ideia de amazônia e tatear fissuras pelas quais as possibilidades brotem para nos depararmos com outras. E sair de si, não como sinônimo de enlouquecer, como diriam Silva e Lima (2014, p.155) "mas de desmanchar a forma do cotidiano, contido, disciplinado, palavreado, interpretado, e experimentar algo de felino, animalesco".

Como as amazônias podem fazer nossos mundos se movimentarem? Como criamos sensações com elas? Toma-se então a amazônia como um lugar estranho, um lugar de novos gestos, novos fluxos.

Através da arte, é possível buscar o encontro com o que vai além da representação, ligando o pensamento com seu potencial produtivo, que significa em última instância produzir e perambular por estas novas camadas que se formam.

Trata-se de experimentar a vida, a pesquisa, à docência, as amazônias como obra de arte. Experimentar é criar, é intervir no real (Vinci, 2019). Embora a experimentação signifique a busca pela criação de problemas próprios, ela envolve

riscos. Como aponta Vinci (2019), é necessário cuidado para evitar tentativas de racionalizá-la ou cair em contradições. Resta-nos experimentar com prudência.

No fim das contas, os mapas que geralmente nos levam a algum lugar, aqui, não possuem uma chegada a uma terra prometida. Apenas seguimos, acompanhando processos, deslocando para o complexo heterogêneo de fluxos e movimentos. A Cartografia, desse modo, é um meio de acompanhar os caminhos onde os desejos se conectam ou se dispersam, buscando assim compor com as forças do corpo.

Nesse processo, ocorreram diferentes movimentos, descobertas e invenções. Na proposta inicial para o mestrado, intitulada “(Re)Pensar o sujeito professor(a) no Ensino de Ciências no contexto dito Amazônico”, questionava: “Como as narrativas de professores articulados aos saberes amazônicos podem contribuir no ensino de Ciências?” “Como o currículo de Ciências direciona essas ideias de saberes amazônicos?”.

Em outro momento, desejei pesquisar uma praça-ateliê, que parecia corresponder às minhas expectativas de experimentações com o outro. Via a praça como espaço do entre-lugar, que existe para além das coisas que costumamos dar nome, definir. Essa ideia ainda ressoa em mim, talvez aguardando a ocasião certa para se transformar em novas pesquisas.

Aos poucos foram se instalando outros movimentos, diante de conversas e partilhas. Dessa vez em territórios mais distantes, especialmente em Salvador, ao participar do X Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica. E voar, que ainda não era uma opção, se mostrou possível, pois nesta viagem realizei meu primeiro voo de avião e pousei para além da região Norte. Um misto de medo e alegria. Neste evento, produzi o texto “Experimentações e autobiografia: modos de transver a Amazônia”, escrita que me causou estranhamento, e responsável pelas escolhas metodológicas da dissertação.

Contagiada por outras pesquisas e pesquisadores, repletas de corpos com sonoridade, rizomas de mulheres amazônidas, e guerreiras sensíveis a experimentações, vi na escrita de si um modo de transver as amazônias, não somente daquelas narradas pelo outro, mas com o outro e comigo mesma.

Após a qualificação da minha pesquisa, a escrita se (des)alinhou novamente. As falas dos professores presentes na banca continuaram ecoando em minha mente. Seria a pesquisa um convite para que as pessoas aquarelassem amazônias? Que outras amazônias estão por aí, existindo sem que sequer percebamos? 'Que voltas a Fabi

trará?', questionou um deles.

Dentre tantas sugestões sensíveis, uma ideia que, à primeira vista, parecia improvável: a "visão fontana" como impulso para transver. Rascunhada em um papel, o poema Canções do ver de Manoel de Barros é citado pelo professor Leandro Dutra, e em outro momento mencionado pela professora Daniela Franco. Dias depois me pego pensando: por que não uma pesquisadora, professora, mulher-pássaro?

Aos poucos, busquei livros que abordassem metamorfoses entre humanos e animais, mergulhei em poemas, pinturas e textos impregnados de transformação, cores e voos. Encantada pelas possibilidades, recomecei o percurso. Junto com minha orientadora, fui percebendo o potencial dessa mulher-pássaro para expressar novos modos de ver e dizer amazônias. A invenção se revelou uma aliada indispensável, tanto na escrita quanto para o ensino de Ciências.

Assim, as camadas dispersas revelam uma mulher-pássaro que transforma o mundo em ateliê, que não se molda não só em si, mas pelos encontros. Diante de uma infinidade de possibilidades, e do corpo como multiplicidade pura, dei início a novas composições. Como fazê-la aparecer e transbordar? Como a mulher-pássaro se inventa e inventa amazônias?

Por ora, foi preciso percorrer caminhos fluidos que levassem a cartografar junto com a Arte. Esse encontro pode possibilitar escapar das imagens recorrentes da Amazônia, das quais não quero negar, mas (re)criar. Por isso, me pareceu necessário coletar alguns vestígios. Foi diante desse desejo, que o corpo se encharcou de memórias inventadas e se percebeu outro.

Entre linhas, um corpo foi sendo tecido...



10

¹⁰ Pintura produzida por Aikawa (2024), no dia 26 de setembro.

**As plumagens da mulher-pássaro em
composições amazônidas**

Nas Metamorfoses, em duzentas e quarenta fábulas,
Ovídio mostra seres humanos transformados em
pedras vegetais bichos coisas.
Um novo estágio seria que os entes já transformados
falassem um dialeto coisal, larval, pedral, etc.
Nasceria uma linguagem
madruguenta, adâmica, edênica, inaugural –
Que os poetas aprenderiam – desde que voltassem às crianças que foram
Às rãs que foram
Às pedras que foram.
Para voltar à infância, os poetas precisariam também de reaprender
a errar a língua.
Mas esse é um convite à ignorância? A enfiar o idioma nos mosquitos?
Seria uma demência peregrina.

Manoel de Barros



¹¹ Pintura produzida pela autora em 15 de janeiro de 2025. Nesta pintura, me crio com as cores: um corpo que se transforma enquanto inventa amazônias.

Primeiras penas

As cores me disseram que posso nascer muitas vezes na mesma vida. O que significa que há mortes também. Morro e nasço desde então, e minhas cores se transmutam a cada renascimento (Becker, 2024, n. p.).

Meu corpo, antes acomodado, agora estremece em cada canto possível.

Nos últimos dias, algo estranho tem me rondado. Primeiro, uma inquietação sutil. Tento seguir como sempre, mas há algo diferente, como se meu corpo estivesse transitando entre formas que ainda não compreendo.

Foi por isso que decidi escrever. Cercada por incertezas, tenho medo de esquecer quem fui, medo de me perder nesse emaranhado de mudanças. Mas, ao mesmo tempo, sinto que estou pronta para encarar o novo.

E apesar do estranhamento, digo uma coisa: não fique com medo.

Como foi o passar desses últimos dias?

Vire e mexe, me pego desejando o que jurei não querer, desfazendo palavras que acabei de dizer.

Tento me manter de pé entre os fios soltos do que sou, mas tropeço na contradição. Como permitir que todas essas partes convivam sem precisar silenciá-las?

Antes, sentia-me firme em minha pele, mas agora há algo. Meu corpo estranha a si mesmo.

Parei de escrever a dissertação. Não porque desisti, mas porque precisei me perder um pouco.

Fiquei folheando livros, lendo artigos, procurando mais e mais referências. Rascunhava ideias soltas no bloco de anotações que trouxe do congresso na Bahia. E, falando nisso...

Os respiros em Salvador foram ótimos. Ainda sinto e lembro do vento forte nas caminhadas pela praia, dos dedos dos pés cheios de areia e do gosto de sal que ficava na boca depois do

banho de mar. E, claro, das apresentações; elas me mostraram a potencialidade de uma pesquisa autobiográfica. Gostava de ver os olhos brilhando daqueles que falavam de seus trabalhos. Mas como alcançar essa escrita? Desde então, vinha me perguntando.

Pausas. E mais pausas.

O descanso virou deslocamento, e as certezas desmoronaram aos poucos.

Se penso bem, talvez o que procuro esteja exatamente nesse intervalo que me desorganiza.

Deleuze, Guattari, Foucault, Arte, Diferença, Escrita de Si, transver, Amazônia pra lá, Amazônia pra cá, e agora essa tal de mulher-pássaro.

A pesquisa me cutuca: escrever-se. Mas o que contar?

Começar com "Era uma vez"?

Voltar a escrever não é apenas mover os dedos no teclado, é reaprender a sustentar esse deslocamento.

E assim, volto. Titubeando, mas volto.

O mergulho na diferença, em vez de fornecer um solo seguro para produzir a escrita da dissertação, simplesmente nos tira (e continua tirando) o chão.

Meu corpo, tocado por novas ideias e palavras, não é mais o mesmo.

Por isso peço que respire profundamente.

Nesse exato momento, olho pela janela. Os pássaros brincam no parapeito avermelhado, deixando rastros de pequenas penas. Talvez esteja nesse processo de trocas. Porque, veja bem, as velhas cumprem sua função até que deixam de sustentar o voo. Algo começa ali: o desconforto, a coceira, o vazio, o peso de ser um corpo entre o que já foi e o que ainda não é.

E se novas plumagens estiverem nascendo?

Me imaginei passarinho. Será que um dia me tornarei?

Ao olhar no reflexo do espelho, percebo como as dúvidas não têm resposta clara, mas pulsam.

É hora de aceitar novos convites? Penso que sim. É hora de

deixar as cores invadirem.

**Sou livre para o silêncio das formas e
das cores.**



12

Um lugar deve existir
Uma espécie de bazar
Onde os sonhos extraviados
Vão parar Entre escadas que fogem dos pés E relógios que rodam pra trás¹³

No quarto com poucos objetos e móveis, havia uma estante bagunçada com uma variedade de coisas e invencionices, como livros, um cofre em formato de porquinho, porta-retratos, diários antigos, um vaso de flores de tecido. Decidi que iria começar por ali, na busca de pistas que me levassem a mim mesma. Quem sabe olhando fotos antigas, álbuns e diários, algo aconteça.

¹² Pintura produzida por Santos (2024), no dia 26 de setembro.

¹³ Música “A moça do sonho” de Chico Buarque.

Queria deslocar o corpo de um lugar, e percorrer um caminho desconhecido em busca de um outro lugar provisório.

Para isso, retirei uma pilha de livros velhos, os acomodando entre os braços, e o que parecia uma péssima ideia, se confirmou posteriormente.

Plaft! Ouço o som de um objeto de metal caindo e rolando em direção a cerâmica marrom no chão. Era um item cinza de decoração em formato de bola, sua queda foi tão intensa que acabou batendo com força no rodapé, revelando um piso solto.

Com a cabeça encostada no chão frio, vasculhei o buraco misterioso na parede. Entre os azulejos quebrados, encontrei uma caixinha metálica laranja, levemente enferrujada. Dentro dela, havia alguns objetos: um porta-foto 3x4 com plástico vermelho, um pequeno pote de tinta guache amarela, palavras e frases recortadas e rasgadas, uma folha verde esburacada junto a uma flor seca, e uma caneta azul usada pela metade.

Com o objeto em mãos e curiosidade aguçada, relembrei que a uns anos atrás havia colocado aquela caixa como uma espécie de tesouro. O tempo passou e havia esquecido. Empoeirada, assoprei lentamente e usei as mãos para tatear os objetos...

Quando chega a hora, precisa saltar sem hesitar.
O Fabuloso Destino de Amélie Poulain

As linhas formam letras, traços, sonhos

Tesouras e canetas tornaram-se meus objetos favoritos. Com a caneta em mãos, tive uma certeza: ela tinha vida. No seu corpo fino, tinta azul pela metade. Na sua ponta, uma tampa marcada por mordidas de uma infância inquieta.

Riscava e recortava tudo que podia

As fotografias do álbum de família, as revistas, os rostos das bonecas... Isso, claro, rendia alguns ralhos.

As linhas e rabiscos sempre me acompanharam.

Na escola, com o caderno em mãos, as linhas retas, davam lugar a múltiplas linhas feitas de tinta,

onduladas,

entrelaçadas,

e que seguiam sem direção pelas datas,
pelos arames,
pelas costuras,
de uma folha para outra,
e de vez em quando escapavam pelas carteiras.

Os rabiscos avançavam pelos rostos felizes no livro de inglês, ganhando bigodes, piercings, tatuagens, olhos coloridos, óculos...

E mais linhas.

Dos rabiscos me encantei pelos desenhos, mas quem disse que desenhava bem?
É preciso um dom divino! eu pensava.

Minhas motivações iniciais para pintura e desenho eram: diversão e tédio. Por isso sempre os escondia.

Porém entre segredos, me recordo de ser descoberta na aula de Artes. Entre desenhos livres, a professora deixava o tempo passar.

(Gostava dessas aulas)

Enquanto isso, meus rabiscos revelavam uma paisagem: cheia de sol, mato, árvores, borboletas e um pássaro bem grande. Enquanto pintava fortemente, fui interrompida por um colega risonho. Queria o mesmo animal em seu caderno. Outros dois colegas formaram uma fila. Também queriam uma cópia.

Me senti envergonhada inicialmente, mas desenhei. Depois soltamos risadas ao perceber que nenhum dos desenhos ficou igual.

Por fim, muitos dos meus desenhos acabaram se perdendo em folhas soltas, em cadernos antigos deixados para trás. Mas aqueles da escola, foram guardados pela minha mãe em uma pasta amarela.

Recordo de algumas obras, eram desenhos da casa, das pessoas da família, da escola, das paisagens na rua, das pontes infinitas, sereias, monstros e seres mágicos

Como a cobra grande adormecida que dizem habitar as profundezas da ilha de Parintins.

(e que meu avô também já disse ter visto em suas pescarias).

O desenho foi uma forma que encontrei de inventar novos mundos. Tudo ali se misturava, o mundo real com a ficção.

Por isso me mantive interessada em transformar as paredes, revistas, papéis velhos e até a pele.

Pulsava o desejo de rasurar, apagar e colorir.

A simplicidade da poesia de Manoel de Barros (2010, p.302) rapidamente invade meu pensamento...

“As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: Elas desejam ser olhadas de azul”



14

Linhas azuis

No papel,
A ponta desgastada parecia criar uma ligação direta com
meus dedos.

Seus traços eram longos e finos.

Rabisquei em zigue-zague na tentativa de fazê-la voltar mas
o falhar novamente,
a tinta explode no papel

⁴ Pintura intitulada “Para encontrar azul eu uso pássaros” produzida por Martha Barros em 2021.

Vaza entre os dedos e as unhas.

A tinta azul parece amarrada à pele.

As pequenas manchas ficaram ali durante um tempo. E lá permaneceram, suaves e resistentes.

Com o passar dos dias, elas pareciam crescer eram linhas, sem começo e sem fim

vê-las serpenteando fazia as mãos tremerem ainda mais.

À noite, sonhava com aquelas linhas surgindo pelas costas, se encaminhando aos ombros,

em curvas intrincadas, quase imperceptíveis,

que nem os vasinhos coloridos da minha bochecha. Eram finas, longas,

azul como o céu no fim do dia. Pareciam vivas.

Quase doía vê-las surgir.

Mas o desespero inicial transformou-se em um medo contido, e desse medo surgiu um encanto repentino.

O azul se espalha por mim.

Sinto-me coberta de penas,

mas não como as dos pássaros que eu conhecia. Eram feitas de linhas

Que eu mal conseguia acompanhar com os olhos. Afastei-me do espelho.

Havia um receio,

um medo de não ser mais a mesma.

Mas esse sentimento foi se espalhando, crescendo no peito, na pele, nos sentidos,

como se algo quisesse me arrancar de dentro de mim. Me restava acompanhar as linhas.

Suas cores e formatos me lembravam a exuberância das penas de um pavão

apesar de não ser um,

e também as penas de um beija-flor, iridescentes, mas com um brilho mais suave.

Desde então, o silêncio se instalou.

As palavras, pouco a pouco, se afastaram, e do bico, feito de boca,

nada saía.

Sentada diante da janela, eu deixava o tempo passar, lendo mais livros que o habitual. Enchi-me de conceitos, mergulhei em poemas sem fim, tentando resgatar as palavras que haviam sido roubadas de mim. Algo novo acontecia todo dia.

Em um processo lento,

Meu corpo já não era o mesmo.

Penas e poemas

Nas mãos, as palavras e frases achadas na caixa metálica laranja. Diante delas, lembranças dos livros como suporte para as brincadeiras.

Não sei se outras crianças tinham livros didáticos favoritos, os meus eram de Língua Portuguesa, Artes e mais tarde Ciências e Biologia.

O primeiro me encantava, tinha histórias, crônicas, poemas, quadrinhos, e além da leitura, os recortava à vontade, pelo menos longe dos olhos da minha avó.

Os livros devem ser lidos e estudados, não destruídos! – ela resmungava.

Foi nos livros de português que mergulhei nos poemas, mesmo sem entendê-los e teimar em procurar sentido nas palavras.

Com dez anos, colecionava poemas e letras de músicas. Embora eu reproduzisse o que comumente meninas da minha idade escreviam em seus diários, os meus continham mais escritos de outras pessoas do que os meus próprios.

Era como se todas aquelas palavras falassem por mim.

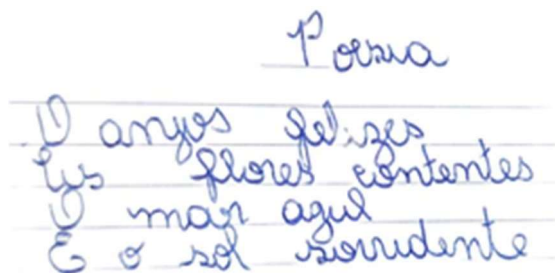
Meus poetas favoritos eram: Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade. A primeira, me levava a dançar como bailarina e viajar para lua.

Enquanto o segundo, porque eu achava que éramos da mesma família (Andrade)

Talvez um tio perdido, que com suas palavras, me convidava a catar as pedras deixadas no caminho pelo seu José.

Eu, por minha vez, me arriscava em rimas...

15



Sempre gostei das palavras.

Com a caneta, percorria com a tinta as frases dos textos mais longos.

Sentia como se pudesse viajar entre elas. Também inundava letras e frases com

¹⁵ Imagem de um poema produzido pela autora s/d.

cores, e escondia outras com corretivo branco.

Eram tentativas de (de)formar e criar outros sentidos. Voltando aos livros didáticos favoritos,

em Artes, tinha pouco interesse em aprender a história de cada artista ou de determinado estilo/período, queria mesmo era copiá-los.

Costumava recortar os quadros mais famosos e colá-los na parede do quarto.

Era meu próprio museu, onde as bonecas eram as visitantes.

Alguns me causavam medo, como O Grito de Edvard Munch ou Abaporu de Tarsila do Amaral (com aqueles pés esquisitos), mas os mantinha em exposição em nome da Arte.

Ainda ousava interpretar algumas obras, como As Meninas de Diego Velázquez. Nesta pintura, eu imaginava um cenário de bonecas de porcelana, a menina no centro acabara de descobrir uma terrível doença. Seus pais, carregados de tristeza, pediram a um amigo pintor um favor, um registro das brincadeiras com as amigas, os irmãos implicantes e o cachorro.

Mas, no instante da pintura, acabaram por registrar os últimos momentos da menina. Para mim, isso explicava a freira no fundo e o médico chegando pela porta.

A obra me deixava entristecida.

Ainda assim, as pinturas eram brincadeiras, eu as olhava e me imaginava dentro de cada tela: nos jardins de Claude Monet, entre as flores de Van Gogh, subindo as escadas do farol de Anita Malfatti.

Já os livros de biologia e ciências eram os que mais despertavam a curiosidade.

Às vezes eu os lia sem entender muita coisa, mas eram as imagens que me fascinavam:

corpo humano, animais, plantas, bactérias,
fungos... não é incrível?

Com o tempo, já não ficava curiosa apenas com as imagens, passei a prestar atenção nas aulas, contava as descobertas científicas para os primos menores, bancando a sabichona.

Quem sabe eu não me tornaria uma cientista um dia?

Eles tinham pinta de inteligentes, além de jaleco e um microscópio.

São aqueles que fazem Ciência – uma Ciência detentora da verdade, que pode resolver todos os problemas da humanidade (Bastos e Chaves, 2013).

Assim, esses livros continham rasuras mais discretas, pois para mim Ciência era

coisa séria.

Enquanto o restante dos livros, tinha apreço, porém menos interesse. Gostava dos livros de História, mas nem tanto, os de Geografia continham muito texto e muito mapa, porém estes dois eram os únicos que abordavam sobre Amazônia, e apesar de não lembrar muito bem das aulas, gostava de folhear as páginas e observar as imagens dos rios e florestas vistos de cima.

Como seria morar lá?

Desse modo, olhar, recortar, colorir e rasgar,
transformaram os livros didáticos em livro-encontro, livro-afeto, livro-vida...

Laranja-sussurro

No começo, não dizia nada.

O ateliê ninho se enchia de silêncio

Queria fotografá-lo.

Não sei bem explicar o porquê.

O azul, em seus diferentes tons,
se espalhava como
pequenos rios sobre a pele.

Algo começou a se mover novamente dentro de mim: a vontade de escrever.

Fazia tempo que não escrevia nada.

Comecei pelo bloco de anotações.

Escrevi primeiro sobre as linhas, seu formato, a sensação ao olhá-las, a tensão de algo novo surgindo, do corpo vibrando.

Mas as frases não saíam como queria. Pareciam fugir da tentativa de controle. (re)comecei com escritas menores, deixando que fossem apenas o que precisavam ser.

Sem moldá-las ou sem exigir delas um sentido maior.

Colei post-its coloridos na parede.

Sentia que as linhas me convidavam a criar

Fitando os pequenos papéis vazios, lembro que sempre gostei

QUANTAS ALMAS TENHO
QUANTAS ALMAS TENHO.
A MOMENTO MUDEI.
CONTINUAMENTE ME ESTRANHO.
NUNCA ME VI NEM ACABEI.
DE TANTO SER, SÓ TENHO ALMA.
QUEM VÊ É SÓ O QUE VÊ.
QUEM SENTE NÃO É QUEM É.
" ATENTO AO QUE SOU E VEJO.
TORNO-ME ELES E NÃO EU. "

de transformar as paredes em algo vivo
de colar pinturas, de colar poemas,
As paredes nunca ficavam vazias, eram espaços de invenção.
Retomei as palavras e frases achadas na caixinha metálica
laranja
Uma estrofe do poema de Fernando Pessoa - Não sei quantas
almas tenho.
um trecho da música Águas de março de Elis Regina e Tom
Jobim,
recortes de:
"infinito", "fascínio", "transbordar"
Achava essas palavras bonitas por isso as guardava para
fazer colagens.
palavras que soavam como pequenos sinais, pedaços soltos de
sentido que, apesar de tudo, continuavam a me chamar.
Eram sussurros.

O verde espalhado

Sempre gostei das flores.
Elas pareciam conter pequenos universos inteiros.
Guardava-as, talvez porque desejasse torná-las infinitas, como vi alguém fazer
em um filme, colocando-as entre as páginas de um livro.
Só que eu, sem o livro, resolvi guardá-las do meu jeito, escondidas em caixas.
Ainda me lembro dos trevos-roxos do quintal, que dançavam como borboletas.
Gostava do quintal porque minha avó sempre cuidou bem dele. Ela, até hoje, é
fascinada pelo contato com as plantas, com a terra, e mesmo naquele pequeno espaço,
podava galhos, conversava com as folhas.
Eu a acompanhava, observando suas pequenas mãos moldarem o verde. Juntas,
víamos as frutas nascerem: o caju, o mamão, a goiaba. Às vezes, as formigas e os
passarinhos eram mais rápidos e colhiam antes de nós.
No quintal, eu levava meus brinquedos e contava histórias, porém nunca estava
totalmente sozinha. Meus primos eram presença constante, principalmente Bianca e
Carlos.

Bianca, Biazoca, Bibi, minha prima-irmã. Pequena, arteira, criativa, artista. Nossas brincadeiras eram cheias de fantasia, porque não poderia ser diferente. Criávamos mundos inteiros, como se o quintal fosse um grande palco para nossas ideias. Carrego sua presença infinita comigo até hoje. Lembrar de sua existência me faz querer sempre ser inventiva.

Carlos, com seu cabelinho de "cuia" e olhos puxados, era o menor da turma. Como o mais novo, acabou se tornando nossa cobaia favorita. Se precisássemos de um figurante ou de um ator, escalávamos ele para nossas peças teatrais improvisadas.

Juntos, passávamos a maior parte do tempo criando, os pés descalços, as mãos sujas do chão e com algum alimento entre os dedos.

Depois, na adolescência, afastei-me um pouco desse espaço, mas voltei a me sentar no chão com a chegada da minha antiga companheira canina, Mel. Corríamos pela casa, pela terra, mesmo que isso resultasse em seus pelos brancos ficando pretos. Talvez por isso, até hoje, prefira estar descalça na maior parte do tempo.

Hoje, meu quintal tem mais concreto do que terra, mas ainda cultivamos plantas e flores. Minha avó sempre fala que devemos amanhecer o dia e cumprimentá-las, assim o dia começa bem.

Quando as flores do jardim abriam, era como uma pequena festa. Me animava ao vê-las colorindo o jardim.

Nas mãos, restou apenas uma delas, uma flor rosada seca, tão fina e delicada, que se desfazia em pequenos fragmentos.

Seus restos ficaram espalhados pela caixa metálica.

Havia também uma folha verde seca, quebradiça, esquecida, mas ainda inteira.

A folha, pequena e frágil, parecia desmoronar ao menor toque. Segurei-a com cuidado.

Ao tocá-la, um frescor de vida se espalhou pelo instante, enquanto eu vasculhava seus pequenos buracos.

O jardim era meu refúgio e meu laboratório: Lembrei-me das minhocas que se escondiam na terra, perseguidas pela curiosidade dos meus olhos e mãos.

Ouvi o som das gotas de água batendo nas folhas, senti as brincadeiras no chão. As folhas e pedras como ingredientes, e as flores, enfeites dos alimentos.

Cozinhas inteiras nasciam sob as árvores. As mãos se enchiam de marrom

E o dedo espetado pelos espinhos do limoeiro de vermelho, em um verde que se fundia com a pele.

O quintal de casa era o maior do mundo.

Senti na ponta dos dedos a textura das histórias inventadas, um verde menor, um verde que se entrelaça em mim como raízes.

Um verde que preenche o corpo.

Cercada por ele, fui invadida por pensamentos sobre as amazônias que tanto pesquisei.

Afinal, ela também está pintada de verde.

Retomei antigas inquietações, tentando desfazer os nós. Sou amazônida?

Sentia-me longe da grandiosa e misteriosa Amazônia. Mas... e esse verde espalhado?

Apesar das áreas verdes ficarem cada vez menores, sempre as via. no jornal, reportagens sobre a destruição das florestas,

no rádio, as toadas do Caprichoso e Garantido clamavam por cuidado, na escola, conheci seus mapas, sua vegetação, flora, fauna, clima, hidrografia, relevo.

nos filmes, uma infância amazônida de verdade, como em Tainá -Uma aventura na Amazônia.

Queria um macaquinho como o dela, queria viver aventuras no meio da floresta.

Mas tínhamos coisas em comum, um rio barrento, que nem aquele que corria no final da minha rua.

Lembrava-me de estar sentada em frente à televisão, com alguns biscoitos de chocolate na mão, enquanto o filme era transmitido.

Nem sabia que a Amazônia podia ser tão bonita. Apesar de encantada, reforcei ideias.

Uma visão reducionista da Amazônia.

Uma representação da região que está cristalizada no imaginário coletivo.

Uma Amazônia exótica e exuberante, habitada por indígenas ditos selvagens e ribeirinhos isolados do mundo.

Um ruído entre o “homem amazônico” e o “homem civilizado”. Uma identidade amazônida verde.

Distante.

Por isso, acreditava que minhas vivências não eram tão amazônidas assim, mesmo com rios e florestas ao alcance do olhar ou da memória familiar. Minha família materna é formada por diferentes amazônias, mas principalmente por uma pintada de

verde, que aos poucos foi se misturando com o urbano.

Essas vivências estavam em Nhamundá, na região do Baixo Amazonas, na comunidade Iracema e em terras paraenses. Meus avós, carinhosamente chamados de Deuza e Calipe, tiveram uma infância e uma vida profundamente conectadas com a terra, com a pescaria, com a agricultura, com o xibé de farinha, com o gado, com os animais no quintal, com os rios, com as casas de palafita.

Já meus tios, e minha mãe, foram criados na cidade, assim como eu. Enquanto criança, acreditava não atender aos critérios para ser amazônida:

Não sabia nadar muito bem, não tinha adentrado a floresta, comidas regionais até então não eram minhas favoritas, não costumava ouvir músicas regionais e muito menos sabia dançá-las, etc.

Me vi cercada de discursos, clichês e verdades de uma Amazônia e sobre ser amazônida.

Eu costumava pensar que, se na Amazônia habitassem pessoas, provavelmente eu não estaria lá.

Tais pensamentos vinham do que ouvia, tanto de quem desejava fugir daqui quanto daqueles que viviam na capital. Em seus discursos, prevalecia uma aversão à imagem do Amazonas (ou de Manaus), reduzida a indígenas e animais, enquanto se exaltava uma ideia de lugar urbanizado e progressista.

Uma amazônia, apesar de celebrada por sua beleza exuberante, era frequentemente vista como inferior.

Como canta o rapper Jander Manauara, em seus versos ‘quer ver o cara ficar mordido? Chama o cara de índio!’ e em

‘acha besteira essa conversa de orgulho daqui’.

Essa visão unilinear silencia outras possibilidades que conformam o mundo simultaneamente. Para Gonçalves (2010), a Amazônia pode nos inspirar outras perspectivas para o devir da humanidade. Por isso, não se quer colocar a floresta, o indígena, o amazônida, dentro de uma única definição.

E, aos poucos, percebi que a Amazônia também está nas menores coisas. Ela, assim como a floresta, resiste.

Porém, enquanto cunhatã, como até hoje meu avô me chama, me importava apenas com o mundo das brincadeiras, do quintal, do jardim, das folhas, do quarto, da rua, da escola, dos livros, das canetas. E nesse mundo inventado, amazônias menores também se encontravam, mas parecia não as ver.

Talvez as amazônias passassem despercebidas...

Será preciso, talvez, permitir-se ser e pousar em outros modos: inventar amazônias (im)possíveis? Amazônias que vão além de verde-floresta, que transitam entre verde-oliva,

verde-azulado,

amarelo-laranjado,

vermelho-amarelado...

INFINITO

Mulher-pássaro por Mulher-pássaro

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Já era sintoma de visão fontana. Por motivo do ermo não fui uma menina peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Inventei de ser professora-pesquisadora-artista. Quero brincar com palavras, cores e a vida que nem Manoel. Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho, eu era a vizinha com a goiabeira. E nela sonhava em construir uma casa, saltar lá do alto e voar. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que folha era uma canoa e as formigas as tripulantes. Que os perfumes e frascos vazios eram pessoas. Que a amazônia era um serzinho vivo e múltiplo igual a um filhote de gafanhoto. Por isso sei que as amazônias não tem limites. Cresci brincando no chão e no alto do pé da goiabeira, entre as formigas e os pássaros. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceira a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era a menina e os bichinhos. Era a menina e o sol. A menina e o rio. Era a menina e as árvores. Era a menina e as amazônias. (adaptação ao texto Manoel por Manoel, Barros, 2003.)



16

Verde-infinito

No fundo das linhas, o verde surgiu, tímido como um amanhecer.

Não era só cor, mas um cheiro, uma textura. Olhei para o verde, primeiro como quem estranha, depois como quem reconhece algo que sempre esteve ali.

O verde parecia uma casca dura, uma camada cristalizada.

O azul das linhas deslizou por ele, como água correndo entre folhas

era poroso, mas disposto a misturas.

Segurei aquele verde entre os dedos, pequeno e frágil, mas cheio de vida escondida.

Ele não era o verde monumental que sempre acreditava ser

Era um verde miúdo, que cabia nas palmas das mãos e se escondia nos poros da pele, mas que, por isso mesmo, parecia maior.

¹⁶ Pintura produzida por Carvalho (2024), no dia 26 de setembro.

Carrego esse verde em uma peneira,
uma trama onde o azul e o amarelo dançavam, Criando
plumagens que eu ainda não sabia nomear.

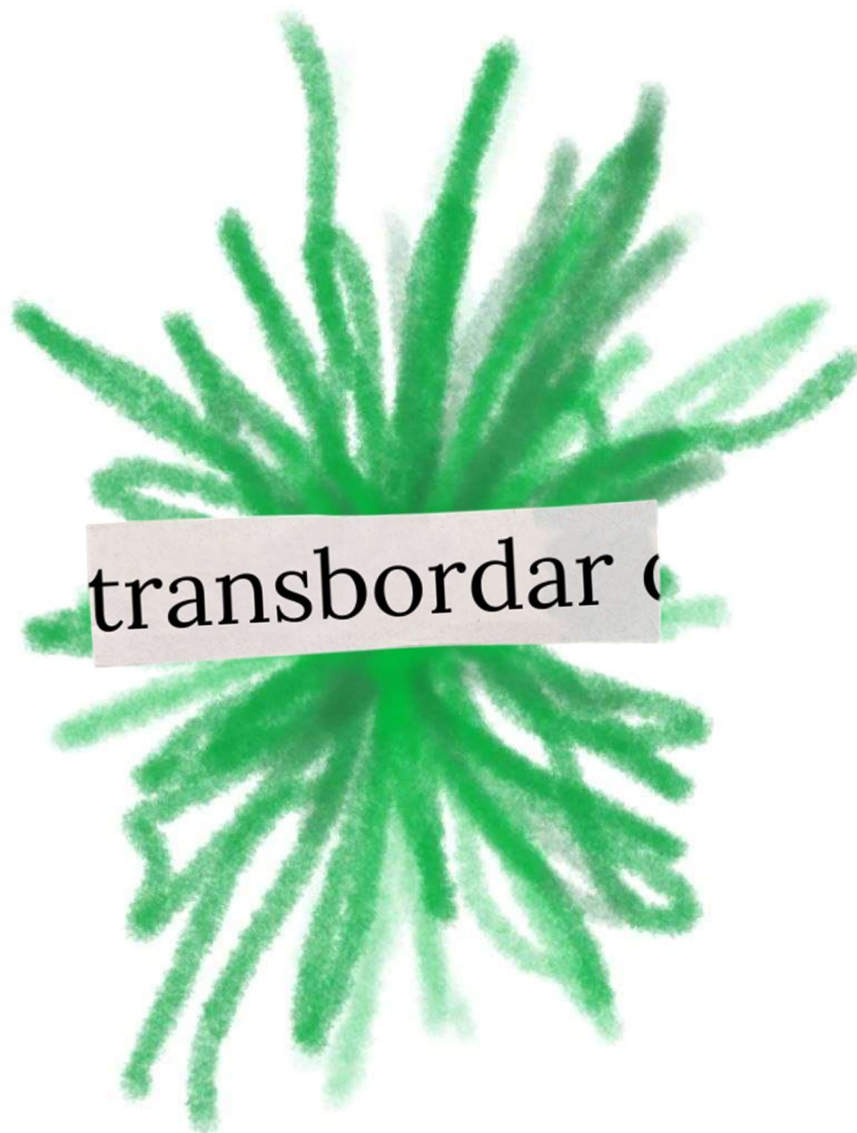
Porém, as pequenas coisas do mundo começavam a se revelar
com mais clareza.

E é isso que me compõe agora, não só a pele colorida, mas
também os sentidos expandidos.

Talvez seja mais sobre ser movimento, sobre ser caminho.

Não sei se terei coragem de voar, mas sinto que, mesmo no
chão, já comecei a sair do lugar.

Desejo voar pelo caminho mais bonito.¹⁷



¹⁷ Referência a música “Clarice” de Legião Urbana, citada durante o ateliê da mulher-pássaro.



18

Despencados de voos cansativos
Complicados e pensativos
Machucados após tantos crivos
Blindados com nossos motivos
Amuados, reflexivos
E dá-lhe antidepressivos
Acanhados entre discos e livros Inofensivos
Será que o sol sai pra um voo melhor?
Eu vou esperar, talvez na primavera

O céu clareia, vem calor
Vê só o que sobrou de nós e o que já era
Em colapso o planeta gira, tanta mentira
Aumenta a ira de quem sofre mudo
A página vira, o são delira,
então a gente pira
E no meio disso tudo,
'tamo tipo... Passarinhos
Soltos a voar dispostos
A achar um ninho
Nem que seja no peito um do outro

19

¹⁸ Pintura feita por Garcia (2024), no dia 26 de setembro.

¹⁹ Música “Passarinhos” de Emicida e Vanessa da Mata.

Era tudo amarelo

A arte é uma fada que transmuta e transfigura o mau destino.
Prova. Olha. Toca. Cheira. Escuta.
Cada sentido é um dom divino.
À Sombra das Araucárias - Manuel Bandeira

Tentei calcular há quanto tempo aquilo estava ali.

Ao abrir a tampa redonda da tinta de guache, um cheiro estranho chegou até o nariz; a tinta amarela também havia endurecido e, por mais que eu a sacudisse, nada saía do lugar.

O amarelo já foi sol um dia...

Nunca soube ao certo quando tomei gosto por pintar.

Se os rabiscos deram espaço aos desenhos de lápis e caneta, a pintura demorou a ser potência em mim. Com nove anos e brilho nos olhos, queria uma maleta artística de plástico com vários pinceis, ter uma daquelas era sinônimo de popularidade para uma criança artista.

Além dos desejos não atendidos, minha relação com as cores nem sempre foi de fascínio.

O fato de não saber misturá-las era uma das causas. Elas, assim como as canetas, pareciam ter vida própria. Desse modo, os lápis coloridos ficaram esquecidos no fundo da gaveta.

Hoje, penso que essas pausas artísticas são necessárias, pois é durante elas que me recarrego de mais vida, aumentando meu repertório criativo.

Por um momento decidi copiar as pinturas alheias, começando pelas que estavam coladas nas paredes rosadas do meu quarto.

Eram aquelas mais famosas, que apareciam nos livros de arte.

Aos poucos, uma fenda foi se abrindo...

E depois de muitas tentativas de cópias, notei a facilidade que tinha para reproduzir o que via. Eu não sabia, mas essas práticas me levariam à reconciliação com as cores.

Tal amizade se deu durante a transição da infância para a pré-adolescência, fase em que a ideia de que brinquedos e brincadeiras deveriam ser deixados de lado começava a se reforçar.

Minhas pinturas eram simples. Usava poucos materiais: uma caixa de lápis de cor, que fazia parte do meu material escolar, um estojo com canetas, e algumas vezes tinta guache.

No fim da tarde, minha avó, que fazia a limpeza na escola (a mesma onde estudei minha vida toda), recolhia nas salas de aula canetas, réguas, borrachas e lápis de cor abandonados ou esquecidos e costumava trazê-los para mim.

Por isso, o estojo se mantinha sempre cheio.

Minha avó, a quem também chamo de mãe, tem na identidade o nome Maria Deuzenir, mas como já dito anteriormente, nós a chamamos de Deuza.

Filha de dona Aricota e seu Perneta.

Que com seus pequenos gestos, sem perceber, me aproximou ainda mais da arte e, principalmente, da pintura.

Ela, por exemplo, faz arte, e é arteira.

Costura, faz bonecas de pano, bolsas, tapetes, vasos de cimento para as plantas do seu jardim, e quadros com pedrinhas de seixo.

Esse último, construímos juntas, fazendo no total quatro telas, a partir das pedrinhas que meu avô usava durante as reformas da casa.

Ao lavar as pedras, ela me contou um pouco sobre suas brincadeiras de infância, entre elas, catar as pedras de seixo mais transparentes, que eram vistas como pedras preciosas.

Lembro-me também de fazer a mesma coisa, inclusive tinha algumas pedras favoritas, as marrons com manchas pretas que pareciam rios.

Tenho algumas guardadas.

Quando me dou conta um sorriso brota, pois percebo que o ateliê começa a vazar para outros lugares...

O fazer artístico faz parte da minha família.

Minha tia, Alcione, além de pintar quadros, também fabrica bonecos de EVA e artesanato em geral.

Com minha prima-irmã, Bianca, compartilhei inúmeros desenhos, escritos e brincadeiras inventadas, e hoje suas pinturas estão coladas nas paredes do meu quarto.

Minha outra tia, Andréa, faz arte através das massas e bolos. Meu avô, Raimundo Carlos, o Calipe, parece não se envolver tanto, mas faz vasos de cimento com minha avó e ainda tece tarrafas como ninguém.

Minha mãe, Adriana, costurou inúmeras bonecas de pano na minha infância e,

agora com o crochê, inventa bolsas, chapéus, roupas e toalhas.

Além disso, vários outros primos e tios trabalham e vivem de arte, como músicos e escultores de festivais folclóricos da região Norte e de carnavais.

A casa toda vibra arte, e de modo especial, pois são feitas pelas nossas próprias mãos.

Os quadros na parede, flores de tecidos na estante, bolsas penduradas no cabideiro, bonecas espalhadas pela casa... e coisas pela metade, nunca terminadas, fora as linhas, potes com botões, máquinas de costura, tintas...

“Parintins é terra de artistas”

Essa frase é muito falada na cidade.

Ao pensar em arte, não consigo deixar de lembrar de Parintins, a ilha onde nasci.

Ela é conhecida pelos artistas que têm a Amazônia como fonte inesgotável de inspiração: artistas dos galpões de boi, soldados, músicos, compositores, criadores de histórias em quadrinhos, cartunistas, muralistas, grafiteiros, artesãos, etc.

Diante dessa pluralidade, impulsionada principalmente pelo festival folclórico, também me vi contagiada pela proximidade com a arte.

Bem pequena, assistia pela televisão, ouvia as toadas na rádio, percebia minha família animada com a chegada do fim do mês de junho.

Parecia um evento corriqueiro.

Porém frequentava o curral do boi Caprichoso, boi da cor azul. (pelo qual eu torço e vibro)

Principalmente quando havia festividades para as crianças.

Minha mãe dizia que eu já dançava boi com três anos de idade, e pouco me recordo disso.

Na minha escola, vestida de Sinhazinha²⁰, ainda sinto a textura da renda rosa até hoje, dos ferros por baixo do vestido, das luvas encaixadas no dedo, do colar feito de miçangas, da pequena coroa que segurava os cachinhos, e do olhar marejado das minhas duas mães.

Dancei para representar o boi “Garanchoso”.

Por isso, passei a frequentar o bumbódromo durante as festividades e fazer visitas anuais pelas alegorias locadas na praça dos bois. Parintins também colore as amazônias.

²⁰ Personagem e item 7 na história do boi-bumbá do Festival Folclórico de Parintins.

Com o tempo notei que não precisava de um dom divino para fazer arte. Era preciso se permitir. Contagiar.

Pelo menos foi o que aconteceu comigo, minha relação com a pintura não foi de uma hora para outra, tive que fazer várias tentativas, primeiro com o lápis de cor, não tinha muita habilidade, depois tintas guache, fazia coisas mais simples e não arriscava, e mais tarde a arte digital e aquarela, onde fui atravessada pelo encontro com a criação.

Do deslizar da tela com infinitas possibilidades e pela (in)delicadeza das cores molhadas, que ao causar estranheza, me forçou a inventar.

Por um momento, era o pote de tinta amarela e eu.

E antes de guardá-lo, o dedo mindinho formou um pequeno buraco na tinta, revelando o líquido escondido.

Consigo tocar todos os sol's que foram pincelados daquela cor, girassóis, abelhas, maçãs, sorrisos, casas, cabelos loiros.

O que me fez lembrar do bloco de atividades da escola encontrado dias atrás.

O amarelo já aparecia com frequência, era sol que não tinha mais fim (sempre fui fascinada em pintá-los), inclusive no cabelo do índio pintado na primeira série.

A imagem acompanhava um texto meu, de um curumim guerreiro chamado Piracuí, que tinha olhos coloridos de verde, com um arco e flecha em mãos, era caçador e protetor da natureza.

Hoje percebo que tais concepções estão estritamente ligadas ao que via e era imposto como identidade e padrões de beleza, como a ideia de o lápis salmão na caixa ser sinônimo de cor de pele.

Porém, naquele desenho apenas reproduzia sem saber, discursos que estavam ali antes mesmo de nascer.

Pensar em representações, significados hegemônicos colados nos significantes e nos signos, que de algum modo foram sendo fabricados por diversas narrativas, me faz retomar as ideias cristalizadas sobre as amazônias.

E me aproxima do sentimento que apareceu junto à pesquisa, o desejo de adicionar mais camadas de cores às amazônias.

Uma amazônia múltipla, assim como o sol que além de amarelo, também é vermelho, laranja, branco e muitos outros..

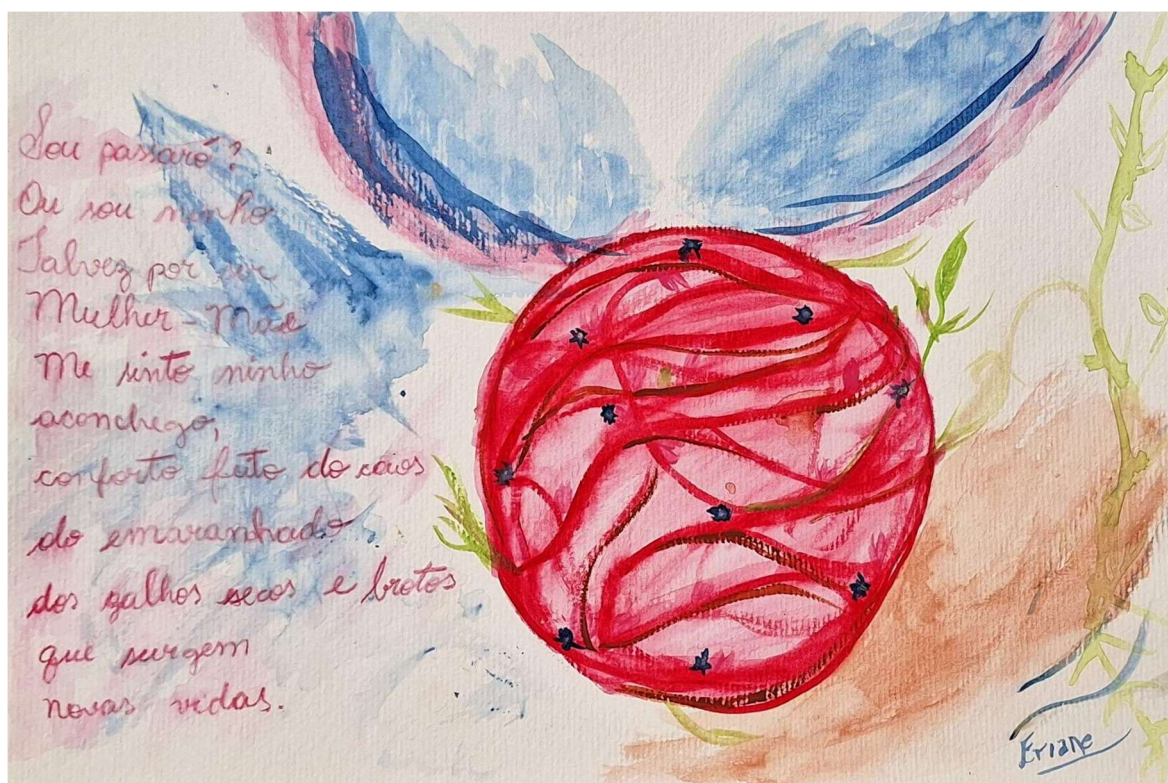
O sol entrou pelos meus dedos. Era luz.
nas paredes do ateliê com as mãos,
pintei outro sol.
também um girassol.
A tinta, fria e espessa se espalhou pela pele,
O amarelo se encontrou com as plumagens azuis, verdes e
laranjas
mapeando meus ombros, meu peito,
meus pés,
que nem raízes.
Algo também parecia crescer nas minhas costas. Não eram
asas,
mas tinha um peso novo, algo por vir.
O amarelo é uma sensação viva,
uma vibração que atravessa a pele, e que invade o espaço ao
redor.
Um amarelo que fascina, atrai,
uma cor que atravessa e faz a gente querer sair do lugar,
respirar outros ares
voar, talvez.
E naquele silêncio,
escuto o tempo nas pequenas coisas.
Olhei pela janela próximo aos ferros descascados da grade,
Lá havia pequenas formigas que andavam apressadas em uma
linha invisível.
Uma delas fazia pausas bruscas, causando desvios naquela
fila perfeita.
Não queria admitir, mas acredito ter ouvido algo vindo
delas.
Uma reclamação, talvez. Outro som agora:
O vento passando pelas folhas de bananeira da vizinha, uuu-
vuuu-uuu
parecia uma canção.

De repente o céu fechou.
As nuvens se juntaram, pesadas e cinzentas,

e um chuvisco leve veio. Fazia tempo que não chovia na ilha.
As gotas batiam contra o vidro da janela, desenhando
caminhos.
Deixei-me embalar por aquele som.
Naquele descanso, vi que minhas cores, pareciam, enfim, se
formar por completo,
mesmo que eu soubesse que não seriam fixas. Pela janela,
observei a chuva se dissipar,
as sombras se moviam de maneira que antes me escapava.
Parecia que o meu olhar,
já não olhava o mundo da mesma forma.
Os olhos também não eram o centro de tudo. A visão se
espalhava,
como o laranja-sussurro daquele entardecer.
Olhar pela janela era meu passatempo predileto, como estar
diante de uma tela de cinema.
O amarelo do sol e as gotas de chuva lá fora chamavam-me
para sair,
convidando-me a ir além da solidão, além do aconchego dos
galhos do ninho, para um conforto feito de caos.
Sei que sair do ninho não significa abandonar as raízes.
Causam uma certa angústia,
mas sei que respirar outros ares e expandir os horizontes
é o que preciso
Já que somos uma história ininterrupta em contínua
transformação
uma continuidade entre o que fomos, o que somos e o que
seremos.
Estamos no tempo
e as palavras mal parecem dar conta do movimento que somos.
Os ventos sussurram:

É possível sobrevoar afora, como quem insiste:
há mais para ver, mais para sentir,
mais para experimentar.

21



Vou mostrando como sou
E vou sendo como posso
Jogando meu corpo no mundo
Mistério do planeta – Novos baianos

Iridescências que cantam entre penas

Olhos redondos pretos, cachinhos modelados a dedo pela mãe, e um sorriso com dentes tortos. Click! Click! **Expressão séria, por favor, evite sorrir ou franzir a testa!** Desfaço a careta. **Mantenha a cabeça reta e centralizada,** o fotógrafo fala, viro para o lado esquerdo em direção a minha mãe. **Olhe diretamente para a câmera.** Click! Click! Fecho os olhos com flash explosivo. **Alinhe os ombros e o rosto para que fiquem bem enquadrados na foto.** Click! Click! Na terceira tentativa deu certo. **Ficou ótimo!** ele sorri.

²¹ Pintura feita por Lima (2024), no dia 26 de setembro.

Mais uma foto para coleção.

Depois de revelada, recebemos uma porta-foto de plástico, com várias cópias dentro, ficava ansiosa para ver o resultado.

Minha família costuma guardar fotos 3x4 em álbuns, desde os parentes mais distantes que nunca vi aos mais próximos.

Gostava de acompanhar a mudança dos rostos e cabelos de cada um.

Tais fotos geralmente são usadas para identificação, seja na escola ou em algum documento.

Ao longo da minha vida, acreditava ser necessário uma identidade única, fixa, imutável, que nem aquela capturada nas pequenas fotografias, um “eu” que é a causa e origem da ação. Então eu me torno isso ou aquilo.

Ao tocar nas fotografias, me deparo com os pequenos olhos e seu brilho inquieto. Uma versão minha de dois e outra de seis anos.

A primeira aparentemente assustada (talvez pelo flash)

E a segunda, feita para a matrícula na escola, com um rosto mais emburrado (não gostava de todo processo em si).

Versões estas que parecem tão distantes, mas ao mesmo tempo próximas.

Ao retomar pequenos fragmentos da infância, me aproximo dos caminhos que motivaram a desenvolver uma pesquisa de mestrado pela diferença, pois ali, naquele olhar miúdo e desconfiado já habitavam modos de transver.

Modos que me fazem ver a vida com encanto e com mais poesia, e não apenas aquela traçada para nós, formada em linha reta.

O que me faz acreditar que talvez seja possível ver o mundo de outras formas. E para inventar, é preciso renovar o olho.

Renovar os sentidos.

Em uma conversa, entre Elisa Lucinda e Rubem Alves no livro *A poesia do encontro* (2008), os autores-poetas falam de como o olhar pode ser educado.

Alves descreve a situação de uma antiga paciente que, segundo ela, achava estar ficando louca. Em um dia aparentemente comum, a mulher que movimentava a faca ao cortar uma cebola, simplesmente se espantou ao olhá-la, pois nunca tinha visto daquele jeito, porque, sempre que a olhava, pensava no molho.

Mas naquele dia os anéis da cebola pareciam brilhar, que nem o vitral de uma catedral gótica.

Alves respondeu: “Você não está louca. Você se revelou poeta” (p.35, 2008)

A poesia ensina você a ter olhos para as coisas! (p. 36, 2008)

Por isso, acredito que o encontro com Manoel de Barros não foi à toa.

O poeta versava sobre um menino que contraiu a visão fontana, enxergando como pássaro, e sobre as possibilidades de transver o mundo. Me imagino nesses poemas. E se eu fosse esse menino? E se nós fôssemos ele?

Me sinto invadida pelo olhar múltiplo, como o dos pássaros, como aquele visto por uma borboleta, em um olhar insetal.



22

Além das cebolas e do mundo, também é possível inventar a si mesmo, transver-se, construir-se como artista de si.

Não há como separar o que é vida e o que é arte.

A descoberta da caixinha metálica repleta de infâncias inaugura um devir.

Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais

²² Colagem produzida pela autora em 17 de janeiro de 2025.

próximas daquilo que estamos em vias de devir, e através das quais devimos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo (Deleuze e Guattari, 2012, p. 67).

Um desejo de experimentar o novo, das invenções,
da curiosidade, da leveza,
do esquecimento e suavidade, que não retomam apenas memórias do passado,
mas experimentam o presente num movimento sempre para frente.
Naquele instante, as plumagens e o corpo desejavam voos.



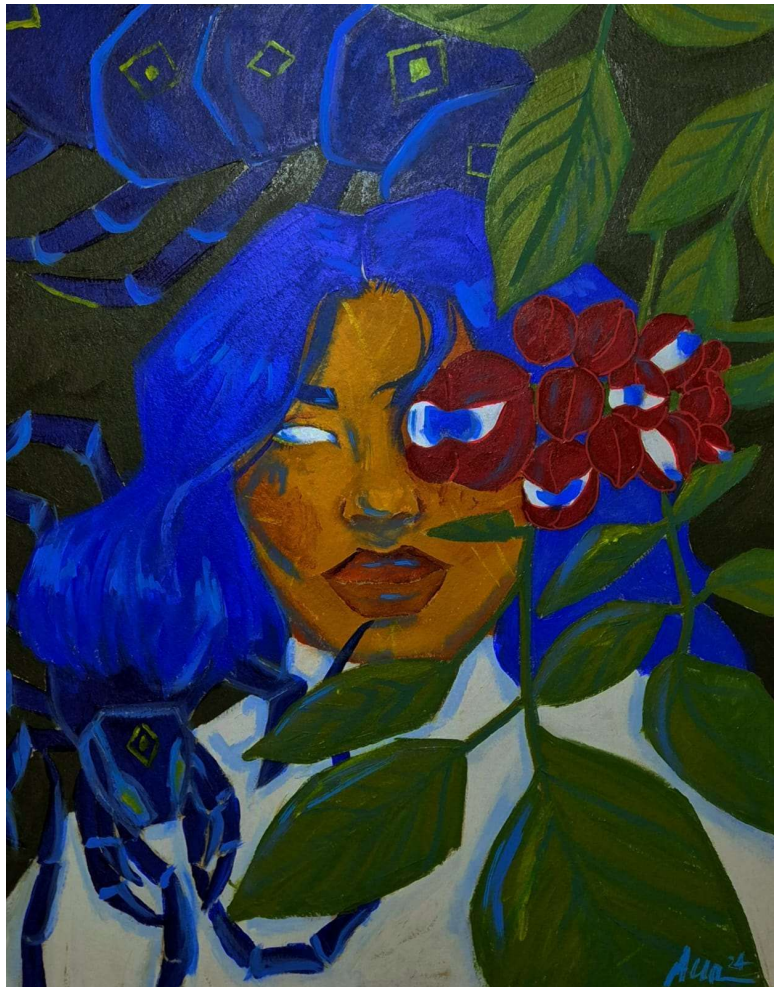
23

Borboletas me convidaram a elas.
O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.
Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens e das coisas.
Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta seria, com certeza,
um mundo livre aos poemas.
Daquele ponto de vista:
Vi que as árvores são mais competentes em auroras do que os homens. Vi que as tardes
são mais aproveitadas pelas garças do que pelos homens.
Vi que as águas têm mais qualidade para a paz do que os homens. Vi que as andorinhas
sabem mais das chuvas do que os cientistas.
Poderia narrar muitas coisas ainda que pude ver do ponto de vista de uma borboleta.
Ali até o meu fascínio era azul.

Manoel de Barros

²³ Pintura produzida por Cauper (2024), no dia 26 de setembro, inspirada em um olhar insetal.

As asas estão prontas?



24

Por dias, fiquei escondida no ateliê.
Era o medo de ser vista com essas linhas azuis serpenteando,
do amarelo pelo corpo todo,
do verde pelos dedos dos pés,
com plumagens, que de tempo em tempo, pareciam mudar de
cor.
Iridescentes, eu diria. Estranhava o que via.
O espelho refletia o mesmo rosto,
Apesar de as vezes, parecer que não é mais o mesmo.
Não é que eu veja um bico ou penas, mas há algo diferente.

²⁴ Pintura produzida por Auá Mendes em 2024.

Vejo os mesmos cabelos cacheados,
e que de algum modo, sempre desalinhados, faz parecer que
o vento mora nele.

Via os mesmos olhos pretos,
que antes só captavam formas e cores, mas agora podem ver
de outro jeito.

Eu não olhava mais o mundo para reconhecê-lo, mas para
inventá-lo.

Não sei ao certo quem sou, mas sei que estou entre o humano
e o animal, entre a terra e o céu.

Me componho inaugurando formas de existir.

Entretanto, não consigo me representar de um único modo
Talvez não seja possível uma representação.

Seria um outro eu?

Quantos eu's cabem em mim? Há mais eus do que eu mesmo.
Vivem em nós inúmeros;

Já dizia Fernando Pessoa em Ricardo Reis. Como explicar
essa coisa de mulher-pássaro? Uma metamorfose?

É cunhã que se transforma no Festival de Parintins?

Mulher-arara, Mulher-gavião, Mulher-coruja,

Que nem Matinta Pereira?

Mulher durante o dia e que se transforma a noite. É mulher
que se ingera²⁵?

Onde bicho se ingera em gente e em outros seres animados e
inanimados em uma potência/força.

Uma coisa era certa: Já não era mais a mesma.

Aos poucos fui retomando o que havia esquecido.

A cozinha me espera com a pia cheia,

o arroz no fogo ameaça grudar,

as plantas reclamam na varanda pelo olhar que não lhes dei.

O computador pisca na mesa, com os arquivos abertos:
dissertação, planilhas, prazos.

²⁵ CORDEIRO, Maria Audirene de Souza. "A canoa da cura ninguém nunca rema só": o se ingerar e os processos de adoecer e curar em Parintins (AM), 2017.

Respiro fundo.

A visão embaça, culpa de ler sem os óculos de descanso que deixei esquecidos em algum canto.

O calor do início da tarde me lembrou de finalizar alguns livros esquecidos na estante,

Entre eles Flor de Gume, de Monique Malcher.

Onde flores corajosas mostram a ancestralidade e a força das mulheres amazônidas

Onde o narrar evidencia o que está à margem é um ato de criação e resistência.

Resistência que também percebi em Escute as Feras, de Nastassja Martin

Um devir-urso marcado na pele.

Na qual o corpo aparece como território de transformação corpo híbrido, múltiplo, que é humano e não é.

Diante dessas narrativas,

percebi que as minhas penas, suas cores e suas linhas não são apenas mudanças visuais.

Uma pausa novamente.

Continuei a lista de vídeos para "assistir mais tarde" do Youtube, aprendi a fazer torta de frango.

confesso que ainda prefiro o mingau de crueira feito pela minha avó como merenda da tarde.

Mas me sinto tentante nas experimentações da cozinha.

Reguei todas as plantas,

espadas-de-são-jorge, samambaias, jiboias.

Me espantei com o tamanho de uma delas, de tão grande, as jiboias se entrelaçavam pelos ferros da estante.

Daqui a pouco se entrelaçam em mim, pensei.

O dia, quente como de costume, foi feito de muitas partilhas.

Conversei com as formigas da janela sobre suas cores favoritas do horizonte,

queria pintar um quadro.
(elas me indicaram um tal de verde avermelhado cinzento).
Com o bem-te-vi sobre seus banhos de chuva,
planejava dançar lá fora em dias chuvosos
E com o grilo sobre as melhores canções para cantar ao
anoitecer.
iria cantar sob as estrelas.
Escutei as músicas da playlist aleatória Yellow -Coldplay,
Olho de Boto - Nilson Chaves, Azul-Gal Costa,
Mistério no olhar-Saulo Duarte, etc,,,
Cantarolei e dancei naquele fim de tarde.
Sinto que posso sussurrar, assobiar, narrar, declamar,
gritar.
O encontro com os outros seres me deu voz
As palavras me acharam.
Quero a palavra que sirva na boca dos passarinhos.²⁶
Da janela,
eu desejava o vento, desejava o céu.
No toque dos ombros, um lembrete constante do voo E, ao
mesmo tempo, do receio da queda.
Acredito que não há tutorial para os voos. Se houver, nunca
o li.
Mas imagino que deve começar com a inquietude no peito. O
pássaro que pulsa em mim insiste em outro ritmo.
Desejava voar. Pensava nisso com certa frequência. Por onde
começar?
No cômodo-ninho-ateliê, observava minhas pinturas, minha
caixa metálica, e tudo aquilo espalhado,
queria levá-los comigo.
Os guardei nas cores em potes e bisnagas de tinta,
dentro das palavras e também entre as penas.
E para não esquecer nada, uma bolsa de crochê. Parecia estar

²⁶ Barros, Manoel de. Livro sobre nada. Rio de Janeiro : Alfaguara, 2016.

pronta.

Escolhi a praça.

pela indicação do vento e das formigas.

Segundo as formigas, na praça havia doces gostosos. Segundo o vento,

Em um espaço aberto, poderia praticar novos modos de ser.

Praticar o que meus pés não sabiam.

E quem sabe,

de aprender a voar.

Um turbilhão invade o peito.



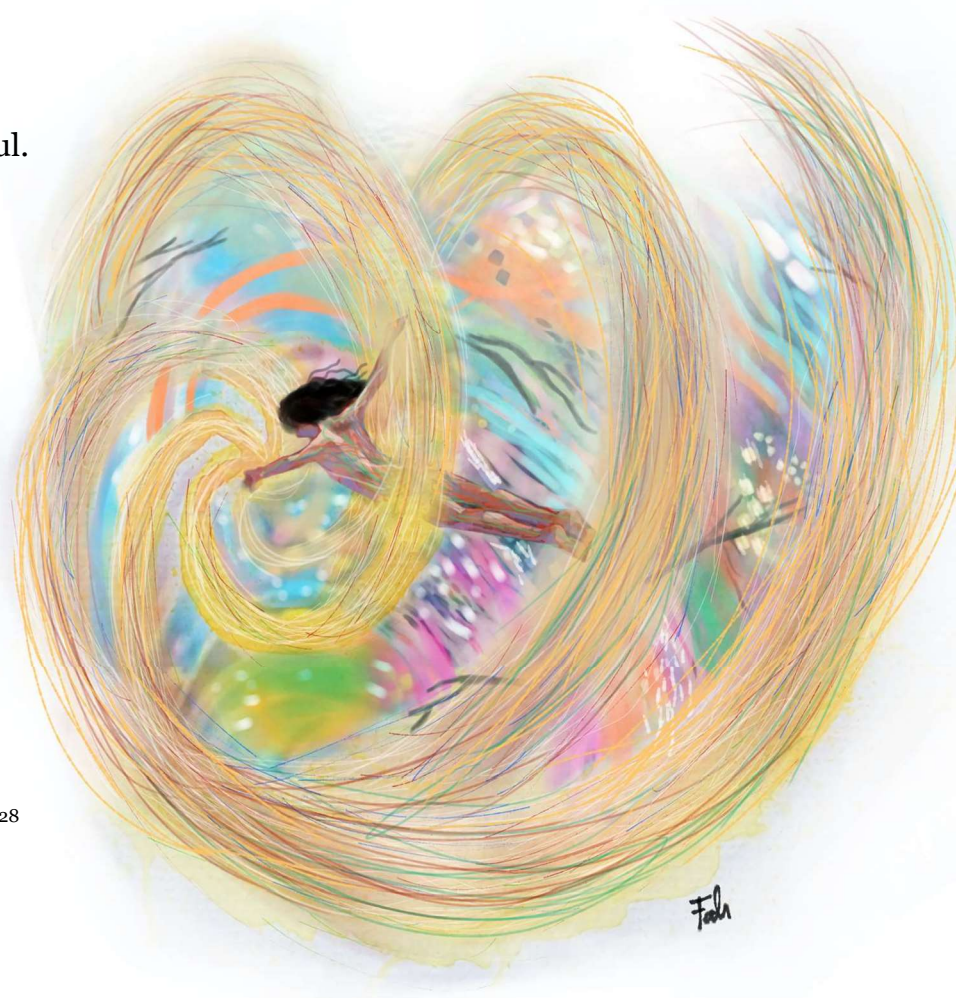
27

²⁷ Pintura produzida por Aguiar (2024), no dia 26 de setembro.

Voos da mulher-pássaro e a invenção de
amazônias

Sirva o meu amor de vôo.
Sirva a tua vida inteira de azul.
Eu sirvo de pássaro.
Thiago de Mello

28



²⁸ Pintura produzida pela autora em 18 de dezembro de 2024. Tentativas de capturar o voo. Cartografias incertas, mas o salto sempre aponta para o infinito.

É um convite a transver, a reinventar o que já parece fixo. Aqui, a Amazônia não é destino nem paisagem, mas força criadora, que causa e atravessa, que ensina ao corpo novas formas de ver, sentir e viver.

Não trago respostas, mas mergulhos, voos.

Entre tintas, sabores e encontros, sigo experimentando em linhas e cores. O que pode a Amazônia ao inventar-se na tela? O que aprende o corpo ao voar?

A visão, que antes centralizava tudo, agora transborda. É uma visão fontana. É um corpo que vê, que escuta as vibrações, que sente as cores antes de tocá-las.

Apesar de não ser fácil lidar com sentidos que explodem em tantas direções, é nesse transbordar que o corpo se inventa.

Um corpo outro.

Corpo que voa em territórios que ainda não existiam.

Às vezes, é preciso atravessar a floresta inteira para sair do lugar; outras, basta fechar os olhos e não se mover. No voo, o corpo pinta-se de amazônias.

Acredito que estar aberta aos encontros me aproxima ao múltiplo, as diferenças e ao devir.

Voltei novamente aos planos de traçar outras linhas, de deixar-me ir, lançar-me com o desconhecido. Sair do 'meu' lugar para me situar em outros, permitindo-se sair de si e experimentar uma força inumana para a preservação do corpo intensivo, para viver vazios e cheios (Silva e Lima, 2014, p.156).

Como uma criança que transforma, sente, vivencia e explora cada contato com a terra, com os bichos, com as árvores e com o mundo, também me movo.

Essa ideia de vida, que pode ser vista como romântica, floreada e idealizada por alguns, aqui, é permitida, pois não há preocupação em conceituá-la ou limitá-la a um único referencial.

Se a vida não é feita apenas de encantamentos, recriá-la, seja como mulher, professora, pesquisadora, amazônida, pássaro ou o que mais desejar, é adentrar às inventividades tecidas por mim mesma. E por nós mesmos, aqueles que leem estas linhas. Lanço o convite: permitamos a diferença.

Planos de voo

Ao pensar no voo, desconfio que algo mudou. Será que comecei a passarinhar? Seria possível contrair a potência do pássaro? Não sei ao certo. Enquanto me descobria

em um corpo diferente, outras formas também pareciam emergir. Se hoje há voos, é porque algo, em algum momento, impulsionou o salto.

Mas os fatos que me trouxeram aqui são um tanto nebulosos. Algo parecia me escapar, talvez sair do ninho implique um certo esquecimento.

Foi no entre, no espaço onde mulher e pássaro coexistiam, que compreendi que eu era ambos. Não uma metade de cada, mas um todo que pulsava na convivência das diferenças.

Conviver com isso foi o primeiro aprendizado. Após as cores invadirem o corpo, percebi que estar em revoada também era necessário. Foi com as crianças que brincavam de inventar mundos, com os professores que me ensinaram a ousar pensar, com amigos, família e não-humanos que me encorajei. O medo de voar diminuiu, mas não se dissipou.

E assim, com asas que ainda não sabia usar completamente, comecei a sobrevoar territórios de ideias, de afetos, de lugares.

Cartografar por onde o corpo sobrevoou é o meu modo de compartilhar esses voos, para quem sabe, convidar outros humanos-pássaros a voarem comigo.

No caminho, fui atravessada pelo voo do outro. É preciso relembrar alguns fatos.

Ao perambular para além do ateliê, munida com alguns materiais, fui em direção a praça. Caminhando pelas ruas, o corpo encolhido e aquecido, retoma a sensação do sol queimando a pele e do vento quente nos olhos.

Não sabia explicar, mas aquilo me fazia sentir mais viva. Sou acompanhada pela quentura do asfalto, poucas sombras no trajeto, e um vento carregado de fumaça, causando desconforto e dor nas narinas.

Em relação ao forte calor, a cada passado dado, o corpo já não temia mais os raios de sol, parecia ter criado uma casca que o protegia, mas as sombras das árvores ainda o chamavam para perto.

Porém, não havia proteção que resistisse à fumaça que invadia o ar. O corpo, antes fortalecido pelo calor, perdeu um pouco de vida diante daquelas cinzas. E, mesmo assim, foi preciso seguir, em meio ao desconforto.

Não pude deixar de observar os movimentos ao meu redor.

As folhas das árvores balançando em compassos.

Uma criança, sentada na calçada brincando com um graveto no chão, formando um coração que parecia pulsar por instante.

Cruzei o olhar com uma senhora de cabelo acinzentado e sacola cheia de farinha.

Por um instante, temi que ela pudesse enxergar aquilo que agora me compõe, mas ela seguiu em frente, como se nada em mim fosse novo.

Tomada pelo estranho que agora me compõe, além das formigas, os pássaros e as árvores pareciam falar com mais frequência. sussurros. Eu ainda não tinha prática para entendê-los, mas sentia que estavam ali, mais perto do que nunca.

Na praça, com coreto e postes no estilo Belle Époque, me vi cercada por árvores de copa alta. Fui em direção ao jardim colorido junto às plantas e flores miúdas que também brotam das fissuras do concreto.

Sentada no banco de madeira, observei o voo das aves, haviam alguns pombos cinzas entre as mesas vazias e restos de comida, urubus sobrevoando próximo ao rio e destrinchando os lixos na calçada, alguns pássaros menores, como os periquitos enchiam o lugar com seu canto barulhento.

De lá podia ver o rio barrento com algumas embarcações distantes, e o alaranjado mercado municipal da cidade, com cheiro de banana frita, tucumã e café.

Suspirei. Ou talvez só imaginei o suspiro.

Na bolsa de crochê, tateei algo para planejar meus voos. Mas voo se planeja? Ainda não sei como. E, talvez, não precise saber.

Mas com o bloco de notas e caneta azul em mãos, releio meus rascunhos parados no tempo.

“entrar no jogo da disputa por produção de sentido sem jamais perder a poesia”
(Paraiso, 2012, p. 40)

“Um modo de fazer ciência comprometido com a sobrevivência e com o vivido, mas que os ultrapassa em busca da expansão e da afirmação da vida.”

(Silva e Soares, 2015, p.175)

Percorri mais e mais palavras, tentando de algum modo, retomar e organizar meus pensamentos. Dá forma à desforma... Eu pensava em uma pausa.

Que outras amazônias são possíveis? Com o coração batucando mais forte... me veio a distração.

Primeiro com o canto dos pássaros ora bem-te-vi, ora da pipira azul.

E segundo, com algo estranho... asas que balançam rapidamente, penas de diversos tons de plumagem colorida e iridescente, e bicos?

Eram pequenos pássaros, que voavam em direção contrária um dos outros. Rodeavam o poste cinza, se misturando com as folhas levadas pelo vento.

Um deles se aproximou, seu pouso apesar de rápido, ficou lento aos poucos,

causando algo no corpo, talvez medo, ou quem sabe encanto.

A mulher olha o animal e o animal a olha. ²⁹

Curiosa, lembro de ficar imóvel para que não o assustasse, por fim, ele chegou à madeira descascada do banco e ali parou.

Além das suas cores, entre tons azuis esverdeados e roxos alaranjados, parecidas com as da minha pele, outro detalhe despertava a atenção, era seu bico um tanto diferenciado.

Alguns pássaros de pequeno porte possuem bico levemente longo e fino, mas ali não havia bico, haviam bicos...

O primeiro que vi tinha formato de saca-rolhas, como se estivesse pronto para abrir um vinho.

Outros dois menores, entrelaçam seus bicos formando um coração, enquanto aquele parado, tinha uma flor.

No bico do beija-flor, tem flor.

Na descoberta de seu pouso descansado e dificilmente testemunhado, observei aquele animal tão pequeno e que parecia me olhar atentamente com seus olhos brilhantes.

O olhei de perto, bem de perto o suficiente ao ponto de ver o mundo com olhar de pássaro.

Seus olhos se voltaram para mim ao ponto de ver o mundo com meus olhos, foi como um troca, ainda que eu não tenha tanta certeza.

Mas sinto.

Aquele encontro me deixou contagiada de algum modo.

O sentimento acionado pelo olhar do outro causou o questionamento da minha própria humanidade.

Seria possível um escape da racionalidade?



Depois daqueles segundos, que pareceram longos minutos, o beija-flor com bico

²⁹ LISPECTOR, Clarice. O Búfalo, in: Laços de família. Rio de Janeiro: Rocco, 1960.

de flor bateu suas asas novamente, e de repente estava ali, parado no ar, chegando a produzir sons diferentes com as batidas aceleradas.

Logo percebi que sua presença ia além do seu bico chamativo, ela tinha uma intensidade.

Naquele voo, comum dos pássaros, contemplei o pássaro que voa e que ao voar torna-se uma sensação em mim, sendo afeto.

Em sua partida, também me coloquei a voar. Rapidamente eles se foram juntos.

Fiquei atravessada por alguns desejos, queria escrever como um pássaro de voo pairado e que canta com as asas.

Queria poder voar.

A partir daquele encontro, percebi que a possibilidade de alçar voo estava mais perto do que imaginava. Fiquei em estado de alerta.

Quando vi aqueles pássaros, senti que eles pareciam saber mais do que eu, em um convite para algo além.

Eles não me pediam respostas, eles me chamavam para experimentar. O que fazer depois disso?

Notei que meus passos não eram mais tão precisos, o chão parecia mais distante do corpo, me sentia levemente cambaleando. O corpo vibrava a cada passo.

Voltei ao ateliê e comecei a lidar com o turbilhão de sentimentos.

Fiz buscas, procurei relatos, notícias, e finalmente a descoberta.

Não era a única a encontrar um beija-flor com bico de flor, e pássaros com bicos (im)possíveis. O que de certo modo foi um alívio, já que eles poderiam ser vistos e apreciados por outras pessoas.

Na busca de mais informações sobre tais animais, as obras de Walmor Corrêa apresentam uma composição delicada e complexa dos pássaros que vi naquela tarde.

Um artista, que ao aproximar sua relação com o mundo natural e o conhecimento científico em suas produções, desloca fronteiras pré-estabelecidas.

Entre Ficção, Realidade, Sensibilidade, Razão, Imaginação, Arte, Ciência.



30

Logo, retomo a Deleuze e Guattari (2010), e seus movimentos de ruptura, que ora causam afastamentos e ora reaproximações

arte, ciência e filosofia...

produção do pensamento como criação...

forças que vem de fora.

Criar, portanto, é desacomodar-se.

Tantos pensamentos me invadiram, isso me causou um certo espanto, como se tivesse despertado para tudo aquilo que já havia coletado, seja durante os dias no ateliê, seja nas minhas vivências em outros lugares.

Como mulher-pássaro sinto o lado pesquisadora-professora-artista pulsar novamente. De certo modo, ele estava adormecido em meio as transformações.

Ao me ver assim, dividida entre o humano e o pássaro, percebo que esses dois lados não são opostos, mas forças que se atravessam.

Ao mesmo tempo que desejo organizar, planejar, entender, justificar, desejo viver, sentir, mergulhar sem pensar no resultado.

³⁰ Pintura intitulada “No bico do beija-flor, tem flor” produzido por Walmor Corrêa em 2021.

O que é ser professora-pesquisadora-artista quando se é também pássaro? Me voltei para o movimento de ruptura ao olhar as amazônias.

Assim, a primeira sensação foi de estar dando um salto no vazio, em fluxos que desconhecia a travessia.

Ao descobrir a potência de um pássaro, é preciso assumir variados riscos, como enfrentar as correntes de vento, as chuvas, à noite, os predadores, entre outros.

A partir daquele encontro, retornei à praça outras vezes na intenção de entrar num estado de sensação, não como se quisesse sair de mim mesma, mas na relação com o outro me envolver e sentir de forma diferente.

Por fim, percebi que nem todos os voos são planejados.



31

Ensaio de voos

Desejo voar

O chão era só um intervalo.

A pele tremia só de imaginar. O voo nascido no escuro,
me faz guiar pelos sons do vento, das plantas, do rio e
animais.

³¹ Pintura produzida por Benevides (2024), no dia 26 de setembro.

O corpo descobre que já sabia e que podia. No voo pairado,
não havia pressa nem chegada. No pouso no nada,
percebi que, às vezes, o voo é quietude.

As asas cantam e
balançam poemas entre as penas.

Era o corpo inteiro produzindo algo novo, do bico às penas,
dos olhos ao voo.

Vi que voar era mais do que subir, chegar ao céu. Voar é o
próprio gesto de fazer o céu vibrar.

Voar não é ir. É despregar-se.

Do chão, do medo, da ideia de que existe peso, do fixo, do
ideal.

Voar é costurar horizontes. Às vezes, voa-se para longe.

Outras, basta soltar o corpo e cair para dentro de si. Penso
que as asas sabem os caminhos

Voar é sentir com o corpo inteiro:

tudo precisa estar junto.

A pergunta final, talvez, seja: quando devemos voar?

O desejo de sair muitas vezes se contrapõe com o calor e
aconchego do ninho.

Alguns desejam alçar voo para longe,

enquanto outros preferem fincar raízes no chão.

Acontece que, muitas vezes, ansiamos pelas duas coisas ao
mesmo tempo.

Talvez seja meu caso.

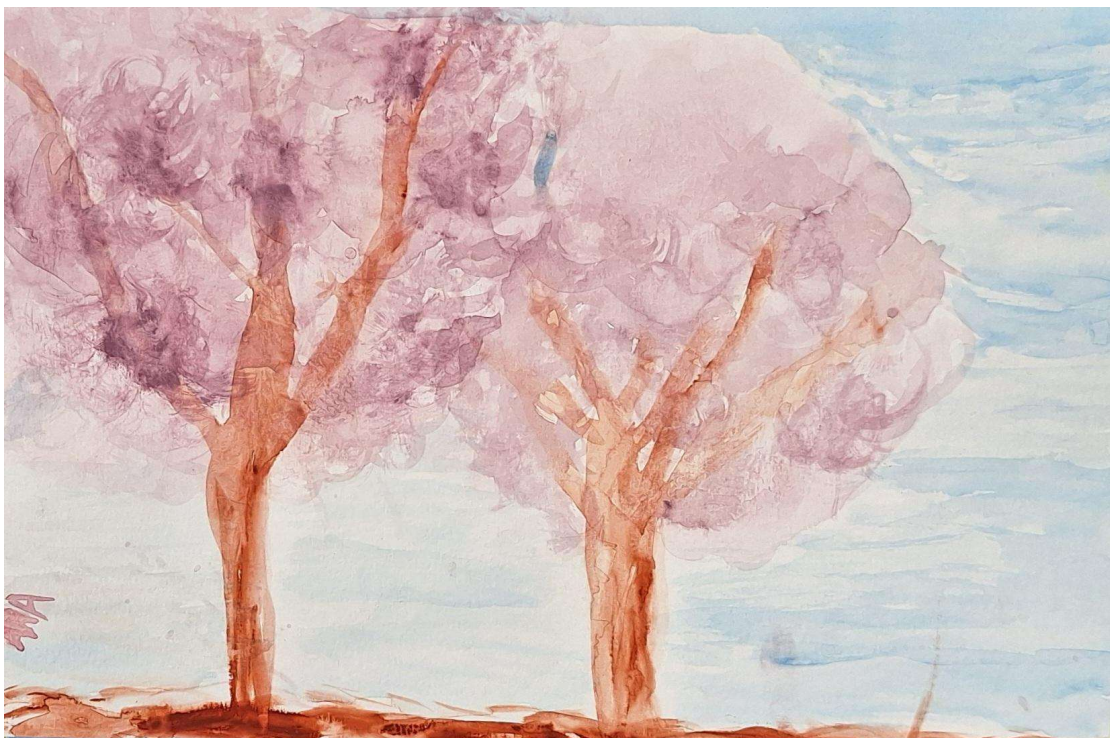
E não é um problema enraizar-se, afinal, quanto mais
profundas as raízes, mais elas nos conectam ao desconhecido.

Acredito que voar serve quando o chão já não nos basta.
Quando a necessidade de movimento se torna mais urgente. Não há
uma fórmula, mas há momentos.

O que importa é que o voo, como a vida, é uma viagem sem
fim (mesmo que isso soe clichê).

Sempre em movimento contínuo,

O que realmente importa é estar disposto a ir, ou a ficar.



32

Voo em revoada

Às vezes, sinto a necessidade de recolher-me, de voltar ao ninho, de fechar as asas.

Contudo, o voo deixou de ser um simples objeto em minha representação, era possível sentir-se voando, como uma vida que se mistura com a outra, ou com daqueles que se afetam. Talvez um convite para tirar os pés do chão mais vezes.

E mesmo com as mudanças no corpo, por dentro e por fora, senti que o meu voo pode se dar quando conectado aos meus pés, em raízes que não se soltam totalmente. Era preciso descobrir de qual modo eles podem se desprender.

Os pés já estão acostumados a repetir os mesmos passos, e andar em linha reta sempre me pareceu mais seguro e confortável.

Nossas pernas ao tocar o chão criam uma rítmica única, os passos ecoam e podem transformar o mundo à nossa volta.

Entre passos maiores e menores, descobri alguns trajetos que poderiam me levar a voar.

³² Pintura produzida por Neta (2024), no dia 26 de setembro.

Desejei pincelar meus primeiros voos.

Quem sabe as amazônias das quais desejo tanto falar em minha pesquisa não estão dispersas em cada parte do corpo.

Por fim, percebi que essa vontade de voar por aí não era atoa.

A mulher-pássaro que percorre amazônias inventivas já desejava transbordar, mesmo sem perceber.

Para compor outras formas e possibilidades, foi no caminho, entre medos e aprendizados, que descobri que a docência também é um voo, um movimento que só acontece quando nos permitimos lidar com os imprevistos.

Quais devires atravessam à docência? Perguntava-me, com o coração inquieto. Eles existiriam por aí, entre o chão das escolas e as vozes das crianças? Ou talvez nas brechas que escapam do planejado, onde o professorar se encontra com o desconhecido?

Desse modo, as velocidades que balançam e pousam provisoriamente em minha dissertação, fazem movimentos bruscos de vez em quando, como um empurrão do alto.

Já me senti assim outras vezes: empurrada para um novo caminho, onde precisava agir rapidamente.

Qual identidade assumir? Como ser uma boa professora?

Na graduação, ao estudar diferentes teorias pedagógicas, passei a procurar ideias para me compor. Todos pareciam apontar o melhor caminho: não poderia ser tradicional demais, nem muito liberal, deveria ouvir mais os alunos, libertá-los, oprimi-los de vez em quando, abandonar o livro didático, criar Jogos didáticos e atividades lúdicas, organizar provas, avaliar, seguir o documento curricular, etc.

Apesar das linhas que contornam e definem como o docente deve ser e agir, meu caminho se entrelaçou com o de outros professores que escapam dos formatos pré-estabelecidos, como os de Marias, sejam elas Elianes, Graças, Audirenes, e com Kezias, Albarados, Fernandas... Professores, que colocam suas identidades em rasura, inventando e criando, com vestígios de alegria e afeto por onde passam.

Só percebi isso depois de algum tempo, no encontro de outros, agora no mestrado, que colocam à docência como lugar de experimentação e de vida. Dessa vez com Monicas, Carolines, Danielas, Leandros...

Sinto que a docência fortalece nossas pernas para impulsionar o voo.

Franco e Estevinho (2019, p.130) discorrem que na docência é preciso estar em liberdade, e, ao mesmo tempo, contar com auxílios, orientações. Os primeiros voos

sempre têm instrutores.

Os voos iniciais geralmente acontecem em revoada, como se o coletivo tornasse o processo menos turbulento.

Longe de buscar uma plenitude inalcançável, à docência me ensinou a apostar nos vazios.

Esses espaços abertos, sem bordas, que Manoel de Barros chamaria de maiores que os cheios. Esses vazios são convites para recomeços.

Desse modo, percebo as possibilidades da vida docente como obra de arte. Não no sentido de uma obra-prima idealizada e cristalina, mas ao contrário,

uma docência que ao mesmo tempo em que se exerce, se experimenta, se (re)inventa e, fundamentalmente, toma sua ação no mundo como um plano de construção ética, estética e mais do que pedagógica: política, a fim de experimentar em si e com os outros diferentes modos de ser (Sabino, 2024).

Obra de arte que aproxima das ideias de Foucault, e de uma elaboração da própria vida. Na qual Silva (2011) aponta uma proposta ética foucaultiana, postulada a uma relação entre escolhas pessoais que se apresentam como resistência a modos de vida impostos ou a identidades validadas como coerentes e normais, sem a intenção de ser uma obra de arte concluída.

Assim, o professorar se compõe de singularidades, acontecimentos, movimentos, em devir.

Confesso que senti receio em sobrevoar pelos ares da docência.

Minhas vivências em sala de aula se limitavam a estágios e oficinas, que, por mais transformadoras que fossem, pareciam insuficientes para compor algo a ser narrado.

Ocupava na maior parte do tempo a posição de aluna. Diante das narrativas de professores com anos de experiência, senti-me pequena, quase recuada, como se minha bagagem fosse leve demais.

No mestrado, além de pensar em outros modos de ver e dizer amazônias, passei a ver à docência com outros olhos, me percebendo em um processo sem fim, em um voo contínuo e incerto.

Lembro-me da primeira turma que lecionei. Os temidos alunos do quarto ano, chamados de “danados”.

Não foi só o nervosismo de assumir uma nova posição que tive que superar, mas também o desafio de discipliná-los.

A princípio, tentei controlar tudo, idealizando soluções que me garantissem algum equilíbrio.

Antes de me lançar ao desconhecido, questionava-me se realmente queria aquilo, se seria capaz de colocar em prática o que vinha pesquisando há tanto tempo. Afinal, que postura adotar? Como aproximar os saberes diversos que as crianças trazem dos conteúdos escolares?

Não seria mais fácil se os professores já nascessem prontos?

Antes das aulas iniciarem, fiquei como observadora, sentada na cadeira no canto direito.

Ali, me vi cercada de pequenos olhos que me fitavam de vez em quando.

Alguns se aproximaram, queriam saber o que eu tanto anotava, minha idade, se eu tinha filhos, se era casada, se gostava de ser professora, se tinha sonhos.

As crianças têm essa habilidade de fazer você se sentir uma celebridade. Eram tantas perguntas, mas aquelas foram nossas primeiras conexões.

Ficar nos bastidores, até então, me fazia acreditar que seria um processo simples. Confesso que temia não ser respeitada por parecer mais nova, achando que talvez minha aparência interferisse em como os alunos me enxergariam. Mas aconteceu o oposto.

Os alunos sempre me colocaram na “posição” de professora, apesar de acharem descolado o fato de eu jogar videogame e também saber as músicas virais que tanto cantarolavam.

“A professora é gente como a gente”, me diziam.

Em poucos dias, já sabia o nome de todos, tinha algumas ideias sobre suas dificuldades, habilidades e interesses.

Foi pensando nessas trocas que elaborei meu planejamento. Como diria Marques (2000, p.36), “Na escola estamos sempre no campo da idealização” e, por isso, somos capturados pela narrativa de explicar o aluno, aquele com este ou aquele comportamento, com este ou aquele desempenho, com este ou aquele resultado.

Diante disso, procurava um suposto equilíbrio, organizando atividades mais tradicionais, misturadas com outras mais inventivas e lúdicas.

Mas o tempo parecia escasso, tanto para planejar como para executar as atividades de cada disciplina.

Desde então, já me questionava: como os professores conseguem?

Uma das professoras regentes me alertou: “Não dê muita confiança para essa

turma”, “Tem que falar grosso com eles”. Dizia isso com rigor, mas também com a experiência de quem sabia que eles eram agitados e que, de certo modo, adotar essa postura me ajudaria em algo.

Tremia por dentro.

Mas mesmo com a voz fina, tentei engrossar a voz. Resultado? no fim do dia, a rouquidão.

Mais água. Mais explicações. Mais água.

Outro sentimento me invadia ao ficar ali, parada na frente da turma, sob tantos olhares. A sensação de exposição, o estranhamento.

Mas gostava quando ganhava sorrisos e caretas inesperadas em troca.

Os alunos, mesmo agitados, pareciam ter me dado uma chance, principalmente ao descobrirem que era minha primeira vez como professora.

Uma atitude acolhedora, eu diria.

Porém, minha insegurança foi mais forte. Naquele momento, o professorar que se mantinha alegre começou a se conter.

Meus pés queriam se manter no chão, e passei a me contagiar pelo desânimo, pela repetição e pelo comodismo.

Apesar de ter iniciado as aulas de acordo com o planejado, resolvi mudar bruscamente o roteiro, tentando parecer mais “séria”.

Me aproximei do modelo que achava que eles já estavam acostumados.

“Prof, a senhora não quer mais dar aula pra gente é?”, um ou outro cochichava. “Professora tá estranha!” “Culpa de vocês que são barulhentos”, uma outra dizia indignada.

Percebi os alunos dispersos, e o desinteresse crescente dentro de mim.

Como lidar com tudo isso? Será que eles estão aprendendo? Será que devo continuar? Nem todas as perguntas tinham respostas.

Foi preciso resistir e começar novamente.

O planejamento também não foi seguido tão à risca.

Lembro-me de semanas cansativas, em que chegava em casa e parecia que a voz dos alunos ainda ecoava pelas paredes, carregada de piadas, curiosidades do dia e descobertas.

As vezes também me frustrava, acreditava que se “planejasse bem” todas as aulas despertaria a atenção dos alunos. Nem sempre acontecia.

Também sonhava com a escola.

Não tinha descanso nem nos sonhos. Aquelas semanas foram intensas.

Mas se hoje habita em mim uma docência que se deixa afetar pelos encontros, isso se deve às possibilidades de voar junto com os outros, em aventuras que escapam do planejamento da aula e acontecem em conversas, abraços, desenhos e pinturas.

Por fim, apesar de consumida pelas infinitas atividades da escola e da universidade, dei confiança para a turma e para vida.

Entre ralhos e sorrisos, produzimos contos, histórias em quadrinhos, fizemos colagens, criamos um jornal simples da sala (acredite, eles tinham tanto para falar), montamos instrumentos musicais, e também escrevemos no quadro, usamos os livros didáticos e seus cadernos receberam vistos.

Eu não fazia ideia de que os meninos e meninas, com seus olhares tão diversos sobre o mundo, me contagiassem de tal forma.

Inclusive, ainda guardo seus desenhos, suas atividades e seus segredos.

As aulas não haviam sido perfeitas (nem de longe) e esse nem era o objetivo, mas ali, algumas brechas começaram a se abrir. As crianças me encorajaram a inventar e a errar, assim, a aula nunca estava vazia. Corazza já dizia:

O verdadeiro problema do professor não é entrar na aula, mas sair da aula. Isso porque, antes mesmo de começar, a aula já está cheia, e tudo está nela, até o próprio professor. O professor carrega, encontra-se carregado, há cargas: ao seu redor, nos alunos, no plano de ensino, nos livros, na escola. Antes que o professor comece a dar a sua aula, dela pode ser dito tudo, menos que se trata de “a sua aula”; pois a aula está cheia, atual ou virtualmente, de dados-clichês os quais levam o professor a dar uma aula que já está dada, antes que ele a dê (2012, p.23).

Atravessada pelos encontros, menos certezas eu tinha.

E assim como um pássaro inventaria territórios em pleno voo, fui aprendendo a construir caminhos enquanto as aulas se desenrolavam.

Ainda há uma postura que eu queira assumir?

Retomei as minhas pesquisas de currículo na graduação: Quais os saberes amazônidas que eu gostaria de pesquisar? Que realidades queria aproximar? já não sabia. Qual identidade amazônida retratar? são tantas.

Contudo, essas questões até então, ainda eram cristalizadas aos meus olhos, apesar de palpitarem nos meus pensamentos.

Queria reinventar docências, mas não amazônias.

Mas, assim como Chaves (2022, p. 164), experimentei e “precisei viver o luto da

docência idealizada, exorcizar verdades, cegar de algumas racionalidades, aprender a ouvir e falar outras línguas, inventar línguas para falar outras coisas, apreciar estar perdida, desmontar tendas, deslocar-me sempre”.

Foi no mestrado, a partir das vivências nas disciplinas, dos encontros potentes das reuniões de orientações individuais e do grupo de estudo e pesquisa Vidar em Intensões, que a amazônia, à docência, a escrita começaram a ser [des]truídas, [re]construídas e [trans]construídas e as linhas traçadas no começo, passaram a acompanhar diferentes formatos, aquelas que também erram, são espaçadas, zigzagueantes, e que agora voam.

Docências que sobrevoam rios- experimentações

Minhas asas se perdem em plumagens

Como mulher-pássaro, sinto seu peso. Peso que traz leveza, força, impulso. E se a docência tivesse asas?

Se pudesse ser menos chão e mais vento? Sei das potencialidades do chão.

Passo maior parte do tempo nele, em repouso Meus pés se recarregam na terra.

Porém, matutando Eu pergunto: quem ensina quem?

Os passarinhos menores, esses, me trazem lições de desvio, de pouso, de fuga.

Os observando aprendi coisas novas. Não voam em linha reta, mas riscam o céu em voos cheios de incertezas.

E ali, nas suas voltas mirabolantes e (des)aceleradas, eu aprendo que a ciência também pode ser ar:

um balançar de galhos,

um emaranhar de perguntas.

Uma aula é uma espécie de matéria em movimento... Deleuze, em seus escritos já nos dizia.

É criação, composição, invenção.

Foi inspirada por essas linhas tortas dos pássaros que decidi experimentar novos voos.

Quem sabe, sobrevoar rios?

Um dia o vento me carregou para lá.

Para Loureiro (2015), os rios amazônicos são “um caminho, quer dizer, lugar por onde as pessoas, de certa maneira, andam”.

E na Amazônia, os rios falam.

De tanto ouvi-los, Thiago de Mello, poeta amazonense, oferece o convite:

“Vem ver comigo o rio e as suas leis. Vem aprender a ciência dos rebojos, vem escutar os cânticos noturnos no mágico silêncio do igapó coberto por estrelas de esmeralda” (1981).

Foi o que fiz, dei ouvidos aos rios barrentos. Decidi carregá-los para dentro da universidade.

O rio sobrevoado estava repleto de poemas, objetos, pincéis, tesouras, fios, trechos de livros, imagens, tudo acomodado em uma canoa feita de madeira.

Era um convite para uma travessia em amazônias inventivas.

Os rios transformaram-se em um “lugar de encontro, onde todo afeto pode nascer” (Lube, 2021, p. 52).

Em voo, tive companhia de outros corpos-experimentação. Anny, Stivisson e Hivina.

“Um corpo-curriculo na constituição do professorar”, era o nome do nosso ponto de partida.

Nos reunimos com professores-pássaros em formação, disparados pelo Impacto social³³.

Pintamos, vendamos os olhos e criamos um corpo-curriculo em experimentações no Ensino de Ciências.

Nos afetamos pelos sons residentes na constituição de uma docência no Corpo-sonoridade.

E, por fim, em uma escrita autobiográfica imagética das múltiplas Amazônias e mulheres amazônidas, tecemos um corpo-fotografia.

A arte foi nossa aliada nas tentativas de transver as

³³ Critério exigido pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) aos programas de pós-graduação

amazônias.

A arte é tomada como criação de vida e força molecular.

Em uma desconstrução das naturalizações de uma visão do artístico reduzida e conformada a uma posição elitista.

Em Manoel de Barros, no livro Ensaaios Fotográficos, um trecho disparou o corpo-fotografia:

"queria transformar o vento, dar ao vento uma forma concreta e apta a foto. Eu precisava pelo menos encontrar uma parte física do vento: uma costela, o olho.... Mas a forma do vento me fugia que nem as formas de uma voz" (Barros, 2000, p. 66).

Qual tipo de lente seria capaz de capturar as amazônias e as mulheres amazônidas existentes? Quais mundos se abrem nesse exercício inventivo? São postos elementos em (in)visibilidade ao falar da Amazônia?

Como compor com as multiplicidades amazônicas que nos atravessam?

Imagens alinharam criações e invenções de outras visualidades.

Inspirada pela multiplicidade,

(des)organizei composições amazônidas em um vídeo.

Em rápidos frames, o ritmo calmo e contínuo das águas barrentas do rio entrelaçava-se com os sons de passos apressados, prédios altos recortavam o horizonte, e o crepitar do fogo incessante ecoava.

Enquanto a arte amazônica surgia em diferentes formatos. Imagens e sons se uniam nas projeções,

com cenas de um cotidiano amazônico múltiplo. Vozes de mulheres amazônidas inscreviam-se ali: falas de origem, de força e de transgressão, ser mulher, ser amazônida.

Entre corpos e movimentos, algo emergiu, chamando outros corpos a dançar.

De início, havia receio, um pouco de vergonha, rodopios tímidos, pés hesitantes saindo do chão,

ritmos alternando-se entre lentos e acelerados, mãos

improvisando gestos no ar.

Mas, aos poucos, os sorrisos brotaram,
olhares se cruzaram,
e a alegria começou a vazar, preenchendo o espaço.

O corpo estava dando também as primeiras brechas para experimentar.

Uma docência que também pode dançar. Quais Amazônias habitam em vocês?

Quais Amazônias habitam em nós?



34

As cadeiras comumente enfileiradas deram espaço para um rio carregado de arte.

³⁴ Imagem intitulada “Docências que dançam”, produzida pela autora em 2024.

O rio era composto por palavras de Milton Hatoum,
de Raízes Caboclas, de Márcia Kambeba, Chico da Silva,
Violeta Branca, entre outros.

Abriram-se espaços-tempos, imersos em silenciamentos e
encantamentos de diferentes existências amazôni(d)as.

Uma aproximação. Resultados, talvez.

Naquele sobrevoos pelos rio-experimentações Pistas da nossa
viagem

Cartões postais foram produzidos Deslocamentos e invenções,
recortes e colagens,

conexões entre as imagens e as palavras. Na tentativa de
transver,

os cartões-postais revelam pedaços de um corpo-fotografia,
em imagens, textos, carimbos, selos e
distâncias percorridas

Um postal que deixa o rastro de um percurso em constante
movimento.

Se tornando uma das minhas primeiras viagens à Amazônia
inventiva.

"Sentimento de pertencimento", enfatizaram.

Estar em revoadas me fez perceber que os professores-
pássaros, carregam sementes em direção a um solo instável.

Como pode haver tantas amazônias? Aquelas partilhas nos
conectaram. Da dança, movimentamo-nos para ser outros e, ao fazer
arte nos cartões-postais, mobilizamos a estética da existência.
Daquele rio ecoaram vozes distintas.

Ser mulher-pássaro me faz perceber para além de mim.

E dali tive outra certeza, quero carregar a arte nas asas.

Quero encontrar brechas para florescer na docência e na
ciência.

Uma docência que não se conforma, nem repete o mesmo voo,
e nem o mesmo canto ano após ano.

Docência rizoma,

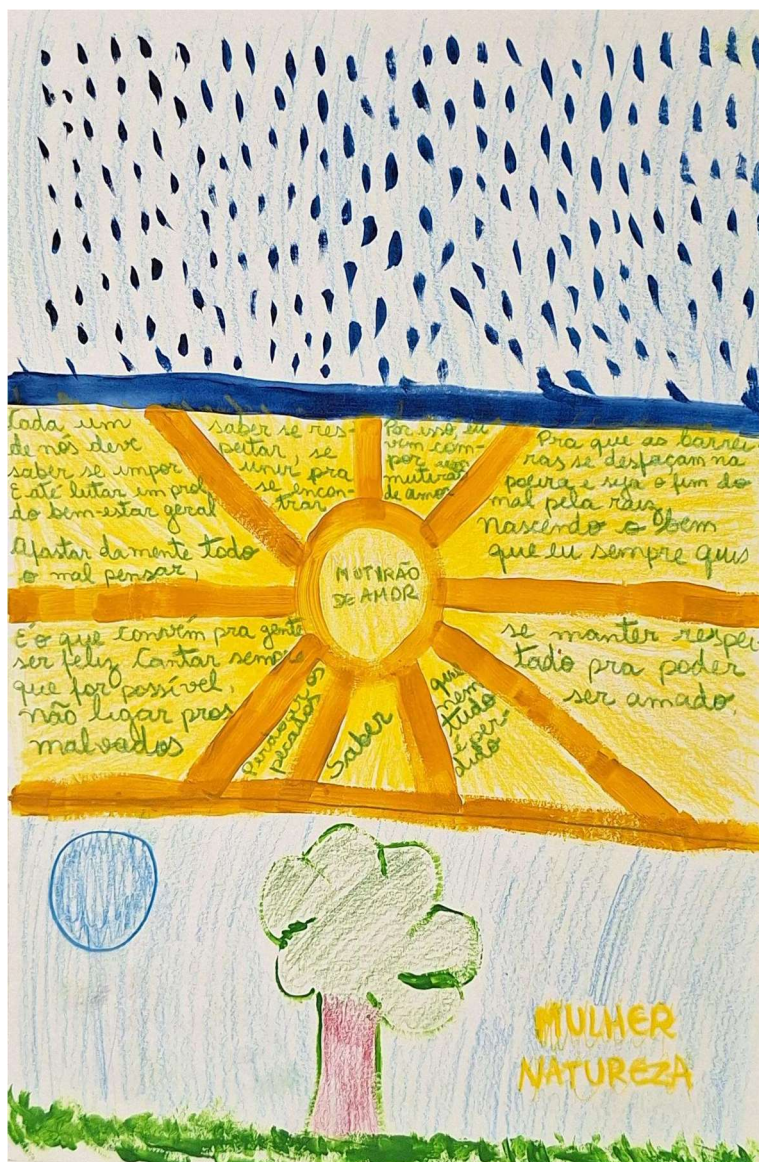
Com raízes que se multiplicam no escuro, no horizonte.

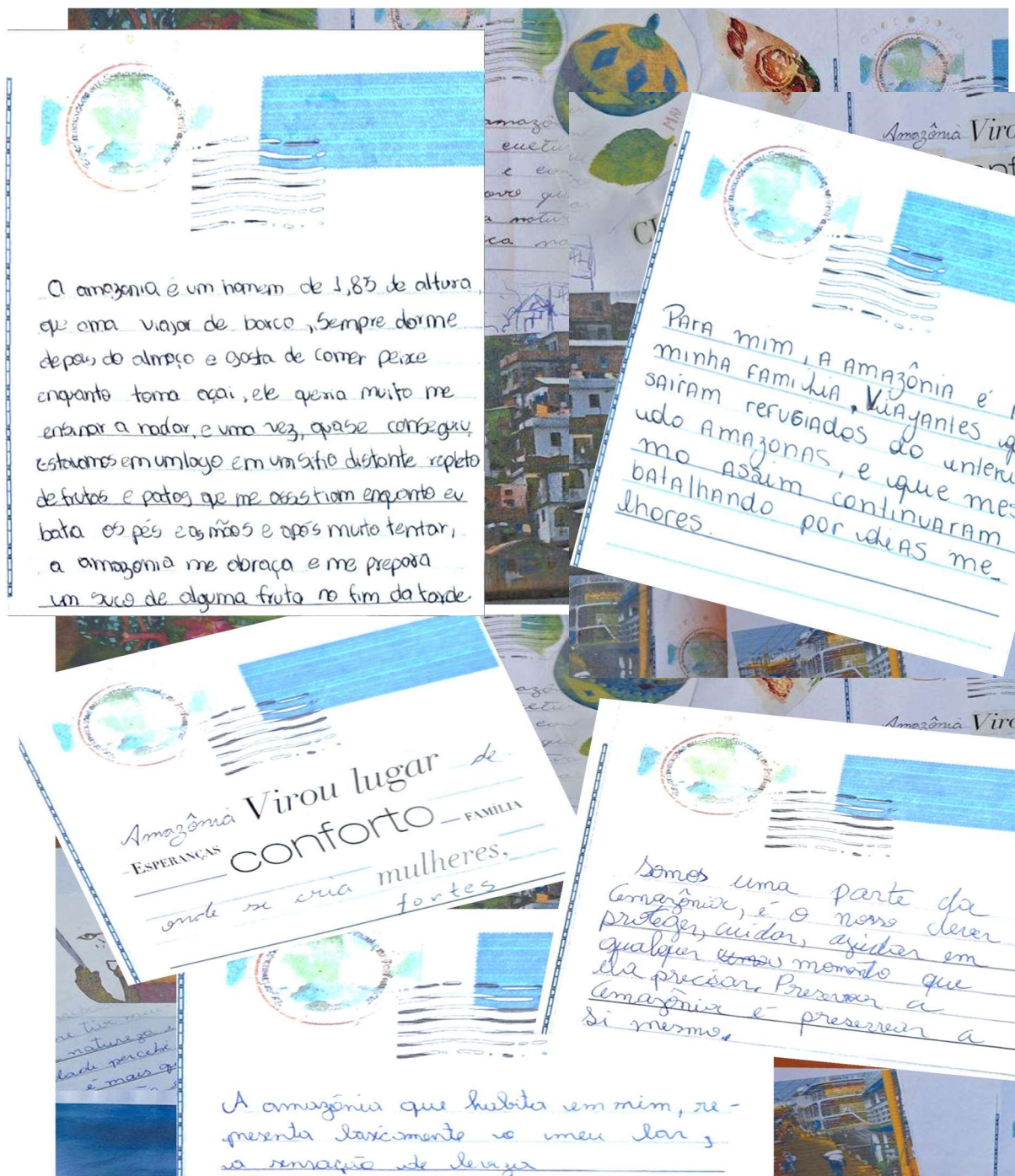
Docência como lugar de incertezas, dos inconformados.

Por que, mesmo com tantos desafios, ainda desejamos professorar.

Por fim, acredito que a docência pode voar!

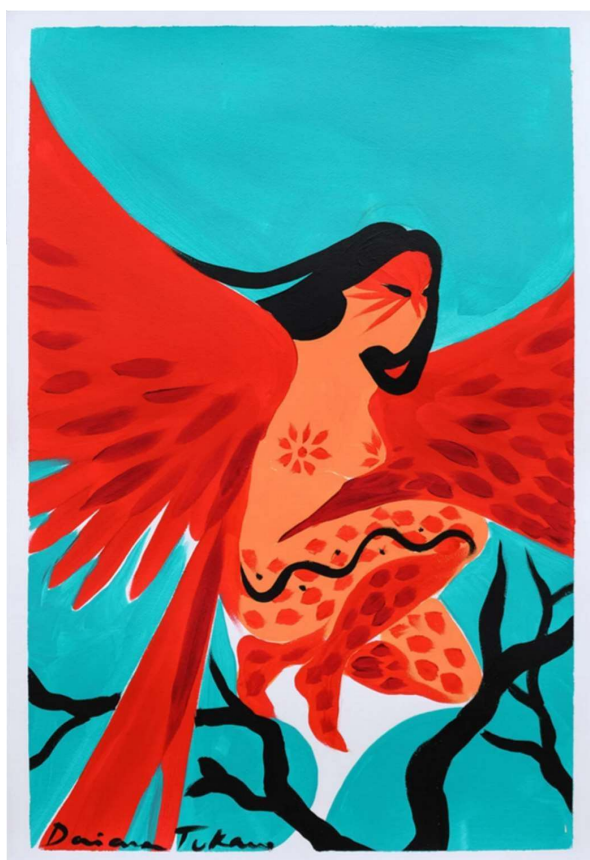
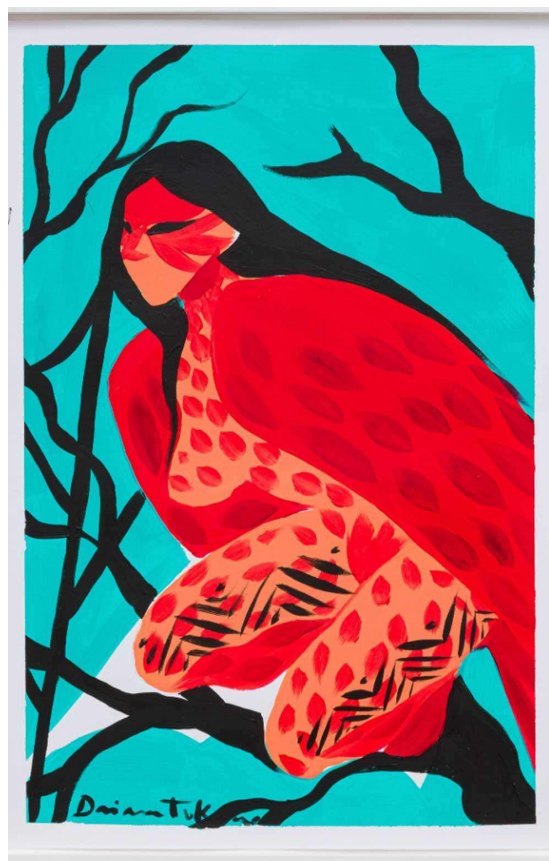
O voo se dá quando todos os corpos se compõem em mutirão,
em revoadada





36 Colagem intitulada "Cartões-postais amazônidas" produzida pela autora em dezembro de 2024.

Ah, estranho vazio
 Desapareça enquanto rio
 Esqueço-me de ti
 Quando transbordo
 Quando nem mais me importo
 Eis um fato: A mesma moeda

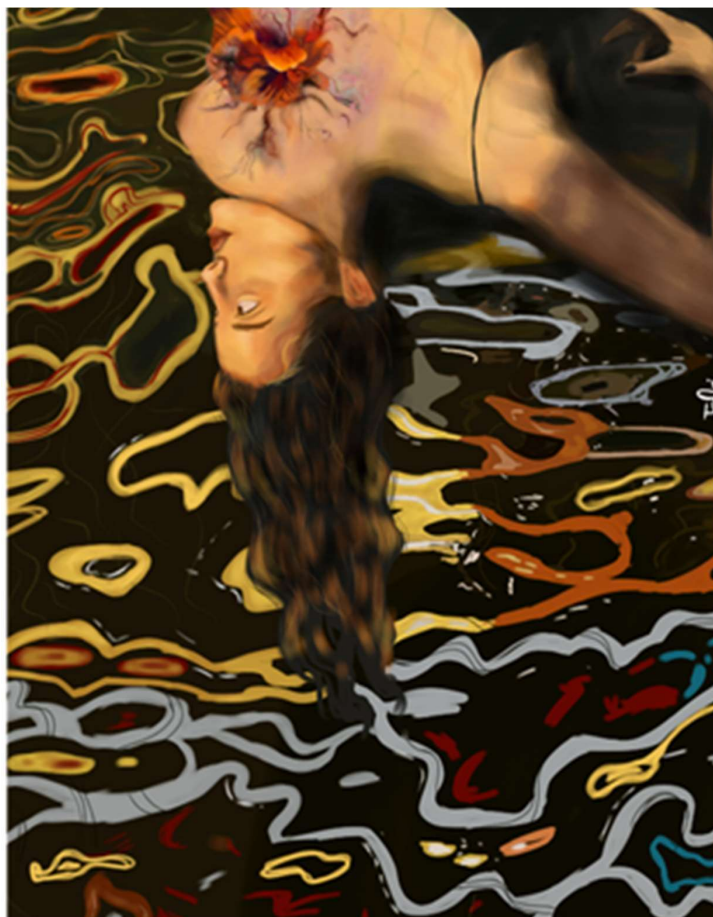


Congrega dois lados, cara ou coroa?
 Tempo, espaço, certo ou errado?
 Assinale a opção abaixo
 E se a resposta não couber no espaço?³⁷

38

³⁷ Música “Rio abaixo de rio” de Luli Braga.

³⁸ Pinturas da série intitulada “Miriãporã mahsã produzida por Daiara Tukano (2021).



39

Voos sem destino

Como começar pelo início se as coisas acontecem antes de acontecer?

Os pássaros anunciam o fim da tarde.

Em revoada vão em direção as copas das árvores.

Eles não têm pouco nem porto.

Entre ventos que sopram forte e ventos que sopram lento,
Surge o cheiro de fumaça.

Dessa vez, da venda de churrasco na calçada. Ufa!

Enquanto o sol se despedia, eu buscava novas sensações.
Buscava a arte.

Aquela que minhas últimas experiências na docência fizeram
renascer em mim:

³⁹ Pintura digital produzida pela autora em 2023.

livre, cotidiana, pulsante, efêmera e solta,
como a arte que vive nas ruas, nas avenidas, nas praças.
Arte que se espacha em cada passo meu, E que
desassossega o meu sossego.

Um respiro.

Sinto um despertar,
um estado de intensidade.
E, em visão fontana, tudo ficou inominado.
Amazônia ainda não era a palavra Amazônia. E tal.
Quantas Amazônias cabem na Amazônia? Talvez amazônias como
obras de arte,
espalhadas em corpos, sensações, vibrações. Já era hora de
voltar para casa, mas percebi que nem sequer finalizei a pintura
que me propus a fazer naquela tarde.

Apenas espalhei algumas pinceladas, conversei sozinha e me
perdi no tempo. Senti-me boba,

ali sentada, sem produzir nada.

Mas, ao menos, tive tempo para ver, ouvir e tocar o mundo.

⁴⁰De repente, um som invade o espaço

Não eram mais os pássaros ou as motos da rua, Era o som dos
fones de ouvido,

trazendo de volta o episódio do podcast pausado, A voz
masculina narra a leitura de um texto:

"Será que alguém assim ainda mora dentro da gente?

Acostumar-se com o mundo é importante, certamente,
mas não deixa de ser, ao mesmo tempo, uma forma de perdê-
lo.

Acreditar cegamente que já conhecemos tudo aquilo que
borboleteia sob os nossos olhos acaba por nos fazer perder a
graça de seu voo.

⁴⁰ Clarice Lispector, do livro "A descoberta do mundo". [crônicas]. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

Talvez exista uma eterna juventude acessível na maneira de olhar as coisas:

será que podemos voltar a sentir como pela primeira vez a chuva caindo sobre a pele?"⁴¹



42

Pouso na Amazônia-repetição-diferença...

Nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos.

Por isso é preciso desprender-se de ideias enraizadas sobre os discursos tidos apenas como um conjunto de signos (Fischer, 2003).

Ao pensar sobre a Amazônia, é inevitável que surjam representações fixadas e coladas ao imaginário coletivo:

El Dorado Pulmão do Mundo

⁴¹ Episódio “Exercícios do Idiota”, do Podcast Imposturas Filosóficas narrado por Rafael Lauro.

⁴² Pintura digital produzida pela autora em 2023, inspirada no Cordão da Bicharada, que acontece desde 1975 em Cametá – Pará.

Paraíso terrestre Amazônia Tecnológica Inferno Verde Amazônia Cabocla
etc

No início do mestrado, quando fui apresentada à teoria do discurso de Michel Foucault, especialmente aos conceitos de enunciado e prática discursiva em Arqueologia do Saber, algo em mim começou a vibrar.

Era como se eu tivesse sido convidada a ver com outros olhos, não apenas com os olhos humanos, mas com o olhar transversal que meu lado pássaro começava a aprender. Foi desconfortável no início, porque me obrigava a questionar o que eu sempre tomei como certo.

Mas considero um encontro potente e que desestabilizou algumas certezas que carregava desde a graduação. De uma Amazônia distante, de uma Amazônia que só pode ser verde, de identidades fixas. O que é a cara da Amazônia, afinal?

O convite de Foucault, através da investigação dos discursos, me colocou em uma outra posição antes nunca pensada. Por que falar de outras amazônias?

Junto à análise discursiva, percebi que os discursos não apenas nomeiam coisas, mas produzem formas de vida. Para Veiga-Neto, tais redes discursivas “moldam nossas maneiras de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele” (Veiga-neto, 2007, p. 93). Ao problematizar a Amazônia como uma produção e fabricação discursiva, não ignoramos o que já está posto, mas se abre espaços para o novo, permitindo aproximações e distanciamentos, com outros olhares, talvez provisórios.

Com Foucault, os discursos me permitiram compreender que algumas Amazônias são vistas como mais verdadeiras e representativas que outras. E que ao abordarmos apenas de um modo, perdemos a chance de vê-la como campo discursivo múltiplo, instável e complementar.

O que remete a minha própria percepção de amazônia. Que durante muito tempo, me fez enxergá-la como um verde único em uma paisagem fixada por discursos que eu mesma havia aprendido a repetir.

Contagiada pela visão fontana, que corta, desvia e atravessa as superfícies, vi amazônias que são corpos múltiplos, em cores que se misturam e vibram.

Multiplicidade que também habita minha própria pele.

Além de Foucault, é com Deleuze que encontro mais desordem para seguir meus voos em amazônias inventivas. Para ele, a diferença é criadora, e é o motor das transformações e das intensidades que emergem no mundo. Tais conceitos mexeram

com as estruturas que me compõem. Já que entre repetições mecânicas, há as repetições que diferenciam um sujeito, aquelas que constituem novos corpos e formam novas realidades. Na concepção deleuziana, é esta repetição do mesmo que habita o diferente e surge como uma intensidade. Para Deleuze, “como uma conduta externa, esta repetição talvez seja o eco de uma vibração mais secreta, de uma repetição interior e mais profunda no singular que anima” (Deleuze, 2006, p. 20). Logo, o movimento da repetição, geralmente cíclico, deixa algo de novo passar entre os intervalos do que é repetido.

No intervalo do movimento, amazônias escorrem.

Munida com tais conceitos, busquei em meus voos, tentativas de inventar amazônias que vão além da repetição-reprodução, mas que pousam em experimentações da repetição-diferença. Repetição essa, que é uma força criativa que permite a invenção de novas realidades. Estas que aproximam da escrita e de nossas vidas, pois através das verdades cristalizadas remontamos e conhecemos linhas de fuga.

Voos em amazônias-alegres-coloridas

Amazônias entrelaçadas à arte, apresentadas por uma vitória régia loura, que compõe uma amazônia plural, artesã,

solar, colorida e alegre (roubei essas descrições pois elas a expressam bem).

Minha orientadora, Mônica Costa, já pesquisava uma Amazônia menor, miúda e do meio, como território de singularidades e que não busca ser generalizações, nem se exaure exclusivamente em seus elementos naturais.

Essa Amazônia possibilita escapar e desprender.

“fala muitas línguas, detém muitos sotaques, dança muitos ritmos, povoa artes e literaturas de muitos países, compõe-se de muitas cidades e gentes” (Costa e Chaves, 2017, p. 7).

Uma tecedora de caminhos.

Gentil, carinhosa, é mãe também de ideias, de experimentações, de voos que antes pareciam impossíveis.



Com ela, aprendi que pesquisar pode ser um gesto de afeto, que em revoada
nossos voos se tornam mais potentes,
que arte é caminho,
que as pinturas, antes guardadas no canto do ateliê, também podiam fazer parte
da dissertação, colorindo palavras e territórios.

Essa Amazônia é um convite à mistura:
de gostos, formas, tintas e desejos.

Amazônias que sorriem para quem a encontra, que dança para quem se abre
Amazônias que não precisam ser uma só: podem ser múltiplas, menores,
maiores, dançantes.

Amazônias que se espalham como a luz do sol entre as folhas, que cabem nas
mãos, nas asas, no corpo, no olhar do pássaro, no som de um riso coletivo.

Amazônias-coloridas que nascem onde menos se espera, que pedem liberdade
para existir e que nunca param de inventar.

Amazônias que criam, com fugas, desvios, descobertas que estremecem o chão.
Fazem das pesquisas atos de criação.

Amazônias que se movimentam em vias clandestinas e nômade. Pela diferença,

⁴³ Pintura produzida por Costa (2024), no dia 26 de setembro.

escolhe a vida como ato de resistência.

Não para enquadrá-la em tabelas ou ementas, mas para borrar fronteiras.
Diferença que reconhece o gesto de se reinventar.

Onde encontra-se potência para manifestar.

Amazônias que abrem as portas à experimentação, aos acontecimentos, e às intensidades que agora perpassam o corpo e nascem dos encontros.

Amazônias de Artes entrelaçadas em Ciências, Em docências amazônidas múltiplas

Amazônia curandeira, mãe, filha, esposa, professora, cientista, Com sorrisos acolhedores, como da Caroline.

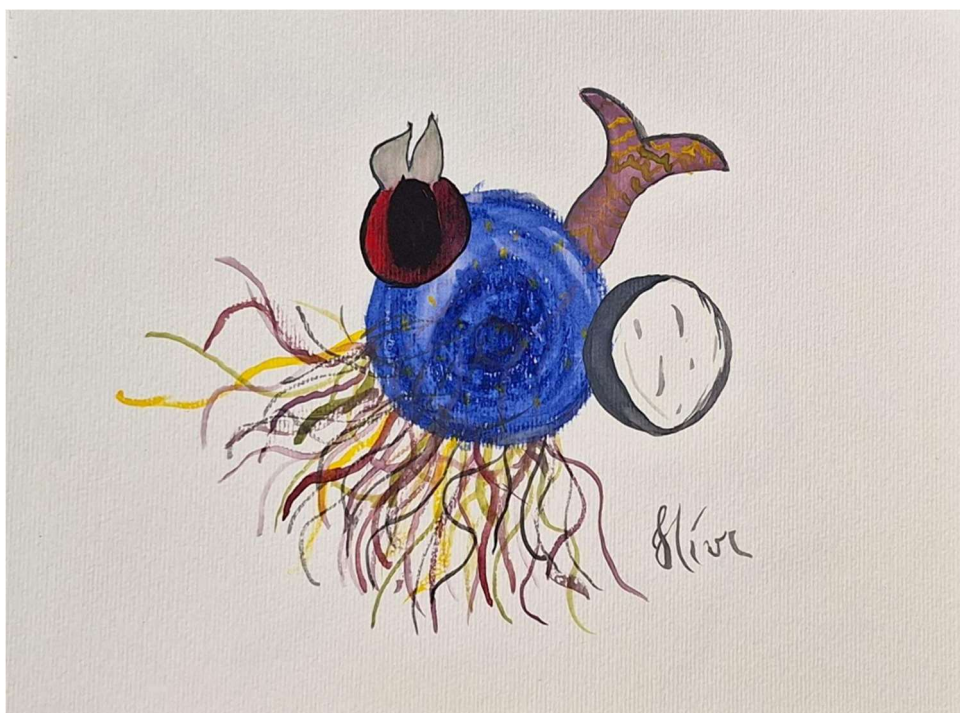
Orientais, arteiras, brincantes como aquela tecida pela Aikawa. Docências que se espalham em rizomas.

amazônias amorosas como um abraço caloroso da Anny amazônias cheias de sabores e festas doce, salgada, amarga, rosa-vida,
com gosto de açaí, cupuaçu, maniçoba, peixe frito,
com banho de cheiro amazônias que se aquecem em ninhos
mas que também voam.



44

⁴⁴ Pintura produzida por Furtado (2024), no dia 26 de setembro.



45

amazônias de saberes ancestrais femininos com uma pitada de estranhamento.
amazônias-alegres-coloridas.
amazônias com olhos de guaraná
amazônias com cabelos loiros cacheados, como os da Hivina.
amazônias que formam um tecido vegetal rizomático, amazônias que nascem
em solos de invenção
e se espalham pelo quintal
Amazônias constituídas de professora/e(s) que se (re)criam amazônias que
vibram
artistas da vida
não se limitam ao comum, não se organizam em órgãos amazônias com marcas,
mas que resistem
Inspiram
sentem
tocam

⁴⁵ Pintura produzida por Machado (2024), no dia 26 de setembro

pulsam
criam.
amazônias que improvisam respiram arte
experimentam com a floresta, com o som, com o amor, com a vida amazônias
com instintos animalescos,
com pulsões afetuosas, em sensações,
Corpo-sonoridade, diria o Stivisson. Uma docência amazônida da escuta.



Amazônias indígenas, negras, brancas
amazônias de Hatoum vidas híbridas, feitas da mistura de corpos, crenças,
hábitos e línguas
de (des)encontros e (des)encantos amazônias-alegres-coloridas
amazônia crianceira.
inventiva sensível
forte.

⁴⁶ Pintura produzida por Correia (2024), no dia 26 de setembro.



47

Encontrei Amazônias que criam, inventam, pintam e rasuram, como quem desenha mapas que nunca se repetem.

É nesse movimento que posso inaugurar, reinventar e me deixar atravessar pelas cores e texturas do que surge.

Trago no corpo obras que me atravessaram durante a escrita, e que agora são minhas companheiras de voo, aparelhadas e prontas para seguir comigo.

Logo, o voo pode ser experimentado como uma abertura ao inesperado, à imprevisibilidade das correntes de ar e das trajetórias.

Há um deslocamento constante, uma travessia lenta e contínua, como uma tempestade que nunca cessa, levando-me por caminhos que não possuem destino traçado. É assim que me reconheço, e assim são as amazônias.

Penso no voo das aves, que só é possível graças a múltiplas adaptações em seus corpos. Suas penas, leves e resistentes, espalham-se em formas e tamanhos variados,

⁴⁷ Pintura intitulada “Transformação de Coacir em beija-flor” dos Amazônia-artistas Curumiz (2021).

criando a estrutura perfeita para cortar o ar. Elas são leves e fortes, estão espalhadas por todo o corpo do animal e têm formas e tamanhos variados.

As asas, que podem ser longas, curtas, arredondadas ou estreitas, se entrelaçam com poderosos músculos, principalmente do peito, dando força para mantê-lo voando. Os pulmões são bem desenvolvidos, fazendo com que as aves tenham bastante resistência.

Porém o voo, aqui, difere do voo dos pássaros, pois não seria possível imitá-los, já que nossas asas são diferentes, assim como as penas que brotam na pele.

Em um respiro profundo, é a arte que nos dá resistência para voar.

O movimento de voo explica o braço desajeitado, a mão inquietante que pinta e escreve, e o cabelo enrolado pelo vento.

As asas não possuem formato.

O voo também vem acompanhado de um olhar, que paira no ar, assim como o beija-flor com bico de flor. Esse olhar, atravessado pelo movimento, me libera para inventar, tocar, e enxergar cores que antes permaneciam ocultas.

Podia derramar essas cores nas Amazônias, e para isso bastava abrir a palavra Amazônia e entrar dentro dela. Foi o que fiz.

Na perspectiva do sensível, a amazônia me instiga pela complexidade de elementos ali presentes. Seus estímulos despertam diferentes sensações no corpo, que se encontra carregado de arte e materiais prontos para invenção.

Ao transver as amazônias, vejo que não há apenas uma, mas muitas. Amazônias dos encontros, das multiplicidades, das fronteiras e dos desvios.

Habito todas elas, ao mesmo tempo e de maneiras diversas.

Trazer essas amazônias para a pesquisa é reconhecer o que me atravessa nesse espaço e compreender como isso reverbera na minha maneira de ler e criar o mundo. E assim como Lispector (2015), saio de mim para ver. Ver o quê? ver o que existe. Por enquanto é sonho. Sonho fatídico. Mas depois – depois tudo é real. E a alma livre procura um canto para se acomodar. Mim é um eu que anuncio. (p.78)

E para onde ir? Na ponta dos pés, o salto.

Experimentei uma infinidade de (im)possíveis. Uma passarinha, certa vez perguntou: o que seria experimentá-los? Não sei responder. Uma infinidade de amazônias não cabe em palavras.

Mas sei que, na tela, essas amazônias escorrem por todos os lados. E, se há um espaço para elas, ele não é delimitado pelos pontos que as contêm, mas pelos vazios,

pelos fluxos que desses pontos escapam.

Ao pintá-la, percebo: as cores não vêm prontas, nem podem ser reproduzidas como algo já dado. É preciso criá-las. O pincel não desenha contornos fixos, mas abre brechas.

É preciso que o artista as crie.

Porém, apesar do planejamento das cores em uma pintura, é durante o andamento que surgem imprevistos, nos encontros novas cores aparecem e novas misturas são feitas.

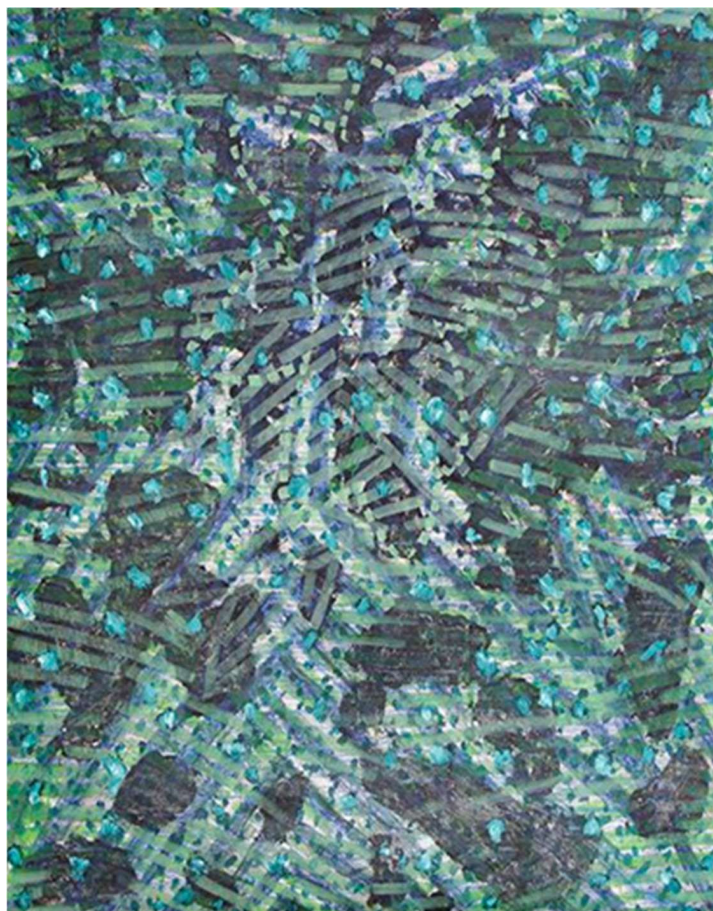
Um encontro é talvez a mesma coisa que um devir ou núpcias. É do fundo dessa solidão que se pode fazer qualquer encontro. Encontram-se pessoas (e às vezes sem as conhecer e jamais tê-las visto), mas também movimentos, idéias, acontecimentos, entidades. Todas essas coisas têm nomes próprios, mas o nome próprio não designa de modo algum uma pessoa ou um sujeito (Deleuze, 1998, p. 6-7).

No pensamento de Deleuze e Guattari, encontrei a potência da Arte para despertar sensações. A partir disso, exercitamos formas diferenciais de (re)ver e sentir, como se escrevêssemos com aquilo que nos é familiar, mas habitando a pele de um estrangeiro que estranha o novo.

Essa experiência me leva às obras do artista nortista Dio Viana, que traduz suas vivências na Amazônia em quadros repletos de movimento e vida. Em suas pinturas, florestas e rios emergem entre traços, linhas, pontilhados, manchas, pontos em forma de gota, espaços vazios e camadas de tinta. Suas Amazônias ganham cores que ultrapassam as definições tradicionais, revelando paisagens que não se limitam a uma única visão.

Nos traços de Viana, não encontramos apenas representações nem puras abstrações. Suas formas, cores e texturas movem-se em sensações, criando uma Amazônia viva, sempre em transformação, que pulsa para além do visível e do já conhecido. Viana, remete a uma amazônia que não são apenas representações, mas também não são puras abstrações, seus traços, formas, cores se movimentam por sensações.

A cor recusa as convenções das aparências, logo, a pintura se apresenta através da sensação. O ver não é o mesmo que a sensação.



48

Sensação que não é apenas uma pulsão dos sentimentos corpóreos, mas sensações que entram em devires através do afecto e do percepto.

As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e afectos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si (Deleuze e Guattari, 2010, p. 194).

As imagens revelam traços dos infinitos elementos naturais da região, onde o bioma pulsa articulado a sensação de vida. Em meio ao conjunto de pinturas, tem-se a sensação de ser levado pela força dos elementos, pelas cores, volumes e movimentos, que evocam seus cheiros, sabores, cores, sons, sensações e devaneios amazônicos, que emergem dos azuis, das combinações com vermelhos e tons de terra, ocre, dos verdes meio submersos.

Além de trazer diversas possibilidades de olhar para as amazônias, mesmo com ênfase a natureza, o artista cria a condição de movimento contínuo e circular, que preenchem nossos sentidos com o eterno devir das águas, habitando em seus diferentes

⁴⁸ Pintura intitulada “Uri boca” produzida por Diô Viana em 2013.

formatos, como as gotículas na atmosfera, a chuva que cai sobre a floresta, ou do curso de um rio, produzindo diferentes ritmos.

[...] pensar arte é devir, bloco de sensações lambido por oceanos, tocado por brisas, sacudido por ventanias, atravessado pelo burburinho das cidades. Esse bloco se compõe com sensações como a do amarelo nos girassóis, o clamor da multidão, um sabor. O homem não é senão o corpo imperceptível e impessoal por onde todas essas forças passam (Zordan, 2005, p.263).



49

Assim, as Amazôniaas são tecidas de forma coletiva, emergindo de muitas vozes e gestos.

São produzidas a partir de rascunhos rasurados, tintas misturadas com água e também com as digitais traçadas nas telas dos celulares, que despertam outras sensações. Imersos em rios coloridos, parecidos com os que Dio Viana pinta,

⁴⁹ Pintura produzida por Diô Viana, s.d.

aparentemente calmos, mas por vezes caóticos, encontro linhas que me fazem seguir, ao mesmo tempo que me perco das referências fixas.

A arte, como um esboço em traçado contínuo, produz novos modos de vida. É um convite ao trânsito, à deriva. Para Kastrup (2016, p.3), “com a arte é possível uma abertura para novos/outros mundos, sendo resistência e reexistência, que visa multiplicidade de pensamentos e desejos. Existir e resistir às formas dadas, prontas, de pensamento, de ações [...]”.

Essa Amazônia múltipla não se descola completamente do modo comum de olhá-la, mas também não se limita a ele. Pois, amazônias-verdes nos habitam e continuam dispersas pelo corpo: na casa dos avós, no caminhar pelos rios, no colar de artesanato indígena, na pintura com pinceladas verdes, no som das músicas regionais. Elas respiram em cada gesto, atravessando e reexistindo no cotidiano.



50

⁵⁰ Pintura intitulada “Outros mundos” produzida por Diô Viana em 2020.



Eu era a árvore, vivendo, caminhando como se meus pés não estivessem conectados ao chão. Tenho raiz, sempre tive, uma raiz de rio, de barco, de floresta, de cidade castigada, colonizada, mas forte, apesar de tanto e tudo. Aonde quer que eu vá, ainda tenho um sentimento doído de não lugar, mas quando ouço a voz da mainha, sei que sou dos rios do Pará, por mais que em qualquer outro lugar não entendam o que é ser desse canto

Monique Malcher - Flor de Gum

51

Amazônia da vida, morada dos deuses
Das aves em bando, dos rios, a cura da terra
A luz da ciência, esperança futura a iluminar

Amazônia das gentes, das mentes
Dos povos antigos e novos
Das penas e braços, de aldeias, barrancos
Cabanos e povos indígenas

Amazônia: Nossa Luta Em
Poesia - Manifesto do Povo
Floresta

52

53

⁵¹ Pintura produzida por Hadna Abreu, s.d.

⁵² Trecho da toada "Amazônia em poesia" do Boi Bumbá Caprichoso (2022).

⁵³ Trecho retirado do livro "Flor de Gume" de Monique Malcher (2020).

Voo ao entardecer da mulher-pássaro



54

Ainda lembro dos pássaros com os bicos (im)possíveis, Eu me perguntava: por onde andam agora?

Continuam encantando com seus voos?

A flor ainda se mantém vermelha em seus bicos? Pouso entre as flores como quem espera um encontro. Talvez um dia eu o veja novamente.

Confesso, ainda sinto sua presença.

Desde aquela troca de olhares, voos foram feitos. Os olhos, os meus, agora não rejeitam ao estranho.

Talvez o corpo seja todo feito de transições: minhas asas, que ainda não sei se completas ou inacabadas, já chegam às pontas dos dedos.

Mas sinto outra coisa.

Algo no corpo me ensina a escutar com a ponta do bico que

⁵⁴ Pintura produzida por Lima (2024), em 26 de setembro.

não tenho.

E além disso, as formigas, árvores e insetos parecem mais falantes, como já havia dito.

ouço as plantas espalhadas, seja pelo ateliê e nas ruas, cochichando entre si
...bzzz!...

Quando o dia se despede, bocejamos juntas, elas e eu. Preciso de sabedoria vegetal, penso.

Porém, é no horizonte que algo se acende em mim.

Ao ver suas cores pela janela, ou pelo banco da praça passei a me colorir.

Diante do céu em fogo,

eu quis me compor junto ao pôr-do-sol. Então voo.

Um pássaro tesourinha me avista, sua garganta branca e seu dorso cinza me convidam ao longe.

E eu aceito. Voamos até o rio.

Na beirada, enterro os pés na terra.

Sinto a água de encontro com o verde da pele A areia desliza entre os dedos,

e o rio morno conversa com a palma dos pés.

Meu corpo, que já era conectado com o rio, agora parece mais.

Entre banzeiros,

as primeiras estrelas brilham.

Ao anoitecer, os olhos já cansados,

enxergam um outro tipo de visão, que não é pelos olhos, mas pelo sentir.

No escuro, reconheço o movimento dos pequenos animais.

Os que dormem nas árvores, os que se recolhem em tocas, os que atravessam bueiros.

No caminho de pedras, o vento e o cheiro do verde me guiam de volta para a casa.

A cada voo, o corpo vibra, não de cansaço, mas de um querer

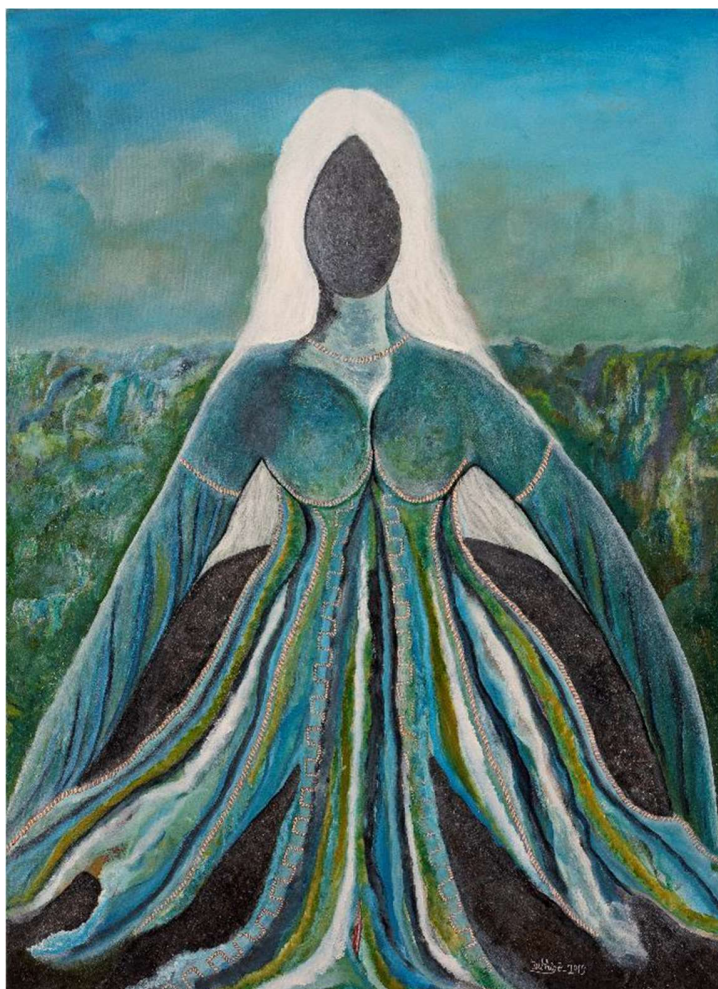
contínuo.

Outras Amazônias me esperam.

Por enquanto, ainda é como uma roupa de estreia: algo que me veste pela primeira vez.

Frágil, mas promissor. Ao arriscar, invento-me outra vez. Penso: o que mais posso inaugurar se seguir voando?

Saltando em amazônia-vida



55

“Ser natureza é fazer parte do todo sem nunca ter experimentado não se sentir parte dele”
(Becker, 2024, n.p.).

⁵⁵ Pintura intitulada “Yepá Masō” produzida por Duhigó Tukano em 2019.

Pincelei com uma cor que denominei de amazônia-vida.

Poderia ser imaginada como uma grande rede de encontros e atravessamentos sensoriais, uma cor que se estende, onde tudo pulsa, onde tudo comunica.

Nesse espaço inventivo, voa-se para habitar, para misturar-se com o que ainda não se conhece.

Quando salto em sua direção, não encontro uma paisagem estática ou apenas exuberante, mas um movimento incessante de corpos e cores que se entrelaçam em narrativas de vida, humanas e não humanas. Aqui, o verde é uma base viva.

Que amazônias vazam entre as amazônias que se repetem? Onde encontrá-las?

Escorrem pelos muros da cidade, pelas ruas de Parintins, onde grafites, lambe-lambes, alegorias dão rosto às vivências amazônidas.

É uma Amazônia feita de cotidiano: o peixeiro que negocia à beira do rio, o tricicleiro que transporta histórias de um ponto ao outro, o vendedor ambulante com olhos atentos ao fluxo de gente e sons, e também feita de invenção: colorida, com rostos sem definições, um feminino que se entrelaça com a floresta. Com o urbano. Com o múltiplo.

Por isso, trago artistas que de algum modo me afetaram, e que sinto vontade de compartilhá-los com o mundo.

Penso que uma obra de arte, diz algo, faz passar algo, carrega vida. Ela possui densidade e textura. Em um passo inicial, são essenciais para abrir espaço para novos mundos, novas ideias e novos modos de ser.

Ao evocar as sensações multisensoriais de estar imerso em uma amazônia-vida, interpelados pela crítica à centralidade dos humanos, e convocados a repensar o humano, suas dimensões, suas atividades, suas frágeis e débeis conexões com a Terra, me aproximo de Dias (2020) e da importância de se perceber-fazer floresta por outros modos de existência sensíveis, como aqueles fotográficos, pictóricos, escultóricos, cinematográficos, performáticos, de escrita etc...

Outras possibilidades podem se dar a partir da comunicação com um mundo todo vivo, que parece que só pode acontecer quando o humano deixa de ser o centro dos processos comunicantes, quando o humano se deixa abrir aos devires e povoar por forças não-humanas (Dias, 2020).

Para Ailton Krenak (2020, p. 16-17), “fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós outra: a Terra e a humanidade”. Portanto, mudar a forma de ver a Amazônia é também mudar a

forma de estar conectado a ela.

E ao longo do caminho, novas sensações se criaram.

A floresta se descentraliza, A pedra, a cachoeira, o rio, os igarapés, o vegetal, a fruta e o animal se tornam, cada um, uma linha de devir (Silva, Ferreira e Kettler, 2023).

Como mulher-pássaro, meus voos se dão pela docência, em experimentações com a arte.

Os voos não se limitam às linhas do corpo que ganham cores, mas se estendem aos espaços, ao tempo e aos encontros.

E voar muitas vezes implica estar em bando, sentir o coletivo, em espaços de partilhas e trocas.

Na proa do barco, que me levava para casa, comunidades e escolas no interior do Amazonas, sentia o vento no rosto,

o arrepio na pele, o frio no estômago, o coração pulsando rápido.

Por um instante sinto aqueles ventos.

Ventos que me acompanharam e mostraram docências que voam. Lembro de Alter do Chão, de Barreirinha, das longas viagens em barcos Do corpo oscilando ao ritmo do rio

Em encontros com professores e alunos quilombolas, ribeirinhos, indígenas, vivências que misturam arte e ciência.

Ali, vi como a docência abre espaço para mais possibilidades.

Como aquela vivida na Escola da Floresta, localizada na comunidade Caranazal, no Pará.

Uma viagem pelas águas, com direito a barco encalhado e mais de vinte horas a bordo.

Aulas interativas no meio da floresta, práticas com trilhas educativas, visitas a locais como viveiros de plantas, casa de farinha e meliponário, contato com animais, como borboletas, preguiças e macacos.

A primeira vez fora das linhas do estado do Amazonas, inaugurando marcas em mim. Foi o que me aproximou da vontade de pesquisar os saberes amazônidas. Que amazônias nós carregamos? Entre elas, uma certeza: Amazônias carregadas de docências amorosas, de vida.

A formação docente como uma ação amorosa é revolucionária, pois demanda compreender o outro como fundamental para a nossa própria constituição.

As vivências em estreita relação com um outro, diferente de nós mesmos, são imprescindíveis para que sejamos o que somos, diriam Franco e Estevinho (2019).

As experimentações encantam e provocam.

O casal de professores Maria Eliane e Edilson Albarado apresentaram uma educação do campo e ambiental na amazônia cheia de vida, risos, sensibilidade e muito carimbó. Desde então, ouvir Dona Onete nunca mais foi a mesma coisa.

Porém, hoje, infelizmente, a escola que abriga uma rica biodiversidade de flora e fauna às margens do Lago Verde e no território ancestral Borari, se vê ameaçada. O espaço de aprendizagem está sendo alvo de disputas, especulação imobiliária e protestos que clamam por atenção à urgência da preservação deste território.

Diante disso, ser floresta, se perceber floresta, tornou-se ainda mais necessário.

Resistir e existir com ela.

A potência do pássaro que vibra em mim nos aproxima, mas não da mesma forma. Antes, eu queria trazê-la para a sala de aula, transportar a Amazônia para os espaços educacionais de maneira quase literal. Agora, desejo experimentar com ela, criar com ela, fazê-la uma aliada nas minhas invenções.

Quero fabular com a floresta através da arte.

Experimentações em amazônia-vida

Em algumas das andanças como mulher-pássaro, o corpo foi se colorindo aos poucos.

Os ventos indicavam um atravessamento por linhas em tons esverdeados.

Infinitos talvez.

O convite era recheado de potencialidades, em uma experiência plural.

Tal qual meu corpo que também é múltiplo.

Atravessei os rios novamente até a cidade de Manaus, cidade que entra em contraste com a ilha onde moro.

É cheia de prédios, barulhenta, inquieta, sons de buzinas, passos mais acelerados, onde o tempo passa rápido, e os olhos ficam mais atentos.

No caminho, duas araras em meio ao cinza.

O corpo desacelerado, vai a em direção a outros, que convidam a estremece-lo.

No caminho, novas cores.

Os prédios, o asfalto, os postes e os carros foram se distanciando.

Dando lugar a estrada de terra, árvores, caminhos mais estreitos, e vazios, feitos de áreas desmatadas e ocupadas.

Já sentia o cheiro de misturas saborosas, sendo a Arte um dos ingredientes.

Em revoadas, nos dirigimos ao coletivo Arte & Escola, localizado no Centro de Treinamento Agroflorestal do Museu da Amazônia - CTA/Musa.

Uma imersão profunda e viva com a natureza.

Em experimentações e vivências sensíveis, artísticas e nutritivas.

Três dias imersivos experimentando as intensidades da floresta amazônica.

Um encontro com as belezas do caminho.

Carregada pelo desejo de transver as amazônias, me mantive atenta aos possíveis afetamentos.

Foi aí que percebi que para transver, não é preciso se concentrar muito, fazer um esforço danado, sair caçando coisas que passam despercebidas para dizer que enxergou primeiro.

"Olha, estou transvendo!"

Elas simplesmente surgem no caminho, às vezes em uma distração, caem sob seus ombros, como uma folha, e enrolam em seu pé como um cipó.

A visão fontana me aproximou ainda mais das minhas tentativas de transver.

Comecei a sentir pequenos sintomas:

Um zumbido nos olhos, como se as cores que eu via fossem feitas de som, e não de luz.

A respiração se tornava mais profunda, mais conectada, como se o ar ficasse mais imersivo.

Meu corpo, também parecia mais leve. Experimentamos. Experimentei.

A escuta, o silêncio, o som, o verbo, a semente, a folha, o animal. Pousando, nos conectamos com o chão.

Algumas coisas foram deixadas para trás, era a menina e a natureza novamente.

Perguntas ressoaram daqueles encontros. Como me colocar em um lugar outro?

Na cabeça, galhos e folhas germinavam da pele.



56

O corpo vira semente, que nem as obras de Rafael Prado, artista plástico rondoniense.

Em uma fronteira entre a figura e a paisagem, em rostos que se dissolvem das aparências convencionais e

⁵⁶ Pintura intitulada “Ncinha” produzida por Rafael Prado em 2023 na série: Povos amazônicos não morrem, viram semente. Disponível em: <https://www.rafaelprado.art/>.

se revelam antropomorfos,

onde pessoas, animais, árvores e rios são todos parentes.
Entrelaçados de algum modo em nós.

Ao fechar os olhos, uma invasão de pensamentos acelerados.

O corpo, apesar de conhecer as possibilidades, se mantinha
um tanto acomodado, fechado, encolhido.

Tive que me conectar com a mulher e o pássaro que habitam
o mesmo corpo.

Me recarreguei com os pés no chão.

Entre respiros profundos, foi preciso um pouco de tempo
para que a experiência se tornasse possível.⁵⁶

O que pode o corpo- natureza na amazônia? Como me compor
com a floresta?

Galhos como baquetas de bateria, folhas como pandeiro, terra
e pedras como maracá, flautas com som de invenção.

Foram os sons que atravessaram o corpo.

Na trilha em meio a floresta: o barulho do vento nas copas
das árvores, zunido de inseto não identificado, passarinho
cantarolando em algum galho, folhas amassadas pelos pés em passos
que não são meus, mas do chão que me conduz.

Uma orquestra incessante.

No contraste com o barulho cotidiano, o silêncio da floresta
não é ausência.

Sons que ao deitar na rede, o corpo ainda sentia o ritmo:
o canto dos patos, o zumbido insistente dos mosquitos, o
cacarejar das galinhas, o latido distante dos cachorros e o som
do próprio corpo.

Tudo soa familiar.

No silêncio, o corpo se estende e se recolhe.

No prato: Feijão com Ora Pro Nobis, Flores vermelhas na
salada, Crista de galo frita.

Sabores que confundem.

o corpo estranha antes de aceitar. hesita, reclama, quase
rejeita.

Mas a língua se torna inventora, experimentando combinações que nunca imaginou.

Diante da estranheza, descubro a potência do diferente.

E entre cipós...olhos

Como os outros seres enxergam/sentem o mundo? sempre retomo a visão.

Com olhar de pássaro vejo o menor e o próximo, mas também de cima, amplo e distante, captando o horizonte inteiro.

Além dele, cismeiei com o olhar da minhoca.

Diante do formato dos galhos e cipós entrelaçados que me cercam, penso em um ser rastejante que enxerga pela pele.

Seu formato é cilíndrico, alongado e seu andar em ziguezague.

Sua visão é tátil, feita de terra. Ela não distingue o dia da noite.

Um olhar mergulhado, íntimo, que enxerga as entranhas da terra.

Apesar de serem animais subterrâneos e habitarem solos úmidos, via a minhoca pelos galhos, talvez não seja bem uma minhoca comum, e talvez ela se sinta estranha e desabitada para além do seu mundo molhado e escuro.

Mas seus olhos, afetados pelo calor das coisas, as guiam em direção a outros espaços luminosos.

Achava as minhocas um terror (confesso) mas gostava de observá-las.

Havia algo nelas que prendia minha atenção, não sabia bem o quê.

Talvez seu corpo pequeno, aparentemente frágil e acelerado. Com elas, desde então, aprendi a olhar no apertado, silencioso e escuro.

Como o corpo se conecta com a natureza e com o outro? As mãos que cavam retornam as suas funções.

O calor envolvia os corpos, e o suor que escorria pela pele, misturava-se com a terra.

A cada punhado de terra que agarrava, sentia as mãos se tornarem novamente as mãos da infância.

Eram as mesmas que plantavam sementes que nem sabia o nome.

Memória guardada pela terra que, ao tocá-la agora, foi devolvida. Apesar dos esquecimentos nas últimas semanas.

Ao fim do dia, o corpo manchado de barro era uma extensão do ser floresta.

Sentados no chão, em roda, as mãos aprenderam o ritmo de um coletivo: mãos que retiravam as espigas de milho, que aprendiam com outras mãos acostumadas, que cavavam e semeavam, mas também preparavam.

Cozinharam juntas, partilharam tarefas.

Mãos que colheram na horta, picaram, mexeram panelas, lavaram louças.

Mãos que comeram comidas em encontros entrelaçados em múltiplos processos.

Mãos que tocaram umas às outras em roda, mãos que tocaram instrumentos: o pandeiro, o violão, o cajón, a mesa.

Os pés também aprendiam.

Pés que pisavam em terra úmida, que sentiam a textura das folhas caídas, que eram chamados pela poeira.

O corpo todo se tornava superfície de contato, de afecção. O corpo era chão. O chão era corpo.

No convite para olhar a floresta, qual ação ela nos convida a fazer?

Quais verbos surgem?

Pensei nas árvores, pois me senti pequena diante da imensidão delas, apesar de já ter subido em algumas pela vida.

Olhava os troncos via minhocas, com o galho em mãos me sentia uma baterista, e junto a elas poderia arvorear.

Hoje penso que arvorecer soa mais bonito. Uma fusão de árvore e acontecer, ser, viver.

É o ato de conectar o corpo à árvore por instantes.

Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore, diria Manoel de Barros.

Dos pés feitos raízes, que sentem o vento em seu corpo, que se estendem em braços como galhos em respiros pelo tronco e que continuam se espalhando e abraçando a terra. E a cada folha caída, alimenta o solo que sustenta outras vidas.

No coração de uma árvore, no oco de uma raiz ou na axila de um galho, um novo rizoma pode se formar. (Deleuze e Guattari, 1995, p.24)

Como semente, me encapsulei junto a amazônia, em rizomas.

O corpo revela as marcas deixadas pela floresta, pelo vento, pela árvore, pelo calor, pela partilha, pela folha e pela vista colorida de seus pequenos furos.

Nas fotografias, nos poemas, no sabor, no som, na cantoria, no mpb, no samba, no funk, na massagem nos pés, no banho de chuva, nos corpos dançantes e alegres, no tédio, na fofoca, na fogueira, no banho de balde, no vinho, na trilha, no escorregão, na lama pela roupa, nas mãos como suporte, na troca de olhares, no olho d'água. Amazônias-vida foram tecidas.

amazônias que transbordam afetos. Pertencer.

Compartilhar.

Cipoar.

Minhocar.

Arvorecer. Florestar.

Com ela posso escutar, fabular, tocar, sentir.

É do verde se criam passados-presentes-futuros possíveis, o diferente em meio às repetições, onde escapamos dos reducionismos, de ciências e artes como oposições.

A amazônia aparece como uma rede viva, pulsante.

Em potências, possibilidades, imprevisibilidades, inacabamento, diferentes modos de subjetivação.

Voar pelos caminhos das florestas e das águas, para além da contemplação passiva, fazem vazar uma energia inspiradora para pensarmos outros modos de transver.

Que pensamentos, ideias, sensações, palavras escritas/lidas

e imagens somos capazes de provocar? Como podemos articular nossas vidas como blocos de sensações que convidam o corpo a experimentar outros estados? mais flexíveis e menos utilitaristas; como arrancar perceptos e afetos das amazônias que pulsam e transbordam? Como criar com elas esse bloco de sensações?

Não sei para onde estou indo. Até onde posso ir? Difícil dizer. Como pode não ser mais a mesma, e não saber ainda quem é? e também não se é o outro?

Essa imersão me fez revisitar muitas coisas.

Saí dela com uma vontade urgente de experimentar. Retornei para a ilha.

Nas margens do rio, as asas tremiam, hesitantes, mas o vento parecia saber o caminho.

Era ele quem me guiava.

A primeira gota de chuva veio leve, e então os olhos começaram a embaçar.

As plumagens me deixavam aquecidas. Mais e mais gotas caíram.

Pequenas agulhas geladas.

Sob o céu cinza, vi a vida que se desenrolava nos barrancos.

O verde e o marrom invadiam os olhos Entre árvores, outras vidas.

Uma mulher e duas crianças saíam da bajara No desligar do motor,

um deles, segurava uma saca maior que o próprio corpo, já o outro, de cabelos arrepiados, ria da chuva caindo.

Mais adiante, um homem sem camisa recolhia as roupas coloridas na varanda de sua casa de palafita. Casa com detalhes amarelos e que lançava um forró dançante no ar.

Me aproximei do rio,

Fechei os olhos

as gotas engrossaram nas minhas plumagens,

vi uma balsa carregada de bois. Brancos, negros, marrons.

Eles mugiam, um som grave que parecia me alertar.

Os olhos redondos e úmidos dos animais cruzaram com os meus, senti algo se mover no peito. A chuva engrossou ainda mais.

Os ventos começaram a me empurrar, e senti o peso da água em meu corpo.

Escolhi um galho para pousar.

Ali, protegida pelas folhas, observei o mundo sob a chuva.

Lá no alto, o som dos relâmpagos reverberava entre as copas, como um tambor.

De onde eu estava, o rio era um traço escuro.

Mais abaixo dos meus olhos, vazios. Um vazio vasto entre as árvores.

Nunca tinha visto a floresta daquele ângulo. Os macacos saltavam em bando,

as pequenas aves se escondiam sob as folhas. Não via pássaros parecidos comigo.

Mas outros pássaros se aproximavam e me acolhiam.

Senti um conforto estranho ao ver que, apesar da ação humana, a vida ainda resistia.

O que restava da floresta resistia.

Fechei os olhos e deixei a chuva me abraçar.

Meus pés, molhados, estavam manchados de marrom, se tornaram da cor dos troncos.

As pontas das asas se tingiram de verde, numa tentativa quase instintiva de me camuflar entre as folhas.

Era verão amazônico, e as chuvas chegavam intensas, derramando o céu inteiro.

De repente, o som mudou. Chuvisco leve.

Quando abri os olhos, vi seu fim.

As nuvens se afastaram devagar, e os raios de sol começaram a escorrer pelas frestas.

Nunca me senti tão viva.

Assim como uma mulher-lamaçal, nascida no ateliê-experimentações, me desfaço e (re)faço, quantas vezes puder.

Senti o chamado de sobrevoar novamente, desta vez para mais longe.

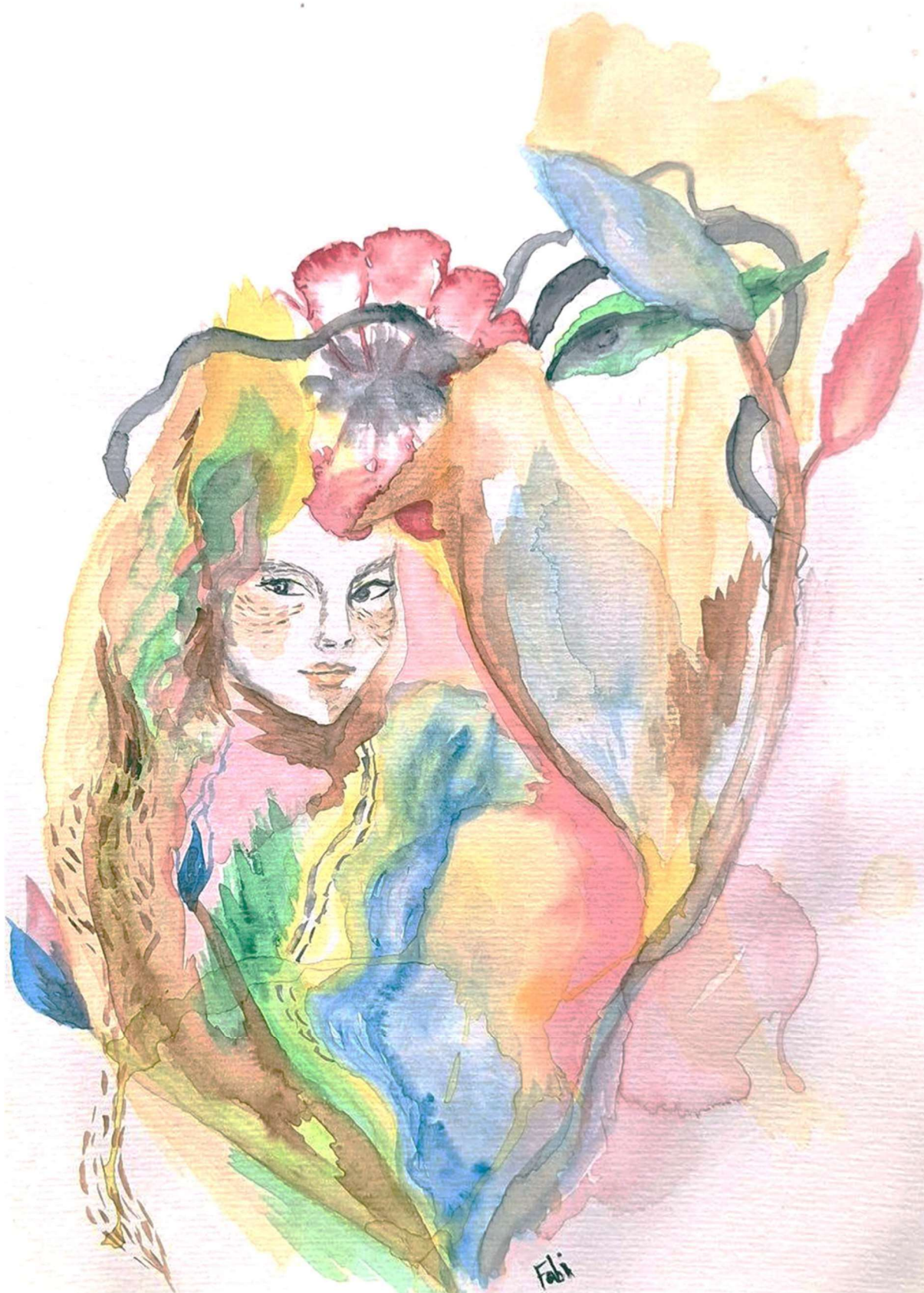


57

Por sobre as serras Meu tom de terra
Me confunde o corpo
cor de semente de sucupira
Por sob a sombra O caminho e a pegada Ardo em trilhas (defogo)

Grandes Reencontros - Sony Fersek

⁵⁷ Pintura produzida por Oliveira (2024), no dia 26 de setembro.



58

⁵⁸ Pintura produzida pela autora e realizada no “Encontro Vidar + Amplia”, disponível em: <https://youtu.be/dkpLMoe6MVE>.

Composições amazônidas da mulher-pássaro

As linhas se entrelaçam, Onde elas vão?

O que vai acontecer?

Elas não são a fuga do mundo.

Elas nos levam para um lugar novo.

Uma deformação de si. Qual é a transformação? A metamorfose?

Quais devires que elas causam?

Sua composição:

Esse corpo é atravessado por linhas.

– Um risco desenhado de existência

(encontro-me no meio do caminho)

– Cores variadas pelo corpo,

Linhas azuis, laranja-sussurro, verde-infinito amarelo-fascínio,

plumagens iridescentes.

– Pintado com tinta onírica outras mais aguadas,

outras secas, outras invisíveis.

– Penas, papel, pele.

– Palavras, poemas, fantasias e sonhos.

– Respiros profundos e escuta sensível.

– Pedacos de silêncio guardados no bolso.

– Feito de sons:

Canto de pássaros ao amanhecer, Sussurro de plantas e árvores, Risos espalhafatosos.

– Um corpo em constante rasura.

– Com rastros de amazônias,

Voos em amazônia-vida, amazônia-repetição-diferença, amazônias-alegres-coloridas, amazônias-sensações.

Assume as cores vivas, o estranho. O mundo que parece pequeno de cima, depois grandioso de baixo

é visto por igual.

Contagiado pelos saltos, também voa. E em visão fontana,
pode transver.

A pesquisadora-professora-amazônida-etc agora é a própria
pesquisa.

Se transformou em palavras, poemas, pinturas, músicas,
pássaro.

Nas plumagens, Arte. Arte da pintura, arte da escrita,
Arte da vida.

Em um corpo bagunçado, exposto, encantado, múltiplo
carrega canetas, tintas, papéis, pincéis,
borrachas, tesouras...

Um ateliê ambulante e vivo. Possui um pouco de tudo,
sonha, inventa, voa Não cabe em um eu

E tem sempre alguma surpresa entre as penas iridescentes O
que o corpo pode?

O corpo precisa multiplicar-se.

Amazônias como obra de Arte

Essa composição, que começou pelas cores e saltou pelos voos e plumagens, refazem trajetos e abrem novas camadas de pensamento, me conduzindo a outras perguntas, outros deslocamentos, outros modos de viver. Que Amazônias nascem nesses deslocamentos? Dos cotidianos atentos? Amazônias que se revelam como múltiplas, fluídas, e que não se limitam às imagens estáticas de cartões-postais ou à dureza de laboratórios.

Essas amazônias, que pulsam entre arte e ciência, provocam: como pensar o ensino de ciências para além das estruturas rígidas e das receitas prontas? Talvez as amazônias sempre abertas a recriações, que escorrem pelos dedos, como seus rios sinuosos de experimentações.

Amazônias para além de binarismos. Que não rejeitam a ciência exata, com seus cálculos e previsões, mas buscam ampliá-la, abrindo espaço para uma ciência que ouve os cantos dos pássaros e as narrativas dos velhos que sabem como o rio se move. Uma ciência que se deixa afetar.

Uma ciência que cria, seja com palavras e imagens, sensações, perceptos, afectos, devires. Que segundo Soares (2013) é um modo de fazer ciência comprometido com a sobrevivência e com o vivido, mas que os ultrapassa em busca da expansão e da afirmação da vida. Um modo de fazer ciência que institua a vontade de poder, de potência, de invenção, e o querer sempre mais como sinal de força, saúde, direito e vida. Para todos.

No ensino de ciências, essas amazônias habitadas por humanos e não-humanos, por vidas e saberes, desafiam o pensamento e a prática. Aqui, as ciências podem se fazer em revoada, coloridas, inventivas, improvisadas, atravessadas pela arte, por encontros entre coisas e seres, entre disciplinas e extravios. Ciência que se aproxima da experiência estética artística, pois a ciência é descoberta, novidadeira, fantástica, detetivesca, inventiva, como diria Chaves (2017).

E o que permanece marcado na pele, nos olhos, na mente e no coração da mulher-pássaro? Ficam os traços de experiências, ficam as dúvidas e o desejo de se manter tentante e viva. A partir desses voos, percebo que a amazônia é um espaço de encontros e conflitos, onde linhas duras e de fuga se entrelaçam em constante movimento.

Inquieto e aprendente, meu corpo se tornou extensão desse percurso. Nos voos e pousos, deslocamentos e experimentação. Minha docência se torna, assim, um encontro com a vida, entre formalismos e gestos despretensiosos. Coloco-me em exercícios de reinvenção, aprendendo a habitar amazônias outras, tão pequenas que atravessam as camadas cristalizadas e voam.

Trazer essa composição para o mundo foi como desatar um nó que eu mesma apertava para esconder o peso do erro em mim. Mas o erro, descobri, carrega uma abertura, uma brecha para o novo, um confronto direto às normas e ao que se espera. Essa percepção, tardia, mas transformadora, me fez entender que escrever sobre si é também um ato de exposição.

Incorporar o estudo ao cotidiano é como misturá-lo à pele. Ele se conecta a tudo que vejo, sinto e toco. E, entre voos cansativos e não planejados, a descoberta de que revoar pelas incertezas não é fraqueza, mas potência, fez meus pés tremerem e saltarem do chão. Descobri que, embora voar sozinho tenha seu valor, é nas trocas, nos sorrisos e nas partilhas que encontramos e nos recarregamos de vida.

As linhas azuis que agora cruzam o corpo, me levam a colar poemas e palavras em mim mesma, uma colagem de memórias, desejos e possibilidades que sempre

estiveram ali, desde a infância. Cores que nunca saíram, mesmo quando escondidas. Agora, anseio por tantas outras trocas, por leituras e escritas que ainda precisam desaguar. Quero que reverberem, que escapem das paredes do quarto, da casa, da universidade, da cidade. Que ressoem para além.

Nesse limiar, entre o ar e a terra, entre certezas e dúvidas. Um trecho do poema de Carlos Drummond de Andrade.

*vira mulher ou pássaro? No rosto, essa mesma expressão aérea ou grave,
esse indeciso traço de sol-posto,
de fuga, que há no bico de uma ave.
Soneto do pássaro.*

Esta escrita me faz querer permanecer mergulhada nas profundezas inventivas do mundo. Em sensações. Em vida. Em experimentações. Palavras que já repeti tantas vezes, mas é nelas que percebo as amazônias costuradas, vivas, em fluxo.

Talvez seja a transvisão, essa lente que insiste em me fazer ver o avesso das coisas. Um modo de perceber o mundo com o corpo, de me permitir experimentar sem medo de errar. Eu convido quem lê estas linhas a também se lançar. A se abrir ao que está além do conhecido, do seguro. Transver é um ato de disponibilidade, de criação.

Contaminada pelo olhar de pássaro, em visão fontana, fui conduzida para outras possibilidades de amazônias. Um olhar de arte, colorido e vibrante. E nesse processo, me questionava em certos momentos, alcancei os resultados que esperava? Talvez os resultados tenham sido outros. Talvez não haja um resultado único, mas sim a possibilidade de seguir atravessando e escorrendo.

É nesse entrelaçar que noto, mais uma vez, o sol nascendo lentamente, trazendo com ele um novo dia. Fui despertada pelo som insistente de outros pássaros, como se me chamassem para o movimento. Tomo o último gole quente de café e, enquanto organizo minha bolsa de crochê, procuro uma música para acompanhar minha saída.

“Eu quero nascer, quero viver”, cantarolo com Cartola.

Por fim, nesta narrativa, não sei como colocaria um ponto final.

Afinal, deparo-me com outra pessoa, outro ser. Seria ainda pássaro? Ou Minhoca? Borboleta? Onça? O tempo dirá.

Por ora, salto.

REFERÊNCIAS

- ALCANTÂRA, Sarah Bernadette de Carvalho. Que pode um corpo? Espinosa e deleuze, o desejo como produção. **Profanações**, Ano 6, p. 220-237, 2019.
- BANDEIRA, M. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1967.
- BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas** – A terceira infância, São Paulo: Editora Planeta, 2008
- BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. **Cartografar é acompanhar processos**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana. Pistas do método da Cartografia. Porto Alegre: Sulina, p. 52-75, 2009.
- BASTOS, Sandra Nazaré Dias; CHAVES, Sílvia Nogueira. Professor, Pesquisador, Cientista: os discursos que forjam professores de Ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS – IX ENPEC, 9., 2013, **Anais**, Águas de Lindóia, São Paulo, 2013.
- BECKER, Carolina. **A mulher pássaro**. Ilustrações de Patrícia Grabowski. Palhoça, SC.: Ed. da Autora, 2024.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Abril. 2002. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.
- CARVALHO, Daniela Franco; ESTEVINHO, Lucia de Fatima Dinelli. Formar-se professor com amor, festa e devoção. In: Váldina Gonçalves da Costa.(Org.). **Teorizando a prática e praticando a teoria na formação de professores**. 1ed.Campinas: Mercado de Letras, 2019, v. único, p. 123-132.
- CANTON, Kátia. **Espelho de artista**. 2 ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- CHAVES, Sílvia Nogueira. Da tomada de consciência à invenção de si: uma trajetória na pesquisa narrativa e autobiográfica. In: FEITOSA, Raphael Alves; SILVA, Solonildo Almeida da (Org.). **Metodologias emergentes na pesquisa em ensino de ciências**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.
- CHAVES, Sílvia Nogueira. Um chão sem fronteiras: ciência e arte na sala de aula, In: FERREIRA, Marcia Serra; CHAVES, Sílvia Nogueira; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de; GASTAL, Maria Luiza de Araújo; BASTOS, Sandra Nazaré Dias (Org.). **Vidas que ensinam o ensino da vida**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020.
- CHAVES, Sílvia Nogueira. **Reencantar a ciência e reinventar a docência**. São Paulo: Editora da Física, 2013.
- COELHO, Alberto, FARINA, Cynthia. (2019). Cartografando uma pesquisa

cartográfica em educação com arte. **Formas afônicas e per-forma**. Revista Digital Do LAV, 12(2), 164–180.

CONNELLY, F. Michael; CLANDININ, D. Jean. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, Jorge et al. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Laertes, S. A. de Ediciones, 1995.

CORAZZA, S. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**, v.1. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre-RS: UFRGS; Doisa, 2013.

CORDEIRO, Maria Audirene de Souza. “**A canoa da cura ninguém nunca rema só**”: o se ingerar e os processos de adoecer e curar em Parintins (AM), 2017.

COSTA, M. de O.; OLIVEIRA, C. B. de. Fabricação midiática e literária: tecendo os fios discursivos de uma Amazônia. **Ciências em Foco**, Campinas, SP, v. 10, n. 2, 2018.

COSTA, Mônica de Oliveira. **A Amazônia é aqui?** Redes que tecem a Amazônia discursiva no ensino de ciências. Tese - Doutorado - Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação Matemática e Científica, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Belém, 2017.

COUTO, M. **Vagas e lumes**. 2. ed. Alfragide: Caminho, 2015. DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado – Rio de Janeiro: Graal, 1988, 1ª edição, 2006.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 3ª edição, 2010.

DELEUZE, G; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DIAS, Susana. Perceber-fazer floresta: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. **ClimaCom** – Florestas, Campinas, ano 7, n. 17, Jun. 2020.

DIEDERICHSEN, Maria Cristina Ratto. **PESQUISAR COM A ARTE**: devir-pesquisa, devir-arte. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2018.

EMICIDA; VANESSA DA MATA. Passarinhos. Rio de Janeiro: Laboratório Fantasma, 2015. Disponível em: <https://youtu.be/IJcmLHjjAJ4?si=LDjU3oLffG47X-EM>. Acesso em 23 dez. 2024.

FERSEK, Sony. Grande reencontro. **Caderno de leitura**: leituras indígenas. Clube de Leitura BCCP pelo Projeto Arte na Biblioteca, da Biblioteca Central do Campus do Pici Prof. Francisco José de Abreu Matos (BCCP) da Universidade Federal do Ceará (UFC), 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade**. In: Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. ESTRANHAMENTOS. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 1, p. 131-144, jan. 2018.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia**: encruzilhada civilizatória, tensões territoriais em curso. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. **GEOgraphia**, v. 8, n. 16, 2010.

JANDER MANAUARA. Chama o cara de índio. Manaus: Catarse, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MYIzkNpCOxE>. Acesso em 1 set. de 2024.

KASTRUP, V. Educação e invenção em tempos de incerteza. In: VOLZ, J.; PRATES, V. (Orgs.). **Incerteza viva**: processos artísticos e pedagógicos. BIENAL DE SÃO PAULO, 32. Anais [] São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LISPECTOR, Clarice. **O Búfalo**, in: Laços de família. Rio de Janeiro: Rocco, 1960.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LISPECTOR, Clarice. **Onde estivestes de noite**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. 5ª edição. Manaus: Valer Editora, 2015.

Lucinda, Elisa e Alves, Rubem. **A poesia do encontro**. Campinas, SP: Editora Papirus/7 Mares, 2008.

SILVA, Maria Eduarda Góes Barboza da; FERREIRA, Mateus Evaldo Hughes; KETTLE, Wesley Oliveira. Devires da Amazônia Colonial: Animais e a floresta nos relatos de viagem sob uma perspectiva deleuze-guattariana. **Revista 2i**: Estudos De Identidade E Intermedialidade, 2023.

MARTINS, Marília Frade; CHAVES, Silvia Nogueira. Outras correntezas: pesquisa (auto)biográfica como espaço de forma(cria)ção. **Revista Areté** - Revista Amazônica

de Ensino de Ciências, v. 23, n. 37, p. e24020, jul. 2024. ISSN 1984- 7505.

MELLO, Thiago de. **Vento Geral**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

NOVOS BAIANOS. Mistério do planeta. Rio de Janeiro: Som Livre, 1976. Disponível em: <https://youtu.be/Eb5E3TzOobw?si=-eepmciAlRUGsqBp>. Acesso em 15 jan. 2025.

O Fabuloso Destino de Amélie Poulain. Direção: Jean-Pierre Jeunet. Produção de Helmut Breuer, Bastian Griesse, Claude Ossard. França, 2001.

OLIVEIRA, Caroline; COSTA, Mônica; AIKAWA, Monica. Retrato da autobiografia enquanto coisa. **ClimaCom** – Ciência. Vida. Educação, Campinas, ano 10, n. 24., mai. 2023.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de.; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**, v.23, n.3(69), p.159-178, set./dez. 2012.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo, desejo e experiência. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, p. 277-293, 2009.

PARAISO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-crítica em educação. O currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas? In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAISO, Marlucy Alves (orgs.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2012.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; DA ESCÓSSIA, Liliana (Org.). Pistas do método da cartografia. **Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEREIRA, Juliana Cristina (Juliana Crispe). **Cartografias afetivas**: proposições do professor-artista-cartógrafo-etc. 2016. 286 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SALVO, Fernanda; RODRIGUES, Miguel França. Jornalismo e sociedade: as concepções de amazônia nos discursos da agência de notícias amazônia real. **Jamaxi**, 2021.

SABINO, Kelly. Arte e estética da existência: algumas considerações para a docência. **Revista Digital** do LAV 17(1). 2024.

SALES, Tiago Amaral; RIGUE, Fernanda Monteiro; DALMASO, Alice Copetti. Modos de Habitar o Mundo: uma educação em ciências com/em meio à/pela vida. **Educação & Realidade**, v. 48, p. 1-24, 2023. Doi: <https://doi.org/10.1590/2175-6236124171VS01>.

SAMPAIO, Shaula M. V. **Notas sobre a “fabricação” de educadores/as ambientais**: identidades sob rasuras e costuras. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós- Graduação em Educação / UFRGS, Porto Alegre, 2005.

SILVA, D. **A vida íntima das palavras**. São Paulo: Arx, 2002.

SILVA, Juliana Araújo; LIMA, Elizabeth M. F. A. Ocupar-se de nada, povoar-se de muito: experimentações entre as artes e a vida. **Cadernos De Subjetividade**, p. 151–162, 2014.

SILVA, Leonardo Nolasco; SOARES, Conceição. Pesquisa nos/dos/com os cotidianos: como pensamos os projetos, os sujeitos e as experiências em educação. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 3, n. 2, pp. 176-188. 2015.

SILVA, Jaqueline Melo de Almeida. **Os poemas de Manoel de Barros na perspectiva da linguística textual**. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Letras) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2017.

SOARES, Maria da Conceição Silva. Pesquisas com os cotidianos: devir-filosofia e devir-arte na ciência. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 731-745, jul./set. 2013.

QUINTANA, Mario. Caderno H. In: . **Mario Quintana: poesia completa: em um volume**. Organização de Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. p.234- 379.

VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault & a Educação. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. . **Na Oficina de Foucault**. In: KOHAN, Walter; GONDRA, José (org). Foucault 80 anos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Vinci, Christian F. R. G. **Lenta-voragem: experimentação e prudência nas pesquisas educacionais deleuzoguattarianas** (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ZORDAN, Paola. Arte com Nietzsche e Deleuze. **Educação & Realidade**, 2005.